



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ, UNESPAR, CAMPUS DE
CAMPO MOURÃO**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA -
BACHARELADO**

CAMPO MOURÃO

SETEMBRO, 2017

Coordenadora do Curso:

Sandra Terezinha Malysz

EQUIPE RESPONSÁVEL

Colegiado de Geografia

Ana Paula Colavite
Áurea Andrade Viana Andrade
Cláudia Chies
Edson Noriyuki Yokoo
Eloisa Silva de Paula Parolin
Fábio Rodrigues da Costa
Gisele Ramos Onofre
Jefferson Queiroz Crispim
José Antônio da Rocha
Marcos Clair Bovo
Mauro Parolin
Nair Gloria Massoquim
Oséias Cardoso
Sandra Terezinha Malysz
Victor da Assunção Borsato
Zilda Ferreira Leandro

Discentes:

Cíntia Silva dos Santos
Thainá Caroline Pepino
Taila Lorena de Souza
Dienifer Fernanda dos Santos

SUMÁRIO

1. CURSO	6
1.1. IDENTIFICAÇÃO CURSO.....	6
1.2. TURNO DE FUNCIONAMENTO E VAGAS.....	6
2. LEGISLAÇÃO SUPORTE AO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO.....	7
2.1. BREVE HISTÓRICO DO CURSO	7
2.2. LEGISLAÇÃO DE CRIAÇÃO DO CURSO	15
2.3. LEGISLAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO CURSO	16
2.4. LEGISLAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO.....	16
2.5. LEGISLAÇÃO BÁSICA	16
3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	19
3.1. JUSTIFICATIVA	19
3.2. CONCEPÇÃO, FINALIDADES E OBJETIVOS.....	21
3.2.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A GEOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA.....	21
3.2.2. FINALIDADES DO CURSO DE GEOGRAFIA	28
3.2.3. CONTEXTO DA REGIÃO	30
3.2.4. OBJETIVOS	33
3.3. METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM	34
3.4. AVALIAÇÃO	40
3.4.1. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	40
3.4.2. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO E AUTOAVALIAÇÃO.....	42
3.5. PERFIL DO PROFISSIONAL.....	43
4. ESTRUTURA CURRICULAR.....	44
5. DISTRIBUIÇÃO ANUAL DAS DISCIPLINAS.....	46
5.1. DISCIPLINAS PRÉ-REQUISITOS PARA O BACHARELADO	48
6. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES.....	
6.1. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO 1º ANO	50
6. 2. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO 2º ANO	57

6.3. EMENTAS DAS DISCIPLINAS NO 3º ANO.....	63
6.4. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO 4º ANO.....	69
6.5. DISCIPLINAS OPTATIVAS.....	75
7. ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE GEOGRAFIA	91
7.1. ESTÁGIO PROFISSIONAL SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	98
7.2. CURRICULARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO	99
7.3. PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO.....	101
7.3.1. PROGRAMA UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS - USF.....	101
7.3.2. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO - PIBEX.....	102
7.3.3. PROGRAMA CINESPAR - PROGRAMA DE CINEMA ITINERANTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR).....	102
7.3.4. PROGRAMA DE EXTENSÃO: DIAGNÓSTICO DE POTENCIALIDADE LOCAL NA MICRORREGIÃO DE CAMPO MOURÃO.....	103
7.3.5. PROGRAMA - PLANO DE MANEJO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO CERRADO PROF. ^a DIVA APARECIDA CAMARGO	103
7.3.6 PROGRAMA CIRANDA.....	104
7.3.7. PROGRAMA CREAJR-PR.....	104
7.3.8. PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO DE CURSOS DA UNESPAR	104
7.3.9. PARANÁ FALA INGLÊS	105
7.3.10. PROJETOS DE EXTENSÃO COORDENADOS PELO COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA	105
7.4. DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS PELO COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA.....	106
7.4.1. RELAÇÃO DOS PROJETOS DE PESQUISA COORDENADOS PELOS PROFESSORES DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA	106
7.4.2. PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIC.....	108
7.4.3. PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JUNIOR – PICjr.....	109
7.4.3. REVISTA GEOMAE - GEOGRAFIA, MEIO AMBIENTE E ENSINO	109
7.4.4. GRUPOS DE PESQUISA DE PARTICIPAÇÃO/COORDENAÇÃO DOS PROFESSORES DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA	
7.4.5. PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, MEIO AMBIENTE E ENSINO.....	110
7.5. EVENTOS ORGANIZADOS PELO COLEGIADO DE GEOGRAFIA	110

7.5.1. SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS – SEURB.....	110
7.5.2. CICLO DE PALESTRAS EM GEOGRAFIA	111
7.5.3. ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO - ENIEDUC.....	111
7.5.4. ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA GERA – ENDER/SEMAGE	112
7.5.5. REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA PALEO PR/SC	112
8. CORPO DOCENTE.....	113
9. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	115
10. INFRAESTRUTURA DE APOIO DISPONÍVEL	116
10.1. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM COORDENADOS PELO COLEGIADO DE GEOGRAFIA - ESTRUTURA FÍSICA E EQUIPAMENTOS.....	116
10.1.1. LABORATÓRIO DE CARTOGRAFIA E AEROFOTOGRAMETRIA - GEOCARTO	116
10.1.2. MUSEU E LABORATÓRIO DE GEOLOGIA	117
10.1.3. LABORATÓRIO DE SEDIMENTOLOGIA/PEDOLOGIA	118
10.1.4. LABORATÓRIO DE PESQUISA GEOAMBIENTAL - LAPEGE	118
10.1.5. LABORATÓRIO DE ESTUDOS PALEOAMBIENTAIS DA FECILCAM – LEPAFE	119
10.1.6. LABORATÓRIO DE GEOPROCESSAMENTO E SENSORIAMENTO REMOTO - LAGSER.....	120
10.1.7. LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS - LABEUR.....	121
10.1.8. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO CERRADO PROFESSORA DIVA APARECIDA CAMARGO	121
10.1.9. LABORATÓRIO DE CLIMATOLOGIA DE CAMPO MOURÃO - CAMPOCLIMA.....	122
10.1.10. LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA HUMANA - LAGEOH.....	124
10.1.11. CINESPAR	124
10.2. ACESSO ÀS BIBLIOTECAS E BANCO DE DADOS.....	125
10.3. OUTROS ÓRGÃOS DE APOIO AO CURSO	126
10.3.1. CENTRO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DA UNESPAR - CEDH	126
10.3.2. CENTRO DE LINGUAS – CELIN.....	126
10.3.3. COLÉGIO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DO CREA-PR.....	127
REFERÊNCIAS.....	
ANEXOS:.....	130
ANEXO A - REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO PROFISSIONAL SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA DO CURSO DE GEOGRAFIA	

BACHARELADO, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR, CAMPUS DE CAMPO MOURÃO.....	130
ANEXO B - REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC, DO CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR, CAMPUS DE CAMPO MOURÃO	135
ANEXO C - REGULAMENTO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES DO CURSO DE GEOGRAFIA	138

1. CURSO

1.1. IDENTIFICAÇÃO CURSO

CURSO	Geografia	
ANO DE IMPLANTAÇÃO	2003	
CAMPUS	Campo Mourão	
CENTRO DE ÁREA	Centro de Ciências Humanas e da Educação	
CARGA HORÁRIA	Em horas/aula: 3.864	Em horas/relogio: 3.220
HABILITAÇÃO	<input type="checkbox"/> Licenciatura	<input checked="" type="checkbox"/> Bacharelado
REGIME DE OFERTA	<input checked="" type="checkbox"/> Seriado anual com disciplinas anuais; <input type="checkbox"/> Seriado anual com disciplinas semestrais; <input type="checkbox"/> Seriado anual com disciplinas anuais e semestrais (misto).	

1.2. TURNO DE FUNCIONAMENTO E VAGAS

TOTAL DE VAGAS OFERTADAS ANUALMENTE	40 vagas para o Curso de Geografia Bacharelado/Curso de Geografia Licenciatura*	
PERÍODO DE FUNCIONAMENTO/VAGAS POR PERÍODO	<input type="checkbox"/> Matutino <input type="checkbox"/> Vespertino <input checked="" type="checkbox"/> Noturno <input type="checkbox"/> Integral	Número de vagas: Número de vagas: Número de vagas: 40* Número de vagas:

*O Curso de Geografia Licenciatura/Bacharelado oferece 40 vagas anuais para o processo seletivo de ingresso no Campus de Campo Mourão. Nas duas primeiras séries, as disciplinas integrantes da Matriz Curricular são comuns tanto para o Curso de Geografia - habilitação Bacharelado quanto para a habilitação Licenciatura. Ao término da segunda série, os alunos fazem a opção pela habilitação de sua preferência, uma vez que, a partir da terceira série, a Matriz Curricular do Curso de Geografia Bacharelado é distinta daquela oferecida pelo Curso de Geografia Licenciatura. Os alunos que concluírem o Curso, na habilitação escolhida, podem reingressar na Instituição, na condição de portadores de diploma, para cursar a outra habilitação oferecida.

** As atividades do Estágio Curricular Supervisionado ocorrerão em horário disponibilizado pelos ambientes profissionais nos quais o Estágio será realizado. Parte das atividades práticas e das atividades de extensão ocorrerá aos sábados, durante o dia ou em horários adequados a tais atividades, quando compreenderem aulas de campo ou atuação junto à comunidade.

2. LEGISLAÇÃO SUPORTE AO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO

2.1. BREVE HISTÓRICO DO CURSO

A Faculdade de Ciências e Letras Campo Mourão - Facilcam foi criada em 1972 por meio da Lei Municipal nº 26/72. Originalmente, era uma fundação de direito privado mantida pela Fundação de Ensino Superior de Campo Mourão - Fundescam. Em 1974, a Instituição recebeu autorização para entrar em funcionamento através do Parecer nº 1.013 e do Decreto Federal nº 73.982, ambos de 24 de abril de 1974. Conforme estabelecido nas normas jurídicas, os primeiros cursos a serem ofertados para a comunidade de Campo Mourão e região foram Estudos Sociais, Letras e Pedagogia, todos de Licenciatura Curta. As aulas tiveram início em 03 de junho de 1974.

Em 1978, por meio da Lei Municipal nº 191/78, de 24 de abril de 1978, a Instituição foi convertida em uma fundação de direito público e continuou a ser subvencionada pela Fundescam.

No dia 15 de janeiro de 1987, a Faculdade foi transformada em entidade Estadual de Ensino Superior pelo Decreto Lei nº 8.645/87 e regulamentada em 27 de abril de 1987, quando recebeu a denominação de Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão - Fecilcam. O processo de transformação da Faculdade Estadual de Campo Mourão em Universidade Estadual do Paraná - Unespar começou a se efetivar através da Lei nº 13.283 de 2001, alterada pela Lei 15.500 de 2006, e pela Lei Estadual nº 17.590, de 12 de junho de 2013.

O curso de **Geografia Bacharelado** foi implantado no ano de 2003, na então Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, com uma Matriz Curricular complementar ao Curso de Geografia Licenciatura Plena. Já o Curso de Geografia Licenciatura Plena se originou do Curso de Estudos Sociais, implantando em 1974 e reconhecido pelo Decreto Federal nº 78.579, de 14 de outubro de 1976.

Em meados da década de 1980, o curso de Estudos Sociais começou a apresentar baixa demanda no vestibular. Assim, em 1982, a Facilcam realizou entre os egressos do

Curso, e estudantes do ensino médio, uma pesquisa de demanda por novos cursos de licenciaturas. O resultado revelou uma maior procura pelo curso de Geografia, em função da carência de docentes desta disciplina no Ensino Básico de Campo Mourão e região, e, do mesmo modo, em razão da ausência de concursos públicos abertos pela Secretaria de Estado da Educação (SEED) para professores com habilitação em Estudos Sociais. Esses fatos contribuíram para o processo de conversão do curso de Estudos Sociais - Licenciatura Curta em curso de Geografia - Licenciatura Plena, conforme estabelecido no Processo nº 401/82 do Conselho Estadual de Educação do Paraná (CEE).

O funcionamento do curso de Geografia Licenciatura Plena foi autorizado por meio do Decreto Federal nº 270/82 e da Portaria MEC nº 70, de 17 de fevereiro de 1983, posteriormente retificada pela Portaria nº 339/89, de 23 de maio de 1989. O Curso obteve o seu reconhecimento pelo Parecer CEE nº 108/90, em 08 de junho de 1990.

Em decorrência desse processo, no ano letivo de 1984 realiza-se o primeiro vestibular para o curso de Geografia Licenciatura Plena. O Curso possuía uma carga horária total de 2.200 horas e funcionava no período noturno, em regime semestral, com 80 vagas.

O curso de Geografia manteve-se em regime semestral até o ano letivo de 1990 quando foi convertido para o regime seriado (disciplinas anuais), o que implicou na reformulação da Matriz Curricular. A carga horária total do Curso foi elevada para 2.400 horas, conforme disposto na Portaria CEE nº 108/90, de 08 de julho de 1990.

Em 1995, no Parecer CEE nº 229/95, de 10 de novembro de 1995, aprovou-se a redução do número de vagas do Curso e a partir de 1996, as 80 vagas disponíveis para o processo seletivo foram reduzidas para 40. Os motivos alegados no documento foram: o número excessivo de alunos em salas de aula prejudicava o desempenho dos acadêmicos, o que podia ser verificado pelos altos índices de reprovação e evasão; as limitações dos espaços físicos das salas de aula e dos laboratórios, incapazes de acomodar turmas numerosas; e, por fim, a baixa procura pelo Curso nos vestibulares.

Em 2001, atendendo as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs, o Departamento de Geografia elaborou um novo Projeto Político Pedagógico, reformulando a Matriz Curricular e solicitando a implantação do Bacharelado (complementação no 5º ano) ao Conselho Estadual de Educação. Em dezembro de 2001, o CEE encaminhou uma comissão constituída pelo Conselheiro Teófilo Bacha Filho, pela Profª Drª Ana Maria Muratori da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pela perita Gisele Cristina Siqueira da Silva Seixas para que fosse realizada uma avaliação *in loco* do Curso.

Conforme o Parecer CEE nº 265/02, de 5 de abril de 2002, foram aprovadas as alterações solicitadas para o Curso de Licenciatura em Geografia, com carga horária de 2.400 horas, e implantação no ano letivo de 2002. No mesmo documento, foram analisadas as condições da infraestrutura e do corpo docente para a implantação do Bacharelado em Geografia (5º ano).

Assim, após a realização dos ajustes necessários apontados no documento anterior, no Parecer CEE nº 935/02, de 03 de outubro de 2002, aprovou-se a adequação da proposta pedagógica do curso de Geografia - Licenciatura à Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002, principalmente, em relação a duração mínima do Curso (2.400 horas) que estava em desacordo com a Resolução, a qual estipulava um mínimo de 2.800 horas. A partir de alterações realizadas como a inclusão das atividades de Estágio Supervisionado, atividades práticas, atividades acadêmico-científico-culturais, e com implantação a partir do ano letivo de 2003, o curso de Geografia passou a ter as seguintes características:

Modalidade: Licenciatura Plena

Carga Horária: 2.920 horas

Turno de funcionamento: diurno e noturno

Regime de matrícula: seriado anual

Integralização do curso: mínimo de 4 anos e máximo de 7 anos

Número de vagas: 80 anuais (40 vagas para o diurno e 40 vagas para o noturno).

No entanto, ocorreu um imbróglio com o registro dos diplomas da primeira turma de bacharéis em Geografia que, na ocasião, eram enviados para “apostilamento” no setor de Divisão de Registro e Diplomas da Universidade Estadual de Londrina. O setor responsável constatou que não houve atendimento à Resolução CNE/CP nº 1 e 2, de 18 e 19 de fevereiro de 2002, a nova Matriz Curricular não tinha sido homologada, e a inexistência de decreto estadual reconhecendo o curso de Geografia – Bacharelado, bem como renovando o reconhecimento do curso de Licenciatura.

A confusão se deu em razão da data do Parecer CEE nº 265/02, que chegou ao conhecimento da Instituição somente no mês de abril de 2002. Portanto, com o ano letivo já iniciado, o Curso permaneceu no decorrer de 2002 com a Matriz Curricular anterior. Em 2003, a Fecilcam ofertou a nova Matriz Curricular alterada e aprovada pelo CEE/PR, por meio do Parecer nº 935/2002, de 03 de outubro de 2002, em atendimento às citadas resoluções.

Para a solução do caso, foi elaborada a regulamentação das Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais e redigido um novo Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado. Os documentos foram encaminhados para a Secretaria de Ciência,

Tecnologia e Ensino Superior - SETI, para a qual foi solicitada a emissão pela Casa Civil de decreto governamental de reconhecimento do Curso.

Em dezembro de 2005, a Fecilcam encaminhou os projetos pedagógicos para regularizar a situação jurídica do Curso de Geografia. Contudo, a SETI, antes de solicitar a emissão do decreto governamental, exigiu a realização de outras alterações na Matriz Curricular:

- a) As Atividades Acadêmico-Científicas e Culturais, que estavam distribuídas a cada ano letivo, passaram a ser computadas somente no final do ano;
- b) As disciplinas de Metodologia e Prática do Ensino Fundamental e Médio passaram a ser denominadas de Estágio Curricular Supervisionado de Ensino Fundamental e Médio (de acordo com a SETI, as disciplinas mencionadas não correspondiam ao Estágio Supervisionado);
- c) A disciplina de Elaboração e Execução de Projeto Ambiental passou, também, a ser denominada de Estágio Supervisionado em Educação Ambiental;
- d) A disciplina Seminários foi suprimida e a carga horária passou para as Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais.

Para a SETI, as mudanças poderiam ser realizadas normalmente, uma vez que a primeira turma da nova Matriz Curricular somente se formaria no final do ano letivo de 2006. Neste mesmo ano, no mês de julho, realizou-se a revisão do Projeto Político Pedagógico do Curso, atendendo as orientações anteriormente citadas, e tomando-se decisões como aquela relativa ao decreto governamental de reconhecimento do curso de Geografia - Bacharelado.

No início do mês de agosto, o Projeto revisado foi encaminhado para a SETI. A Secretaria constituiu logo a seguir uma Comissão Verificadora, nomeada pela Portaria nº 20, de 11 de setembro de 2006.

No mês de outubro, a Fecilcam recebeu a visita da Comissão composta pela Prof^a Dr^a Chisato Oka-Fiori (UFPR) que, na condição de perita, avaliou a infraestrutura do Curso, analisou a Matriz Curricular, bem como a estrutura para o funcionamento do Bacharelado. Depois da sua análise, a perita encaminhou o Relatório para a SETI, e, após a conferência da documentação, enviou ao CEE/PR no final do mês de novembro de 2006.

Na opinião dos dirigentes da Instituição não havia necessidade de atender todas as alterações exigidas, pois, o Projeto estava de acordo com as DCNs no momento em que foi emitido o Parecer nº 935/2002. Contudo, para dirimir a questão, foram acatadas as orientações da SETI no mês de maio de 2007. O CEE convocou então representantes do curso de Geografia (Prof^a Áurea Andrade Viana de Andrade e Prof. Marcos Clair Bovo) para

alguns esclarecimentos, uma vez que o processo tornou-se complexo após as alterações citadas.

Após levantamento e esclarecimento dos fatos, o CEE/PR emitiu o Parecer nº 332/07 e o encaminhou à SETI para homologação. No que diz respeito ao Bacharelado (5º ano), foi emitido o Parecer CEE/CES nº 333/07, de 11 de maio de 2007, autorizando o funcionamento Curso. O Parecer foi encaminhado para a SETI e, finalmente, houve a emissão do Decreto Estadual nº 3825, de 19 de novembro 2008. É importante observar que o curso de Geografia - Bacharelado (5º ano) está em funcionamento desde a autorização concedida pelo CEE, sem ônus para o Estado.

O Parecer CEE/CES nº 332, de 11 de maio de 2007, validou a carga horária de 280 horas cumpridas pelos acadêmicos, sendo acrescida à carga horária contida no Parecer nº 935/02. Dessa forma, a carga horária do curso de Geografia - Licenciatura passou para 3.200 horas e a do Bacharelado para 4.000 horas (Parecer CEE/CES nº 333), em regime de complementação no 5º ano, conforme estabelecido no Parecer CEE nº 265/02, a partir do ano letivo de 2008.

As principais adequações de nomenclatura das disciplinas na nova Matriz Curricular do curso de Geografia foram: Matemática foi convertida para Geoestatística; Metodologia e Prática do Ensino de Geografia - Fundamental e Médio passou a ser denominada de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Fundamental e Médio (3º e 4º anos respectivamente); Elaboração e Execução de Projeto de Educação Ambiental foi transformada em Estágio Curricular Supervisionado em Educação Ambiental; a disciplina Seminários foi suprimida e a sua carga horária transferida para Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais.

Com as modificações realizadas, o curso de Geografia passou a ter as seguintes características:

Modalidade: Licenciatura, 3.200 horas, turnos: diurno e noturno
 Modalidade: Bacharelado, 4.000 horas, turno: diurno integral
 Regime de matrícula: Seriado anual
 Número de vagas/ Licenciatura: 40 vagas (diurno) e 40 vagas (noturno)
 Número de vagas/ Bacharelado: 20 vagas (diurno - integral)
 Integralização/Licenciatura: mínimo de 4 anos e máximo de 7 anos
 Integralização/Bacharelado: mínimo de 5 anos e máximo de 7 anos

No entanto, o Decreto Estadual nº 3825, de 19 de novembro de 2008, em conformidade com o Parecer CEE/CES nº 698/08, de 10 de outubro de 2008, aprovou a renovação do reconhecimento do curso de Geografia - Licenciatura e Bacharelado, pelo prazo de cinco anos, com alterações na proposta pedagógica relativas a: carga horária; número

de vagas; período de funcionamento (Bacharelado) e integralização. As alterações teriam de ser implantadas no Curso a partir dos anos letivos de 2008 (Licenciatura) e 2009 (Bacharelado), que passou a ter as seguintes características:

Modalidade: Licenciatura, 3.628 horas, turnos: diurno e noturno
 Regime de matrícula: Seriado anual
 Número de vagas: 40 vagas (diurno) e 40 vagas (noturno)
 Integralização: mínimo de 4 anos e máximo de 7 anos

Modalidade: Bacharelado, 4.440 horas, turno: noturno
 Número de vagas: 20 vagas (noturno)
 Integralização: mínimo de 5 anos e máximo de 7 anos
 Implantação: ano letivo de 2008

O PPP do Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura e Bacharelado foi atualizado por meio do Parecer CEE/CES nº 201/10, de 02 de setembro de 2010 e em vigor desde 2011, para atender ao disposto no Decreto Federal nº 5.626/2005, que regulamentou a Lei Federal nº 10.436/02 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, bem como o Artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. De acordo com a legislação federal citada, Libras tornou-se uma disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o ensino médio e superior em território brasileiro. Assim, para o Curso adequar-se às normas vigentes, a disciplina de Libras, com 72 horas, foi incorporada na Matriz Curricular no 4º ano (Licenciatura e Bacharelado).

No Parecer nº 201/10, o relator expôs ainda que o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, segundo a Deliberação CEE nº 04/06, estava contemplado na disciplina de Antropologia Social, constante no anexo C do Processo nº 1.464/10, da Fecilcam.

Em face das transformações didático-pedagógicas, entra em vigor no dia 21 de dezembro de 2011 o Regulamento das Atividades Complementares do curso de Geografia - Licenciatura e Bacharelado, vindo ao encontro das normas estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN e do Parecer CNE nº 2, de 19 de fevereiro de 2002. As atividades complementares passam a ser cumpridas a partir do primeiro ano até a conclusão do Curso (Licenciatura e Bacharelado), com o total de 200 horas.

Em 2011, a Fecilcam solicitou ao CEE a suspensão de 40 (quarenta) vagas do Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura do período diurno, a partir do ano letivo de 2011. Entre os motivos apontados estavam a baixa procura pelo Curso no vestibular e a evasão escolar.

A suspensão das vagas do turno diurno do curso de Geografia, aprovado pelo Parecer CEE nº 200/10, de 02 de setembro de 2010, não incorreu em perda de vagas no Ensino Superior, pois estas foram redistribuídas com a criação do curso de Licenciatura em História. As 40 vagas do curso de Geografia diurno, portanto, estão temporariamente suspensas, e poderão ser reabertas, posteriormente, de acordo com a demanda do Curso.

No ano de 2012, após autoavaliação realizada no Curso e debates entre a comunidade universitária, levantou-se a necessidade de dar mais autonomia para ambos os cursos (Geografia Licenciatura e Bacharelado). Iniciaram-se reuniões no Colegiado para a reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso, com o objetivo de promover mudanças necessárias em seu conteúdo, e visando ainda a renovação do reconhecimento dos dois cursos. Ao mesmo tempo, neste período, se configurava a transição da Fecilcam para Unespar.

A Unespar foi criada pela Lei Estadual nº 13.283, de 25/10/01, integrando em uma só autarquia denominada Universidade Estadual do Paraná as entidades de ensino superior que especificava. Com a edição da Lei Estadual nº 17.590, de 12/06/13, que alterou os dispositivos da Lei Estadual nº 13.283, de 25/10/01, concretizou-se a efetiva criação da Unespar em sua atual composição e definição na sede no município de Paranavaí, na Avenida Gabriel Experidião, S/N.

A Universidade Estadual do Paraná foi composta pelas seguintes Instituições, ora transformadas em campi: Faculdade de Artes do Paraná (Fap), Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (Fecilcam), Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (Fecea), Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí (Fafipa), Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá (Fafipar), Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (Fafiu); e Academia Policial Militar do Guatupê (APMG) e Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap).

Os campi receberam a seguinte denominação: I. Campus de Curitiba I – Escola de Música e Belas Artes do Paraná; II. Campus de Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná; III. Campus de São José dos Pinhais - Academia Policial Militar do Guatupê; IV. Campus de Campo Mourão – Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão; V. Campus de Apucarana – Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana; VI. Campus de Paranavaí – Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí; VII. Campus de Paranaguá – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá; VIII. Campus de União da Vitória – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.

A Universidade Estadual do Paraná tem por missão gerar e difundir o conhecimento científico, artístico-cultural, tecnológico e a inovação, nas diferentes áreas do saber, para a promoção da cidadania, da democracia, da diversidade cultural e do desenvolvimento humano e sustentável, em nível local e regional, estadual, nacional e internacional e se efetivou com a concepção de universidade como instituição social, pública, gratuita, laica e autônoma.

No contexto das mudanças vivenciadas com a consolidação da Unespar, o Projeto Pedagógico do Curso foi então reestruturado e aprovado no Colegiado de Curso no ano de 2014. Entre as mudanças realizadas, destacou-se uma maior autonomia para as duas habilitações distintas, Licenciatura e Bacharelado, sendo que, para ambos os cursos, as disciplinas das duas primeiras séries seriam comuns. A primeira série teria início com uma turma de 40 alunos e, a partir da terceira série, o estudante optaria pela habilitação de sua preferência. A Matriz Curricular, nas duas últimas séries, seria distinta, uma vez que as disciplinas estariam diretamente relacionadas às especificidades de cada profissional que se pretende formar: o professor ou o bacharel em Geografia. Neste aspecto, ambos os cursos teriam 4 quatro anos de duração. Ao concluir o curso escolhido, o estudante poderia ingressar no outro, a partir do terceiro ano, e obter assim uma nova habilitação. Outra mudança implementada na nova Matriz foi uma ênfase maior à Educação Ambiental nos diferentes componentes curriculares.

Entretanto, não foi possível encaminhar o Projeto Pedagógico do Curso aprovado no Colegiado para aprovação nas demais instâncias da Unespar e, conseqüentemente, para o CEE. O Colegiado do Curso foi orientado pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) a aguardar o Programa de Reestruturação dos Cursos da Unespar e, naquele momento, solicitar apenas a renovação do reconhecimento dos cursos ao CEE. O processo de renovação de reconhecimento do Curso de Geografia Licenciatura e do Curso de Geografia Bacharelado foi então encaminhado para o CEE, em 2015, sem as mudanças que o Colegiado de Geografia desejava e se propôs a realizar. Pelo Parecer CEE/CES nº 62/15, aprovado em 29 de julho de 2015, o CEE renovou o reconhecimento do Curso de Geografia Bacharelado, até 19 de novembro de 2018, determinando ainda a necessidade de adequação do projeto político pedagógico do curso ao contido na Resolução CNE/CP nº 01/02.

No Parecer CEE nº 38/16, determinou-se que o Projeto Pedagógico de Curso deveria ser adequado à Deliberação CEE nº 04/13, que institui Normas Estaduais para a Educação Ambiental no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, e ao estabelecido na Deliberação CEE/CES nº 02/15, que dispõe sobre as Normas Estaduais para a Educação em Direitos Humanos no Sistema Estadual de Ensino do Paraná.

Considerando, portanto, as determinações e recomendações dos pareceres do CEE (Parecer nº 62/15 e Parecer nº 38/16), o Colegiado de Geografia se organizou para uma nova reestruturação do Projeto Pedagógico de Curso. Novamente, o Colegiado foi orientado pela PROGRAD da Unespar a aguardar os encaminhamentos do Programa de Reestruturação dos Cursos da Instituição. E, a partir desse momento, o Colegiado se reuniu com o Núcleo Docente Estruturante (NDE) para diagnóstico, avaliação e estudos para elaborar o novo Projeto Pedagógico do Curso que se constitui no presente documento.

Entre as mudanças realizadas no Projeto Pedagógico do Curso de Geografia Bacharelado, organizado e aprovado pelo Colegiado de Geografia no ano de 2014, neste atual Projeto destacam-se: uma ênfase maior dos componentes curriculares em temáticas relacionadas aos direitos humanos e a diversidade de gênero, étnica e intergeracional; a curricularização das atividades de extensão; readequação do Regulamento do Estágio Curricular Supervisionado e do Regulamento das Horas Acadêmicas Complementares.

Nesta nova configuração, o Curso de Geografia Bacharelado ofertará 40 vagas e poderá ser concluído em 4 anos, em uma matriz curricular de 3.864 horas aula ou 3.220 horas relógio. Nos dois primeiros anos do curso, a matriz curricular é de núcleo comum ao Curso de Geografia Licenciatura e, no terceiro ano a matriz curricular do curso é específica para formação do geógrafo bacharel.

Assim, o Projeto Pedagógico de Curso de Geografia Bacharelado que se apresenta, concluído em 2017, atende as orientações do CEE, constantes nos pareceres de renovação e reconhecimento de Curso e às demandas sócioeducacionais verificadas nos estudos realizados pelo NDE e pelo Colegiado do Curso.

2.2. LEGISLAÇÃO DE CRIAÇÃO DO CURSO

- **Lei Municipal nº 26/72:** Criou a Faculdade de Ciências e Letras Campo Mourão – Facilcam, inicialmente uma fundação de direito privado. A Lei Municipal nº 191/78, de 24 de abril de 1978, converteu a Instituição em uma fundação de direito público, mantida pela Fundação de Ensino Superior de Campo Mourão – Fundescam. A Facilcam ofereceu desde 1972 o curso de **Estudos Sociais – Licenciatura Curta**.
- **Portaria MEC nº 70/83 de 17 de fevereiro de 1983:** Autorizou o funcionamento do Curso de Geografia – Licenciatura Plena em substituição ao curso de Estudos Sociais.

- **Portaria MEC nº 339/89 de 23 de maio de 1989:** Retificou a Portaria nº 70/83. O Curso de Geografia – Licenciatura Plena foi reconhecido pelo Parecer CEE nº 108/90 de 8 de junho de 1990.

2.3. LEGISLAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO CURSO

- **Portaria MEC nº 70/83 de 17 de fevereiro de 1983:** Autorizou o funcionamento do Curso de Geografia – Licenciatura Plena na Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, estadualizada pelo Decreto Lei nº 8.645/87, de 15 de janeiro de 1987.
- **Portaria MEC nº 339/89 de 23 de maio de 1989:** Retificou a Portaria nº 70/83. O Curso foi reconhecido pelo Parecer CEE nº 108/90 de 8 de junho de 1990.

2.4. LEGISLAÇÃO DE RECONHECIMENTO DO CURSO

- **Parecer CEE/CES Nº 62/15 de 29 de julho de 2015:** Renovação de reconhecimento do curso de graduação em Geografia - Bacharelado ofertado pela UNESPAR, *campus* de Campo Mourão.
- **Decreto nº 2.895/2015 de 30 de novembro de 2015:** Renova o reconhecimento do Curso de Graduação em Geografia – Bacharelado, ofertado no Campus de Campo Mourão, pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR.

2.5. LEGISLAÇÃO BÁSICA

- **Lei nº 6.664/79:** Disciplina a profissão de Geógrafo e dá outras providências.
- **Lei nº 7.399/85:** Altera a redação da Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979, que disciplina a profissão de Geógrafo.
- **Lei nº 9.394/96:** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- **Lei Federal nº 9.795/1999:** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

- **Parecer CNE/CES nº 492/2001:** Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.
- **Parecer CNE/CES nº 1.363/2001:** Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.
- **Resolução CNE/CES nº 14/2002:** Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Geografia.
- **Lei nº 10.436/2002:** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- **Resolução CNE/CP nº 1/2004:** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- **Parecer CNE/CP nº 3/2004:** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- **Decreto Federal nº 5.626/2005:** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- **Deliberação CEE nº 04/2006:** Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- **Parecer CNE/CES nº 08/2007:** Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- **Resolução CNE/CES nº 02/2007:** Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- **Lei nº 11.788/2008:** Dispõe sobre o estágio de estudantes.
- **Deliberação CEE nº 02/2009:** Normas para a organização e a realização de Estágio obrigatório e não obrigatório na Educação Superior, na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Especialização Técnica de Nível Médio, no Curso de Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores, no Ensino Médio, nas Séries Finais do Ensino Fundamental, inclusive nas modalidades Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial.

- **Resolução CNE/CP nº 1/2012:** Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
- **Resolução CNE/CP nº 2/2012:** Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- **Parecer CNE/CP nº 8/2012:** Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
- **Parecer CNE/CP nº 14/2012:** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- **Lei Estadual nº 17.505/2013** - Institui a Política Estadual de Educação Ambiental e o Sistema de Educação Ambiental e adota outras providências.
- **Deliberação CEE nº 04/2013:** Normas estaduais para a Educação Ambiental no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, com fundamento na Lei Federal nº 9.795/1999, Lei Estadual nº 17.505/2013 e Resolução CNE/CP nº 02/2012.
- **Deliberação CEE nº 02/2015:** Dispõe sobre as Normas Estaduais para a Educação em Direitos Humanos no Sistema Estadual de Ensino do Paraná.
- **Regimento Geral da Universidade Estadual do Paraná.**

3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

3.1. JUSTIFICATIVA

A ampliação dos direitos e garantias individuais e coletivas que caracterizam o desenvolvimento humano tem passagem obrigatória na universalização da Educação Básica no Brasil. Nesse sentido, a formação de professores torna-se uma exigência que não pode ser deixada para segundo plano. A garantia do ensino superior público e de qualidade, e, conseqüentemente, a elevação da escolaridade, torna-se peça fundamental para a redução da exclusão social e cultural. O ensino superior apresenta-se como uma estratégia para assegurar o desenvolvimento de competência nacional em ciência e tecnologia, condição essencial para o desenvolvimento não subordinado.

Considerando que a educação formal é um dos instrumentos para garantir a melhoria da qualidade de vida da população e, atendendo a necessidade cada vez mais premente de profissionais que sejam agentes transformadores da sociedade, a alteração do Projeto Pedagógico do Curso de Geografia Bacharelado, em funcionamento, da Universidade Estadual do Paraná/Campus de Campo Mourão, é plenamente justificada. A ação do curso de Geografia ao longo de mais de três décadas de existência tem como princípios e garantias: a formação de profissionais habilitados; o desenvolvimento socioeconômico; a formação para a cidadania; o respeito ao meio ambiente; e o respeito à diversidade cultural.

A existência do Curso mescla-se à história de Campo Mourão e dos demais municípios do seu entorno. A ação de sua comunidade acadêmica nas mais diversas áreas do conhecimento geográfico vem há muito tempo possibilitando e melhorando a qualidade de vida da região. Os fatores que possibilitam essa afirmação podem ser elencados pela ação de docentes do Curso na formação de geógrafos cuja atuação profissional extrapola os limites do Estado. Outro exemplo pode ser dado no que tange às questões ambientais na região, onde a participação de docentes e discentes ligados ao Curso é consideravelmente ampla, tendo importante função de aconselhamento. Outras atuações destacam-se ainda, tais como: realização de vistorias, elaboração de termo de ajustamento de conduta, participação no Conselho Municipal do Meio Ambiente e nos comitês de bacias hidrográficas, e atendendo às solicitações do Ministério Público, entre outros.

Não pode ser esquecida a participação efetiva de membros do Curso em projetos de pesquisa científica e de extensão que vêm contribuindo significativamente para o entendimento e elucidação de questões importantes para o desenvolvimento da região, bem como para a formação crítica do cidadão.

Embora o Curso tenha até o momento funcionado com sucesso na formação de geógrafos, e na sua atuação junto à sociedade, o Projeto Pedagógico do Curso em vigência, implantado em 2008, já não contempla mais a realidade que se manifesta. Após esse período, ocorreram mudanças que impuseram ajustes ao PPC e não puderam ser ignoradas. Entre as transformações mais significativas verificadas na última década, destacaram-se: a conversão da antiga Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão em Universidade Estadual do Paraná; modificações ocorridas no contexto socioeconômico, socioeducacional e na Ciência Geográfica; as alterações no campo de atuação do geógrafo; e a expansão do próprio Curso em relação à estrutura dos laboratórios, à formação docente e ao envolvimento crescente de professores e alunos em projetos de ensino, de pesquisa e de extensão. A necessidade de mudanças também é decorrente dos apontamentos presentes nos pareceres de Renovação de Reconhecimento do Curso de Geografia Bacharelado.

Além disso, a alteração do Projeto Pedagógico do Curso é igualmente motivada para enquadrá-lo às Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução CNE/CP nº 2/2015), e às demais normativas expedidas pelo Conselho Federal de Educação e pelo Conselho Estadual de Educação. As mudanças realizadas no novo Projeto Pedagógico de Curso visam a melhoria na qualidade da educação, a ampliação do acesso à educação pública de qualidade, a redução da desigualdade social, a promoção dos direitos humanos em todas as suas dimensões, a garantia de um meio ambiente saudável e equilibrado, a igualdade étnico-racial e de gênero, a promoção e a defesa da criança, do idoso e dos portadores de necessidades especiais.

A nova configuração do Curso tem por princípio o estabelecimento de um processo de ensino mais dinâmico, representado principalmente pela atualização de temas curriculares, pela ampliação das atividades práticas e pela curricularização das atividades de extensão.

Entre as mudanças neste novo Projeto está a maior autonomia dos Cursos de Geografia, considerando as duas habilitações já consolidadas, Bacharelado e Licenciatura. O Curso de Geografia Licenciatura e o Curso de Geografia Bacharelado passam a funcionar como dois cursos distintos, o que possibilita maior autonomia na formação dos profissionais. Segundo a proposta apresentada, o Curso oferece 40 vagas anuais para o processo seletivo de ingresso no Campus. Nas duas primeiras séries, as disciplinas que compõem a Matriz Curricular são comuns tanto para o Curso de Geografia - habilitação Licenciatura quanto para a habilitação Bacharelado.

Ao término da segunda série, os alunos fazem a opção pela habilitação de sua preferência, uma vez que, a partir da terceira série, a Matriz Curricular do Curso de Geografia Bacharelado é distinta daquela oferecida pelo Curso de Geografia Licenciatura. Concluindo um dos cursos, o graduado tem a possibilidade de obter a outra habilitação, ao reingressar na Instituição como portador de diploma, considerando-se, neste caso, o número de vagas previsto. A proposta, dessa forma, amplia as possibilidades de formação e as oportunidades de atuação profissional.

A manutenção do núcleo comum garante a autonomia dos cursos, mas mantém a multidisciplinaridade e a integração entre Licenciatura e Bacharelado, visto que o conhecimento geográfico é único e as ações do Bacharel e do Licenciado se complementam no estudo e na transformação do espaço geográfico.

A estruturação e renovação dos cursos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado), além de proporcionar a formação em processo autônomo e em uma estrutura com identidade própria, tem ainda por objetivo: aquilatar e potencializar a aptidão profissional dos estudantes; oportunizar uma formação mais sólida e aprofundada, tanto aos licenciados quanto aos bacharéis em Geografia; garantir as habilitações profissionais demandadas pelo atual mundo do trabalho aos profissionais de Geografia; aprimorar todos os processos envolvidos na realização de estágios supervisionados, tendo em vista a importância dessa prática para a imersão do estudante no mundo do trabalho; valorar e usufruir da formação e qualificação do corpo docente do Colegiado, dos projetos e práticas de pesquisa já desenvolvidos e das parcerias estabelecidas.

Diante do exposto, a nova proposta do Curso de Geografia Bacharelado apresenta elevada interação entre teoria e prática, com as atividades de extensão incluídas no currículo, permitindo aproximar ainda mais a Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, da comunidade, por meio da aplicação do conhecimento produzido na transformação e no desenvolvimento regional.

3.2. CONCEPÇÃO, FINALIDADES E OBJETIVOS

3.2.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A GEOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

A Geografia, nas últimas décadas, vem passando por um período de intenso debate sobre as diferentes correntes de pensamento envolvidas com a sua produção científica, seja ela em escala regional, nacional ou internacional.

Para discutir a Geografia na atualidade é preciso (re) pensar essa ciência ao longo de sua trajetória histórica, visto que a Geografia passou por mudanças no transcorrer do tempo, tanto de caráter epistemológico quanto metodológico, assumindo novas posturas dependendo do quadro evolutivo da sociedade.

Primeiramente, teve como pressuposto o positivismo clássico. Era uma Geografia limitada e envolvida no embate entre os paradigmas do determinismo e do possibilismo, que conforme *Yves Lacoste* está na raiz da Geografia dos professores. É esta postura teórica e metodológica tradicional que sempre esteve “presente na maioria dos livros didáticos, e em praticamente todos os departamentos de geografia existentes no Brasil” (OLIVEIRA, 1998, p. 26).

Nas últimas décadas, foram propostas mudanças na Geografia escolar, com a tentativa de implantação da Geografia Crítica, discutida desde a década de 1970. Contudo, a pluralidade metodológica dos geógrafos, a formação precária de parte dos professores associada às restritas condições de trabalho, as dificuldades de interação entre a universidade e a Educação Básica, e as políticas governamentais (via MEC), dentre outras questões, dificultaram uma postura mais crítica.

No Curso de Geografia da Unespar, Campus de Campo Mourão, objetiva-se conhecer e explicar as diferentes relações e interações entre a sociedade e a natureza, dando aos estudantes a possibilidade de estabelecer interfaces com outras áreas do conhecimento, processo necessário para compreender a realidade espacial não fragmentada, mas em sua totalidade.

No entanto, as definições e o objeto da ciência geográfica sofrem transformações com as mudanças da sociedade, especialmente porque essa ciência estuda a “forma como a sociedade organiza seu espaço terrestre, quer dizer, as relações entre si e a natureza ao longo da história, visando melhor explorar e dispor dos recursos naturais” (ANDRADE, 1987, p. 14).

Em decorrência das transformações da sociedade no mundo contemporâneo, a Geografia, enquanto ciência, também cumpre seu papel, realizando aprofundamentos e discussões no campo teórico metodológico, nas inovações tecnológicas (prática), assim como no desenvolvimento de pesquisas (básica e aplicada).

Mais do que nunca, enfrentar as tarefas e os desafios da sociedade requer sujeitos independentes, críticos, questionadores, capazes de refletir e atuar de forma concreta sobre os problemas econômicos e socioambientais da atualidade. Desse modo, para pensar criticamente é importante estimular o ato reflexivo, o que significa desenvolver a capacidade de observação, análise, crítica, ou seja, tornar-se agente ativo nas transformações da sociedade.

As transformações que ocorrem no campo do conhecimento geográfico demandam a formação de bacharéis aptos a exercer sua cidadania. Assim, cabe aos profissionais da Geografia, procurar caminhos teóricos e metodológicos para melhor interpretação e explicação da realidade.

Nessa perspectiva, o Colegiado de Geografia da Unespar, Campus de Campo Mourão, propõe em seu Projeto Pedagógico de Curso caminhos para incentivar os docentes a incorporarem esforços cooperativos, que facilitem, ao mesmo tempo, a organização de interesses profissionais e científicos, e contribuam para formação dos discentes.

Diante das discussões sobre o Ensino Superior empreendidas pelos poderes constituídos, a partir da nova legislação vigente, bem como pelas necessidades da própria Instituição, o Colegiado de Geografia vem discutindo propostas de mudanças que possam contribuir para a melhoria na qualidade do ensino, para uma sólida formação científica e visão crítica de mundo, e para a formação de cidadãos participativos, inseridos na transformação da sociedade. Essas mudanças serão concretizadas com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e pela capacidade de análise das categorias geográficas.

3.2.1.1. Conceitos e Categorias de Análise da Geografia

Como observado anteriormente, a Geografia é a ciência que estuda as relações entre sociedade e natureza. Uma de suas especificidades é a de contemplar a análise do espaço físico e do espaço social, o que em muitas situações leva a uma dicotomia, colocando aos geógrafos o desafio de superá-la. Assim, a Geografia deve ser objetivada a partir do espaço geográfico, sendo que a partir da complexidade e dinamismo deste, se desdobram as demais categorias de análise, destacando-se: território, região, paisagem e lugar.

Esses conceitos e categorias, apesar de não serem exclusivamente da ciência geográfica, são fundamentais para a formação dos geógrafos. Nesse sentido, o Curso de Geografia contempla em sua Matriz Curricular disciplinas que se desdobram sobre os pressupostos teóricos conceituais dessas categorias. Do mesmo modo, para os docentes do Curso há um entendimento da indissociabilidade entre teoria e prática nas análises dessas categorias, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse cenário, são apresentadas as referências básicas que sustentam a formação acadêmica no Curso de Geografia. Pode-se partir, inicialmente, do **Espaço**, haja vista o fato de ser uma categoria de análise suporte para as demais.

O conceito de Espaço vem sendo discutido demasiadamente desde a Antiguidade. Os gregos clássicos conceituavam espaço como localização dos lugares. Na concepção de Kant,

importante filósofo do século XVIII, o espaço é considerado como a condição de ocorrência dos fenômenos.

Na Geografia Tradicional o termo espaço apareceu nos escritos de Ratzel, a partir da definição do *espaço vital*, razão de ser do Estado, e em Hartshorne, que via o espaço como um receptáculo, sendo assim considerado absoluto. Contudo, sabemos que a palavra espaço é de uso corrente, tem concepções distintas entre astrônomos, matemáticos, economistas e geógrafos, dentre outros.

Neste sentido, o geógrafo utiliza o conceito espaço geográfico como uma categoria de análise, que tem o seu uso associado a diferentes escalas geográficas (CASTRO et al, 2000). De acordo com Spósito (2004), o conceito de espaço esteve durante um longo período desvinculado do conceito de tempo. No entanto, é fundamental na ciência geográfica, o estabelecimento da relação espaço/tempo, pois são intrínsecos e complementares.

Na análise de Santos (1986), o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais. Nesse ponto, a técnica também é importante, pois é a partir dela que o homem produz e transforma o espaço.

Já Corrêa (2003) utiliza o termo organização espacial na sua análise. O espaço é entendido como espaço social, vivido, em estreita correlação com a prática social. A produção do espaço é resultado da ação do homem sobre a natureza, ou seja, o espaço é multidimensional. Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Geografia (PARANÁ, 2008), considera-se como dimensões do espaço geográfico: a econômica; a política; a socioambiental; a cultural e a demográfica, sendo que essas dimensões devem ser contempladas no ensino da Geografia.

Com relação ao conceito de **território**, as discussões na ciência geográfica são realizadas desde o século XIX. Naquele período, em seu discurso, Ratzel já enfatizava o território como algo centrado no referencial político do Estado. Para ele, o território era um espaço conquistado e dominado por uma comunidade, por um Estado.

De acordo com Andrade (1995), com a retomada dos estudos de Geografia Política e de Geopolítica, a categoria território ganhou novo status, e hoje se constitui como categoria basilar da Geografia, assim como espaço, região e paisagem. Contudo, o conceito de território se difere do conceito de espaço, estando vinculado à ideia de poder, seja público, estatal, ou do capital e que influencia grandes áreas territoriais, sem considerar as fronteiras políticas.

Para pesquisadores como Raffestin (1993), Santos, Souza e Silveira (2002), Souza (2000), Andrade (1995), dentre outros que discutem o território, um dos elementos que tem sido apontado com destaque na constituição desse conceito é o “poder”. De acordo com Raffestin (1993), o território deve ser entendido como produzido pelos homens, ou seja, por agentes

sociais nas relações de poder tecidas em sua existência. Em outras palavras, o território é definido a partir de um sistema composto por tessitura, nós e redes.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Os territórios entendidos como territorialidades flexíveis são como campos de forças, dessa forma, apresentam-se estáveis ou instáveis, podendo formar-se e dissolver-se em rápido intervalo de tempo; podem ter existência regular ou periódica, ser contínuos ou não, conter um poder exclusivo ou não.

A atual importância do território pode ser indicada pelo poder crescente que lhe dedicam não somente os geógrafos, mas também os urbanistas, planejadores, economistas, sociólogos, etnólogos, cientistas políticos, historiadores e demógrafos. Neste sentido, o estudo do território passa a ser importante para diferentes áreas do conhecimento, em uma perspectiva multi e interdisciplinar; especialmente no crescente processo de globalização em que os temas como apropriação, transformação, construção, propriedade, domínios, exploração, recursos naturais, circulação, expansão e concentração, encaminham-se para a compreensão da formação territorial como processo de valorização do espaço.

No que se refere à **paisagem**, esse é um dos conceitos mais elementares da Geografia, pois, desde a sua sistematização é alvo de discussões. A paisagem antes de ser um conceito é uma categoria de análise, e as concepções mudam no decorrer dos tempos. Na Geografia Tradicional, o conceito de paisagem se aproximava ao de região, partindo da dualidade paisagem natural e humanizada. Apesar das mudanças ocorridas nos últimos 50 anos, com novas concepções epistemológicas englobando a natureza e a ação do homem, ainda há controvérsias em relação ao conceito.

Para Bertrand (1972, p. 2), a paisagem é, por definição, uma porção do espaço material, “resultado da combinação dinâmica, portanto, instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em contínua evolução”.

Com as transformações e as mudanças da sociedade, houve uma evolução nas formas de abordar e discutir a paisagem. Isso é um aspecto fundamental, pois, se compreende que apesar da importância do estudo da paisagem (no contexto socioeconômico e cultural), por conta da informalidade, a sociedade brasileira tem uma concepção pouco formada a respeito dessa

temática. Em geral, fora do meio acadêmico, o termo paisagem está associado à vegetação, às plantas, flores, bosques, florestas, enfim à natureza, sem considerar a intervenção humana na transformação das paisagens.

Para Corrêa e Rosendahl (2004, p.8), a paisagem é:

Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica.

Para Cavalcanti (1998), a paisagem é o domínio do visível, está na dimensão da percepção (que é um processo seletivo de apreensão), mas sua análise precisa ultrapassar o aspecto percebido para compreender seus determinantes mais objetivos.

Para Santos (1988, p. 61), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc”. O autor enfatiza do mesmo modo, que ela é a materialização de um instante da sociedade, é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas. Porém, a paisagem não é total, mas parcial. Ela é um fragmento e por isso mesmo sua percepção nos engana, e não nos pode diretamente conduzir à compreensão do real, porque nunca se dá como um todo.

Já o conceito de **região** sempre foi relacionado à Geografia, apesar de se constituir, ainda hoje, em uma noção emblemática. A palavra região é de uso corriqueiro e apresenta dificuldades em ser estabelecida como conceito. A ideia de região está presente na construção da realidade, podemos notá-la, por exemplo, em relatos de viagens, a partir dos roteiros percorridos por turistas que descrevem regiões. Portanto, a ideia de região faz parte da linguagem comum, sendo passível de mistificação social e manipulação política (LENCIONI, 1999). Isso não quer dizer que apenas a Geografia se dedica à conceituação de região no âmbito dos parâmetros científicos. Contudo, é na Geografia que se encontram as bases conceituais mais relevantes.

A partir dos anos de 1970, com os novos paradigmas da Geografia, o conceito de região reaparece e permeia as discussões de uma Geografia Crítica fundamentada no materialismo histórico e dialético, como também nas geografias humanista e cultural. Novos conceitos de região foram desenvolvidos após a década de 1970. Nesse pluralismo de concepções, o conceito de região esteve apoiado na ideia de diferenciação de áreas (CORRÊA, 2003).

Contudo, o debate sobre a natureza da região inicia-se no momento égide do capitalismo industrial, em uma economia global. A globalização, que emergirá a partir do final da Segunda

Guerra Mundial, torna-a mais complexa e fragmentada. Essa fragmentação, expressa na divisão territorial do trabalho, se caracteriza diretamente por outras espacializações produtivas e por características sociais, culturais, políticas e fluxos materiais e imateriais. A mundialização econômica e a globalização não geram a homogeneização global, mas a ampliação da (re) fragmentação e (re)articulação na superfície terrestre.

Como pode ser observado, região entre os geógrafos é um termo complexo, pois há diferentes conceituações, e, do mesmo modo, é vista como conceito intelectualmente produzido, que procura captar a gênese, a evolução e o significado do objeto. A região é utilizada como meio de conhecer a realidade, quer no aspecto espacial específico, quer em uma dimensão totalizante, especialmente em um momento de rearranjo espacial do mundo.

Trabalhar com o conceito de região se torna ainda mais necessário, considerando que a principal forma de organização espacial ocorre por meio do estabelecimento de regiões, sejam a partir de critérios geográficos, político-administrativos, entre outros.

Na atualidade, a discussão teórica metodológica sobre o **lugar** na ciência geográfica, se dá em três perspectivas. Na Geografia Humanística, de base fenomenológica, lugar é o espaço familiar ao indivíduo, o espaço vivenciado e experienciado, ou seja, do cotidiano. Para o geógrafo humanista, busca-se saber como um espaço pode se tornar lugar, ainda que na experiência, o significado de espaço se funde com o de lugar, o conceito espaço é mais abstrato do que lugar (CAVALCANTI, 1998).

De acordo com Cavalcanti (1998, p. 90), na concepção proposta na Geografia Crítica, o lugar é considerado no contexto do processo de globalização. “A globalização indica uma tensão contraditória entre a homogeneização das várias esferas da vida social e fragmentação, diferenciação e antagonismos sociais”. Para entender a globalização é preciso analisar as particularidades dos lugares, que resistem, mas que não podem ser compreendidas nelas mesmas. Essas particularidades têm relação com a mundialidade, ou seja, o problema local deve ser analisado na conjuntura global, visto que há na atualidade uma inter-relação entre as diferentes escalas espaciais.

Assim, o lugar, como meio de manifestação da globalização, recebe influência das transformações geradas pela globalização, de acordo com suas particularidades e a depender de suas possibilidades. “A eficácia das ações em nível global estaria, assim, na dependência da possibilidade de sua materialidade nos lugares”. Também, no local ocorreriam as resistências à globalização e às suas consequências, visto ser o local de manifestação da identidade, do coletivo e do subjetivo (CAVALCANTI, 1998, p.90).

De acordo com Carlos (2007), o lugar é produzido a partir da articulação contraditória entre o mundial e a particularidade histórica do espaço. Assim, o lugar seria a articulação entre a mundialização em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. Dessa forma, para entender o mundo moderno a partir do lugar, é preciso analisá-lo em um processo mais amplo.

Sobre a perspectiva pós-moderna, Cavalcanti (1998) explica que o lugar não seria explicado pela sua relação com a totalidade. Compreende-se que, embora na materialização dos lugares haja uma interferência dos processos globais, as individualidades locais não desaparecem.

Portanto, verifica-se que as análises geográficas e o entendimento das suas categorias e conceitos demandam conhecimento histórico das perspectivas teóricas e epistemológicas desta ciência, visto que há divergências de entendimentos a partir da postura adotada.

Como enfatizado, o despertar do pensamento social crítico ocorreu efetivamente a partir da década de 1970, com o movimento que ficou denominado como Geografia Crítica. As preocupações sociais passaram a fazer parte das pautas de discussão e dos interesses dos geógrafos. Assim, propõe-se a trabalhar com esta perspectiva no Curso de Geografia da Unespar, Campus de Campo Mourão, com o intuito de viabilizar aos acadêmicos uma leitura crítica da produção do espaço geográfico, correlacionando sociedade e natureza.

3.2.2. FINALIDADES DO CURSO DE GEOGRAFIA

O bacharel em Geografia deverá ser apto a participar ativamente das discussões relativas ao conhecimento geográfico, procurando compreender, interpretar e analisar as transformações sociais e ambientais que vêm ocorrendo no mundo atual. O quadro geral do conhecimento científico no século XXI exige cada vez mais que o estudante do Curso de Geografia saiba inter-relacionar as diferentes áreas do conhecimento e esteja atento às transformações tecnológicas e suas implicações face à globalização. Nesse ínterim, é imprescindível a integração das atividades curriculares com o contexto atual, processo no qual teoria e prática serão correlacionadas.

Entende-se que é necessário propiciar uma formação ampla e plena aos bacharéis, oferecendo-lhes uma gama diversificada de disciplinas, bem como, estimular sua participação em: eventos científicos, técnicos e culturais, tanto como ouvintes, como com a apresentação de trabalhos, assim como auxiliar na organização e realização destes; projetos de pesquisa, ensino e extensão, vinculados aos projetos dos orientadores; cursos de formação complementar ministrados na instituição e fora dessa.

Neste contexto, objetiva-se que no decorrer do curso o estudante desenvolva suas habilidades e potencialidades com espírito crítico; exercite a criatividade no desenvolvimento das atividades e na aplicação do conhecimento adquirido em sala de aula, no decorrer das atividades de estágio e na participação de projetos; dedique-se ao curso, participando ativamente das aulas teóricas e práticas, bem como nas atividades organizadas pelo Colegiado.

Com base no exposto, o curso de Geografia tem por finalidade a preparação de bacharéis aptos para:

- desenvolver uma leitura crítica da realidade em que vive e atua;
- propor estudos que visem ampliar a compreensão da realidade, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida e o exercício pleno da cidadania;
- atuar em equipes multidisciplinares e/ou interdisciplinares na elaboração de programas, projetos e planos;
- responder às necessidades do seu tempo no que se refere aos problemas socioeconômicos e socioambientais;
- interpretar as dinâmicas sociais e naturais que produzem e transformam o espaço;
- manter o compromisso com a constante produção do conhecimento, produção técnico-científica e com a ética profissional;
- desenvolver ações de planejamento e avaliação do espaço rural e urbano;
- elaborar diagnóstico de impactos socioambientais, com indicação de ações mitigadoras;
- discutir as implicações da ciência geográfica e seu papel na análise socioambiental;
- utilizar as novas ferramentas tecnológicas nos diferentes campos de atuação do profissional da Geografia;
- aplicar técnicas cartográficas direcionadas ao solucionamento de problemas de ordem socioambiental;
- desenvolver trabalhos interdisciplinares em sua atuação profissional;
- interpretar as diferentes escalas espaço-temporais relacionadas aos eventos e fenômenos geográficos;
- atuar como geógrafos em empresas privadas, no setor público, em órgãos e instituições onde sua habilitação é demandada.

3.2.3. CONTEXTO DA REGIÃO

A Unespar, Campus de Campo Mourão, está localizada no município de Campo Mourão, na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, que agrega 25 municípios. O Município possui área territorial de 11.937 km², grau de urbanização de 80,26%, população estimada no ano de 2016 em 339.787 habitantes, e densidade demográfica de 28,46 hab./km² (IPARDES, 2017).

A Mesorregião Centro Ocidental apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM de 0,749. Mesmo com os avanços verificados nas últimas décadas, a região ainda tem dificuldades para se inserir no ciclo de crescimento paranaense e melhorar a qualidade de vida de toda população.

De acordo com o estudo do IPARDES (2006), Campo Mourão foi caracterizado com um ponto relevante economicamente em uma região que não apresenta condições similares. Os dados econômicos evidenciam que o dinamismo do Município, estimulado pelo agronegócio e pela prestação de serviços, não se estende para os demais municípios da região.

O IDHM de Campo Mourão é o maior da Mesorregião Centro Ocidental com valor de 0,757. O crescimento da agricultura, da indústria de transformação e do setor de comércio e serviços, possibilitou esse dinamismo econômico e o avanço nos indicadores sociais. Porém, quando se amplia o foco de análise para a toda a região, percebe-se que existem municípios que foram classificados com valores de IDHM entre os mais baixos do Paraná, como Corumbataí do Sul na 373ª posição com 0,638, Nova Cantu na 346ª posição com 0,658, Iretama na 337ª posição com 0,665, Altamira do Paraná na 331ª posição com 0,667, Luiziana na 328ª posição com 0,668, Moreira Sales na 316ª com 0,675, e Roncador na 295ª posição com 0,681.

O estudo realizado por Costa (2016) indicou que, dos 25 municípios que compõem a Mesorregião Centro Ocidental, 21 são considerados como periféricos, 4 como intermediários e apenas Campo Mourão foi classificado como dinâmico. Os municípios periféricos apresentam um contínuo processo de redução de população nas últimas décadas, subordinação territorial e dependência econômica em relação às cidades dinâmicas, e indicadores sociais críticos, visto que estão abaixo da média paranaense.

A renda é um dos indicadores que se encontra abaixo da média estadual. No Paraná, segundo dados do IPARDES (2017), o PIB per capita em 2014 foi de R\$ 31.441, na Mesorregião Centro Ocidental o valor foi de apenas R\$ 26.451. A menor renda média está entre os fatores responsáveis pela mobilidade da população para outras regiões. A mortalidade infantil, importante indicador de saúde, também preocupa. No Paraná, a média foi de 10,92 mortos por

mil nascidos vivos. Na Mesorregião Centro Ocidental os valores estão bem acima, a média foi de 14,14 mortos por mil nascidos vivos.

A agricultura moderna é a base da economia, com destaque para a produção da soja, do milho, a criação de aves e a pecuária. Predominam grandes e médias propriedades rurais capitalizadas e produzindo para o mercado nacional e internacional. As pequenas propriedades familiares ainda resistem à ação de empresários rurais e/ou instituições, cujos interesses econômicos se caracterizam pelo controle hegemônico da produção local e de todo o seu processo de comercialização, permanecendo no campo para produzir alimentos que são vendidos regionalmente.

A indústria é uma atividade pouco expressiva, com exceção do município de Campo Mourão, que apresenta maior participação do setor na composição do PIB. O comércio e a prestação de serviços são significativos, porém voltados para o atendimento básico da população. Para a aquisição de produtos ou serviços de maior complexidade é necessário o deslocamento para cidades mais dinâmicas como Maringá, Londrina e Curitiba.

Do ponto de vista físico-natural, a região está inserida em uma área de incontestáveis transições no tocante à sua composição ambiental. Em relação aos solos, situa-se na área de transição entre solos férteis oriundos da decomposição do basalto da Formação Serra Geral (terra-roxa) e solos menos férteis e friáveis, suscetíveis a erosão, decorrentes da decomposição dos arenitos da Formação Caiuá. Tal condição demanda a produção e aplicação de planos de ação, manejo e gestão socioambiental distintos, e, em consonância com as especificidades e os diferentes graus de vulnerabilidade, resultantes da integração sistêmica dos elementos que a compõem (MASSOQUIM, 2010).

Em relação ao clima, a região está inserida em uma faixa de transição climática, delimitada pelo Trópico de Capricórnio, temperado ao sul dessa linha e tropical ao norte. O clima é muito influenciado pela circulação sinótica. Na estação mais quente, prevalece o sistema de baixa pressão, representado pelas massas de ar Tropical Continental e Equatorial Continental e, na estação mais fria, com predomínio do sistema de alta pressão pela ação da Massa Polar Atlântica. Essa dinâmica climática gera estados extremos de condição do tempo, impactando a economia regional. O estudo de tal condição é pressuposto essencial para o melhor planejamento agrícola da região, uma vez que a agricultura é uma prática na qual predomina o uso da terra das bacias hidrográficas regionais, conseqüentemente, uma das importantes fontes de impacto dos recursos hídricos.

Com relação às condições topográficas, a região de Campo Mourão encontra-se assentada em três subunidades morfoesculturais do relevo paranaense: planalto de Campo Mourão;

Alto/médio Píquiri; e de Umuarama, abrangendo a área de divisão de drenagem dos rios Ivaí e Píquiri, estendendo-se até as margens desses. O gradiente altimétrico se aproxima de 800 metros com as menores cotas próximas a 200 m.s.n.m e as maiores próximas a 1.000 m.s.n.m, compreende desde áreas com baixa dissecação do relevo e baixíssima vulnerabilidade ambiental (Planalto de Campo Mourão) até áreas com média dissecação e medianos e elevados índices de vulnerabilidade ambiental. A vulnerabilidade correlaciona-se tanto às formas do relevo quanto aos tipos de solo.

Embora muito devastada pela prática agropecuária, a formação florestal da região também é palco de interessante transição que merece maiores considerações. Destacam-se, portanto, três formações distintas, sendo duas formações do Bioma Mata Atlântica: a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Semidecidual; e enclaves de Cerrado constituindo um ecótono.

Destacamos a presença de Unidades de Conservação, tais como: a Estação Ecológica do Cerrado de Campo Mourão Prof.^a Diva Aparecida Camargo, com 1,3 ha, administrada pela Unespar/Campus de Campo Mourão; o Parque Estadual Lago Azul de Campo Mourão, (floresta de transição) com 1.749 ha; a Estação Ecológica Municipal de Luiziana (floresta de transição) com 1.166 ha; e o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo (Floresta Estacional Semidecidual) com 353 ha. Além dessas unidades, a região conta com vários outros parques urbanos, muitos com necessidade de elaboração de planos de manejo, além de dezenas de reservas particulares do patrimônio natural e cultural. Tais estruturas funcionam como verdadeiros laboratórios a céu aberto, algumas nas quais já se desenvolvem atividades de pesquisa interdisciplinar coordenadas pelo Colegiado de Geografia, ou em parceria.

O conjunto integrado de elementos do meio físico resulta em uma paisagem regional constituída por um mosaico complexo e heterogêneo de potencialidades de uso, e que reflete também as fragilidades do meio natural. Na região, podem ser verificadas diferentes categorias de uso da terra, com distintos graus e intensidades de impactos produzidos nos recursos hídricos, resultantes do desenvolvimento agropecuário.

A ocupação efetiva do território ocorreu com maior intensidade a partir da década de 1950, apresentando plena expansão e crescimento demográfico e econômico até a década de 1970. Entretanto, a partir desse período tem início o processo de declínio populacional e estagnação do crescimento econômico. Atualmente, a região de Campo Mourão vivencia uma fase crítica correlacionada aos baixos indicadores socioeconômicos, quando comparada a regiões adjacentes.

A Mesorregião Centro Ocidental passou por significativas transformações sociais nas duas últimas décadas. Porém, mesmo com os avanços obtidos, o que se verifica é a carência de políticas públicas direcionadas para o desenvolvimento local e regional. O foco deve ser o desenvolvimento integrado tanto na área rural como na área urbana, que precisam de investimentos em saúde, educação, moradia, saneamento básico, lazer e geração de emprego, e na conservação e preservação da biodiversidade, do patrimônio natural e cultural.

A Geografia tem uma contribuição fundamental na discussão da problemática socioeconômica e ambiental que se contextualiza na região de abrangência da Unespar, na relação destes espaços com a totalidade, e com suas contradições. Dentro do contexto apresentado, e considerando o papel desempenhado no ensino, na pesquisa e na extensão, o curso de Geografia da Unespar, Campus de Campo Mourão, é fundamental para a região.

O curso de Geografia, em particular, tem contribuído há mais de 40 anos para o desenvolvimento regional, com a formação de professores que atuam nos municípios, transformando a realidade local por meio da educação. Essa contribuição se intensificou ainda mais com a implantação do Bacharelado, o que tornou possível a formação de profissionais especializados para atuarem em diferentes instituições, incrementando a pesquisa e estimulando o desenvolvimento de projetos que promovam o crescimento da região e, ao mesmo tempo, a proteção do meio ambiente. A pesquisa, bem como a extensão, também tem contribuído significativamente para melhorar a qualidade de vida da população, ampliando os canais de discussão, propiciando eventos e cursos, e, na prática, realizando ações transformadoras. Neste sentido, cada vez mais avançam as parcerias entre o Colegiado de Geografia e outras instituições públicas e privadas.

3.2.4. OBJETIVOS

Com o Projeto Pedagógico do Curso de Geografia Bacharelado, o Colegiado objetiva atender as novas demandas educacionais contemporâneas. Nesse sentido, constitui-se em um instrumento de mudanças por meio de inovações, rupturas, e do desenvolvimento de propostas práticas e teóricas, pautadas na promoção do pensamento crítico, na criatividade, e na cooperação, articulando pesquisa, ensino e extensão.

O documento também visa oferecer os pressupostos científicos que possibilitem aos acadêmicos analisar a presença do ser humano no espaço geográfico, contemplando a sociedade e o meio ambiente, e levando em consideração as múltiplas relações e imbricações existentes entre

as escalas que permeiam do global ao local. Com esse propósito, a formação acadêmica terá como base os seguintes objetivos específicos:

- formar bacharéis para o exercício profissional, preocupados com a socialização de seus conhecimentos, e que reflitam sobre os impactos da produção científica e tecnológica nas diferentes sociedades e culturas;
- proporcionar ao profissional da Geografia condições para assimilação do conhecimento científico e filosófico, enquanto patrimônio histórico-cultural produzido pela humanidade;
- preparar profissionais conscientes de sua responsabilidade social e que contribuam com o seu saber para o exercício pleno da cidadania;
- desenvolver a capacidade para produzir conhecimentos e analisar o espaço geográfico de maneira crítica e reflexiva;
- estabelecer a interação com o mundo do trabalho, com os princípios da cidadania, e com os compromissos éticos relativos à vida em suas diferentes manifestações culturais;
- atuar na perspectiva de construção de uma sociedade democrática, que contemple o exercício pleno da cidadania, com equidade e justiça social, respeitando as diversidades;
- preparar profissionais qualificados para atuarem diretamente em atividades de: planejamento e gestão de espaços urbanos e rurais; diagnóstico socioambiental; ações de manejo e recuperação de áreas degradadas; elaboração de relatórios de impactos; projetos de mapeamento em múltiplas escalas; cadastro técnico multifinalitário e atendimento de demandas de georreferenciamento; análise da paisagem com vistas ao planejamento de uso; planejamento territorial baseado em políticas públicas voltadas ao desenvolvimento regional.

3.3. METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O Projeto Político Pedagógico do Curso propõe o ensino de uma Geografia Crítica que contemple as perspectivas das transformações da sociedade contemporânea, considerando a apreensão do espaço geográfico e a relação sociedade-natureza em suas múltiplas escalas.

Conforme Vasconcellos (1992, p. 42), a construção do conhecimento em sala de aula pode ser expressa através de três grandes momentos: “mobilização para o conhecimento; construção do conhecimento; elaboração e expressão da síntese do conhecimento”.

A metodologia embasada na concepção crítica compreende que o conhecimento é construído socialmente pelo sujeito em interação com o outro e deve ser apropriado através do

ensino e do aprendizado, estabelecendo bases sólidas para a mudança da realidade social e ambiental. Neste contexto:

Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se em outra concepção de homem e de conhecimento. Entende o homem como um ser ativo e de relações. Assim, entende que o conhecimento não é "transferido" ou "depositado" pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é "inventado" pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim que o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. Isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, re-elaborado, pelo aluno, para se constituir em conhecimento dele. Caso contrário, o educando não aprende, podendo, quando muito, apresentar um comportamento condicionado, baseado na memória superficial (VASCONCELOS, 1992, p. 2).

Segundo Cavalcanti (1998, p. 23), muitos autores trabalham conteúdos críticos, porém, isso não é suficiente; deve-se antes de tudo ter a preocupação de não passar conteúdos fragmentados e desconectados com a realidade. “É preciso, ainda, propiciar aos alunos o desenvolvimento de um modo de pensar dialético, que é um pensar em movimento e contradição”. Ainda complementando os pressupostos a respeito da metodologia do ensino da Geografia, ressalta-se:

A dialética fundamental, quando estamos nos referindo ao processo escolar de ensino-aprendizagem, mesmo que possa e deva se expressar na formulação dos conteúdos, não está exclusivamente neste, mas vai além e se concretiza na identificação das carências (formulação das questões) e na busca de soluções (formulação de respostas) [...] a relação escolar, na medida em que se fundamenta no ensino da lógica formal, mais do que passar este ou aquele conteúdo fragmentado – isento de contradições – permite ao educando apropriar-se de perguntas e respostas prontas, enquanto processo de dialétização do ensino, não é simplesmente, a reprodução de textos elaborados a partir desse tipo de lógica, mas, mais que isso, é a possibilidade de viver a contradição imanente entre a necessidade e sua superação, no plano da construção intelectual (SANTOS, *apud* CAVALCANTI, 1998, p. 24).

Com base nas teorias críticas, temos que pensar uma Geografia que contemple os interesses da população, ou seja, deve-se propiciar aos acadêmicos a compreensão do espaço como dinâmico e em transformação dialética.

A proposta do Projeto Pedagógico do Curso se fundamenta nos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica, uma forma de abordagem que abrange as transformações e contradições do real e permite aos acadêmicos verem e entenderem o mundo em constante movimento. Nesta perspectiva, Saviani (2008, p. 93) faz uma reflexão sobre a necessidade de “[...] compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação”.

Em um “mundo globalizado”, a forma de trabalhar os conteúdos deve relevar a dinamicidade dos acontecimentos, visando preparar o cidadão com uma visão mais crítica. Considerando-se a produção socioeconômica e ambiental na atualidade, o acadêmico deve estar incluído neste contexto como agente ativo, interagindo com o desenvolvimento de atividades educativas e científicas.

A metodologia do ensino da Geografia não está restrita apenas à sala de aula, mas ocorre em diferentes situações e ambientes de aprendizagem, com utilização de recursos e linguagens diversificados e com diferentes abordagens. A articulação das atividades de ensino, pesquisa e extensão são, portanto, fundamentais no processo de produção e aplicação do conhecimento.

Buscando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e também entre teoria e prática, durante o curso serão abordadas metodologias que considerem:

- a mediação do conhecimento científico considerando a totalidade do espaço geográfico;
- o trabalho com os conteúdos nas diferentes escalas geográficas: local-regional-global e global-regional-local;
- a utilização dos conceitos basilares do conhecimento geográfico, lugar, região, paisagem, território;
- a importância do trabalho de campo integrando o conhecimento entre as disciplinas curriculares, e aprimorando as habilidades para o exercício da docência;
- o desenvolvimento de atividades práticas, nas diferentes disciplinas, tanto com práticas de sala de aula ou em laboratório quanto em campo e no ambiente profissional;
- a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação aplicadas ao ensino de Geografia;
- o desenvolvimento de projetos de pesquisa e de extensão, abordando as diferentes dimensões do conhecimento geográfico;
- o trabalho com a leitura, a escrita e a produção textual, na perspectiva da elaboração de textos geográficos e da produção de material didático, incentivando a escrita científica;
- a leitura e a construção cartográfica na perspectiva geográfica (produção de mapas, gráficos, imagens, fotografias, tabelas, bloco diagramas, entre outros);
- a análise, a interpretação e a aplicação de instrumentos cartográficos para registro, abstração e conhecimento de diferentes esferas do espaço geográfico;
- o incentivo a participação em eventos técnico-científicos e culturais como meio de socialização do conhecimento produzido durante o Curso, e também como aprendizagem e construção de novos conhecimentos;

- o incentivo e a orientação para a atuação dos acadêmicos em atividades extraclasses, contribuindo com a comunidade, como por exemplo, na realização de palestras, cursos, oficinas, workshops, entre outras.

Como pressuposto metodológico está presente também a transversalidade de temáticas relacionadas à Educação Ambiental, aos direitos humanos, à diversidade sociocultural, à ética, à preparação para o trabalho, e à educação inclusiva. Esse modelo contribui para que docentes e discentes tenham contato com pontos de vista diferenciados sobre tais temáticas, permitindo o posicionamento crítico, reflexivo e transformador do espaço geográfico.

Os preceitos da Educação Ambiental, além de perpassarem toda Matriz Curricular, são trabalhados em componentes curriculares específicos como a Epistemologia da Educação Ambiental, em uma disciplina optativa de Educação Ambiental, e em palestras e projetos de ensino, pesquisa e extensão que abordam tal temática.

O Projeto Político Pedagógico do Curso propõe o ensino de uma Geografia Crítica que contemple as perspectivas das transformações da sociedade contemporânea, considerando a apreensão do espaço geográfico e a relação sociedade-natureza em suas múltiplas escalas.

Conforme Vasconcelos (1993, p. 42), a construção do conhecimento em sala de aula pode ser expressa através de três grandes momentos: “mobilização para o conhecimento; construção do conhecimento; elaboração e expressão da síntese do conhecimento”.

A metodologia embasada na concepção crítica compreende que o conhecimento é construído socialmente pelo sujeito em interação com o outro e deve ser apropriado através do ensino e do aprendizado, estabelecendo bases sólidas para a mudança da realidade social e ambiental. Neste contexto:

Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se em outra concepção de homem e de conhecimento. Entende o homem como um ser ativo e de relações. Assim, entende que o conhecimento não é "transferido" ou "depositado" pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é "inventado" pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim que o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. Isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, re-elaborado, pelo aluno, para se constituir em conhecimento dele. Caso contrário, o educando não aprende, podendo, quando muito, apresentar um comportamento condicionado, baseado na memória superficial (VASCONCELOS, 1993, p.2).

Segundo Cavalcanti (1998, p.23), muitos autores trabalham conteúdos críticos, porém, isso não é suficiente; deve-se antes de tudo ter a preocupação de não passar conteúdos fragmentados e desconectados da realidade. “É preciso, ainda, propiciar aos alunos o desenvolvimento de um

modo de pensar dialético, que é um pensar em movimento e contradição”. Ainda complementando os pressupostos a respeito da metodologia do ensino da Geografia, ressalta-se:

A dialética fundamental, quando estamos nos referindo ao processo escolar de ensino-aprendizagem, mesmo que possa e deva se expressar na formulação dos conteúdos, não está exclusivamente neste, mas vai além e se concretiza na identificação das carências (formulação das questões) e na busca de soluções (formulação de respostas) [...] a relação escolar, na medida em que se fundamenta no ensino da lógica formal, mais do que passar este ou aquele conteúdo fragmentado – isento de contradições – permite ao educando apropriar-se de perguntas e respostas prontas, enquanto processo de dialétização do ensino, não é simplesmente, a reprodução de textos elaborados a partir desse tipo de lógica, mas, mais que isso, é a possibilidade de viver a contradição imanente entre a necessidade e sua superação, no plano da construção intelectual (SANTOS, *apud* CAVALCANTI, 1998, p. 24).

Com base nas teorias críticas, temos que pensar uma Geografia que contemple politicamente os interesses da população, ou seja, deve-se propiciar aos acadêmicos a compreensão de espaço como dinâmico e em transformação dialética.

A proposta do Projeto Pedagógico do Curso se fundamenta nos pressupostos teóricos da pedagogia histórico-crítica, uma forma de abordagem que contempla as transformações e contradições do real e permite aos acadêmicos verem e entenderem o mundo em constante movimento. Nesta perspectiva Saviani (2008, p. 93), faz uma reflexão sobre a necessidade de “[...] compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação”.

Em um “mundo globalizado”, a forma de trabalhar os conteúdos deve relevar a dinamicidade dos acontecimentos, visando preparar o cidadão com uma visão mais crítica. Considerando-se a produção socioeconômica e ambiental na atualidade, o acadêmico deve estar incluído neste contexto como agente ativo, interagindo com o desenvolvimento de atividades educativas e científicas.

A metodologia do ensino da Geografia não está restrita apenas à sala de aula, mas ocorre em diferentes situações e ambientes de aprendizagem, com utilização de recursos e linguagens diversificados e com diferentes abordagens. A articulação de atividades de ensino, pesquisa e extensão são, portanto fundamentais do processo de produção e aplicação do conhecimento.

Buscando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e também entre teoria e prática, durante o curso serão abordadas metodologias que considerem:

- a mediação do conhecimento científico considerando a totalidade do espaço geográfico;

- o trabalho com os conteúdos nas diferentes escalas geográficas local-regional-global e global-regional-local;
- a consideração dos conceitos basilares do conhecimento geográfico, lugar, região, paisagem, território em todas as disciplinas curriculares;
- a importância do trabalho de campo integrando o conhecimento entre as disciplinas curriculares e aprimorando as habilidades para o exercício da docência;
- o desenvolvimento de atividades práticas, nas diferentes disciplinas, tanto com práticas de sala de aula, quanto em laboratório, como em campo e no ambiente profissional;
- a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação aplicadas ao ensino de Geografia;
- o desenvolvimento de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão abordando as diferentes dimensões do conhecimento geográfico;
- o trabalho com a leitura, a escrita e a produção textual na perspectiva da elaboração de textos geográficos, produção de material didático, escrita científica;
- a leitura e a construção cartográfica na perspectiva geográfica (produção de mapas, gráficos, imagens, fotografias, tabelas, bloco diagramas, entre outros);
- a análise, a interpretação e a aplicação de instrumentos cartográficos para registro, abstração e conhecimento de diferentes esferas do espaço geográfico;
- o incentivo a participação em eventos técnico-científicos e culturais como meio de socialização do conhecimento produzido durante o curso e também como aprendizagem e construção de novos conhecimentos;
- a produção de materiais didáticos pelos acadêmicos para utilização em atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- o incentivo e a orientação para a atuação dos acadêmicos em atividades extracurriculares contribuindo com a comunidade, como por exemplo, na realização de palestras, cursos, oficinas, workshops, entre outras.

Como pressuposto metodológico está também à transversalidade de temáticas relacionadas às Políticas de Educação Ambiental, aos direitos humanos, à diversidade sociocultural, à ética, à preparação para o trabalho e à educação inclusiva. Esse modelo contribui para que docentes e discentes tenham contato com pontos de vistas diferenciados sobre tais temáticas, permitindo o posicionamento crítico, reflexivo e transformador do espaço geográfico.

Os preceitos da Educação Ambiental, além de perpassarem toda a Matriz Curricular, poderão ser trabalhados em um componente curricular específico, a disciplina optativa de

Educação Ambiental, e em palestras e projetos de ensino, pesquisa e extensão que abordam tal temática.

Relacionado à formação do geógrafo, o Curso de Geografia Bacharelado abordará, a partir do terceiro ano do Curso, conteúdos com o enfoque em conhecimentos teóricos e práticas voltadas ao trabalho do futuro profissional.

3.4. AVALIAÇÃO

3.4.1. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A avaliação faz parte do processo de formação profissional e deve possibilitar o diagnóstico de lacunas, a fim de se alcançar a superação das mesmas, aferir os resultados alcançados considerando as competências a serem constituídas, e identificar mudanças de percurso que eventualmente sejam necessárias (BRASIL, 1999).

A aprendizagem deve ser orientada, portanto, pela ação-reflexão-ação, e a avaliação tem por objetivo a análise da aprendizagem dos futuros profissionais, “de modo a favorecer seu percurso e regular as ações de sua formação” e “certificar a formação profissional”. Logo, o processo avaliativo deve ajudar o graduando a “identificar melhor as suas necessidades de formação e empreender o esforço necessário para realizar sua parcela de investimento no próprio desenvolvimento profissional” (BRASIL, 2017, pp. 33-34).

Os subsídios para a avaliação são extraídos das ações do trabalho cotidiano e do processo de construção/produção do conhecimento do estudante. Assim, é importante não só avaliar o conhecimento dos futuros profissionais, mas também, como o empregam para o exercício da profissão.

São asseguradas ao professor, na verificação do rendimento escolar, liberdade e autoridade para formular e julgar questões no âmbito de sua competência. Entretanto, a avaliação deve ocorrer com critérios explícitos e compartilhados com os estudantes, considerando que o objeto de avaliação representa uma referência importante para a orientação dos estudos de quem é avaliado, e para a identificação dos aspectos considerados mais relevantes para a sua formação.

Vasconcelos (1998) recomenda que a avaliação da aprendizagem deva ser: reflexiva, superando a simples repetição de informações e estabelecendo relações; abrangente, contendo uma mostra significativa do que está sendo trabalhado; contextualizada, permitindo a

compreensão do que está sendo solicitado em relação ao que será praticado profissionalmente; e compatível em relação aos conteúdos trabalhados.

Os instrumentos de avaliação da aprendizagem devem ser diversificados e condizentes com o processo formativo, uma vez que, no processo de ensino-aprendizagem, as pessoas possuem percepções e capacidades cognitivas diferenciadas. Portanto, é resguardado ao aluno o direito de ter, bimestralmente, ao menos duas avaliações distintas, cabendo ao professor estabelecer quais tipos e o peso de cada uma delas.

Nesta proposta, os docentes devem adotar sempre mais de um instrumento de avaliação e realizar a avaliação em mais de uma etapa. Entre os instrumentos avaliativos estão: seminários; fichamentos de textos; relatórios de campo; seleção e organização de fontes primárias; produção de materiais e recursos para serem utilizados na difusão do conhecimento e da pesquisa; elaboração de projetos de pesquisa e de extensão; reflexão escrita sobre aspectos estudados, discutidos e observados em situação de estágio, pesquisa e extensão; produção e interpretação de textos; atividades e práticas cartográficas; práticas de utilização de SIGs e tecnologias da informação e comunicação na área de atuação profissional; provas; artigos; ensaios; monográficos; resumos; resenhas, entre outros.

Além das formas de avaliação citadas, são adotadas outras atividades que também privilegiam ao aluno a exposição do domínio de conteúdos e saberes, tanto os adquiridos durante a disciplina quanto aqueles trazidos de suas experiências de vida, de suas práticas espaciais e reflexões particulares acerca do conhecimento. Nesse aspecto, a participação dos estudantes em todas as atividades acadêmicas propostas nas diferentes disciplinas, e/ou de caráter multidisciplinar, é fundamental para o bom desempenho dos mesmos no Curso.

As atividades avaliativas podem ocorrer individualmente ou em grupo, considerando tanto aspectos da expressão escrita quanto da oralidade, e práticas que simulem ou comprovem a aplicação do conhecimento apreendido.

Os critérios e instrumentos de avaliação dos componentes curriculares serão definidos no Plano de Trabalho docente a ser aprovado no Colegiado do Curso, no início de cada ano letivo, e discutidos com os discentes. A avaliação do discente nas diferentes disciplinas deve estar relacionada sempre ao processo de ensino-aprendizagem e às práticas pedagógicas e conteúdos curriculares desenvolvidos no decorrer do período avaliado. O docente deve sempre dialogar com os discentes sobre os resultados do processo avaliativo.

Os critérios e instrumentos de avaliação devem dar subsídios para o docente avaliar o estudante, porém, os resultados devem ser considerados também para avaliação de todo o processo ensino-aprendizagem e da prática pedagógica.

Dessa forma, no processo avaliativo, além dos aspectos qualitativos, devem-se aferir conceitos quantitativos. Assim, o sistema de avaliação adotado no curso de Geografia consiste em uma articulação com as disposições regimentais da Unespar, contemplando aspectos próprios relativos à realidade dos componentes curriculares do curso de Geografia Bacharelado do Campus de Campo Mourão, do conteúdo de ensino e do raciocínio geográfico. Para o Estágio Curricular Supervisionado – Estágio Profissional e Trabalho de Conclusão de Curso, deve-se observar também os regulamentos próprios em anexo (Anexos A e B).

3.4.2. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO E AUTOAVALIAÇÃO

A fim de compreender se o Projeto Pedagógico do Curso, da forma como está organizado, está preparando o educando para a vida e o trabalho, como sujeito de sua história, é necessário que se tenha uma autoavaliação, em que os atores sejam os agentes do processo, isto é os alunos, os professores e a comunidade. Com a finalidade de se elaborar um currículo que atenda a demanda social e ao mesmo tempo provoque a transformação social, a comunidade envolvida com o curso de Geografia precisa ser levada em conta em sua avaliação.

Nessa perspectiva, o Projeto Pedagógico do Curso em pauta será constantemente revisto e avaliado com vistas à sua atualização diante das transformações da realidade. A avaliação tem como objetivo contribuir para melhorias e inovações, identificando possibilidades e gerando readequações que visem à qualidade do Curso e, conseqüentemente, da formação dos estudantes matriculados.

Para que sejam assegurados os objetivos do Curso presentes neste PPC, será promovido um sistema de avaliação interno conduzido pelo Colegiado do Curso de Geografia e pela Comissão Própria de Avaliação - CPA, da Unespar, responsável pela coordenação dos processos internos de avaliação da Instituição; compreendendo parte integrante do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior - SINAES.

No processo de autoavaliação e avaliação do Projeto do Curso, serão consideradas as reflexões acerca dos resultados do ENADE e do conceito preliminar de Curso.

A avaliação do Curso será instrumento imprescindível para que adequações e reformulações sejam realizadas, com o objetivo de aperfeiçoar o processo formativo dos estudantes ao longo de sua trajetória no curso de Bacharelado em Geografia.

3.5. PERFIL DO PROFISSIONAL

Com relação ao perfil do futuro egresso do curso de Bacharelado em Geografia, pretende-se alcançar uma formação ampla e plena, para que o graduado seja capaz de analisar de forma crítica e conjuntural as complexas inter-relações entre a sociedade e a natureza, e desta forma, tornar-se um profissional apto para atuar como geógrafo.

Neste ensejo, busca-se oferecer uma formação que contemple a compreensão da Geografia na amplitude de suas dimensões, a partir de conteúdos programáticos que forneçam as condições básicas e os saberes necessários à leitura do espaço geográfico em suas múltiplas perspectivas. Ademais, ao estudar as relações sociedade-natureza, o profissional trabalhará em uma abordagem específica, consoante aos princípios da ciência geográfica e, ao mesmo tempo, integrada aos demais campos do conhecimento de forma multiprofissional e interdisciplinar.

Dessa forma, o profissional formado em Geografia precisará saber integrar teoria e prática, por meio de atividades que aliem ensino, pesquisa e extensão, pautando a sua atuação na perspectiva da construção de uma sociedade democrática, que contemple o exercício pleno da cidadania, com equidade e justiça social, respeitando as diversidades.

O bacharel em Geografia deve estar apto a trabalhar com as diferentes realidades com as quais se depara no mundo do trabalho, com estímulo criativo e aproveitando as potencialidades de cada local; e realizar análise criteriosa do espaço geográfico, buscando sempre que possível o uso de recursos tecnológicos adequados ao exercício da profissão.

Espera-se que o bacharel em Geografia compreenda a importância do papel de sua profissão e do compromisso ético que este deve assumir no desenvolvimento das atividades de: planejamento e gestão de espaços urbanos e rurais; diagnóstico socioambiental; ações de manejo e recuperação de áreas degradadas; elaboração de relatórios de impactos; projetos de mapeamento em múltiplas escalas; cadastro técnico multifinalitário e atendimento de demandas de georreferenciamento; análise da paisagem com vistas ao planejamento de uso; e planejamento territorial baseado em políticas públicas voltadas ao desenvolvimento regional.

Pretende-se que o bacharel em Geografia esteja preparado para realizar reconhecimentos, levantamentos, estudos e pesquisas de caráter físico-geográfico, biogeográfico, antropogeográfico e geoeconômico, e pesquisas realizadas nos campos gerais e especiais da Geografia que se fizerem necessárias; organizar congressos, comissões, seminários, simpósios e outros tipos de reuniões, destinadas ao estudo e à divulgação da Geografia; coordenar e/ou participar de equipes interdisciplinares que possam atuar efetivamente na melhoria da qualidade de vida da população, das condições ambientais, do desenvolvimento regional e da organização territorial.

4. ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura curricular do Curso de Geografia Bacharelado é constituída por disciplinas de Formação Geral, consonantes ao perfil nacional e, portanto, de acordo com a diretriz vigente; disciplinas de Formação Diferenciada, que são específicas do Curso de Geografia Bacharelado da Unespar, Campus de Campo Mourão; e disciplinas optativas e eletivas, de opção individual do acadêmico. A disciplina optativa pode ser escolhida dentre as disciplinas ofertadas no Curso, e a disciplina eletiva pode ser buscada em outros cursos. Integram também a Matriz Curricular as disciplinas de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia e Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, e as Atividades Acadêmicas Complementares. As disciplinas que fazem parte de cada um destes eixos estão relacionadas no Quadro 1, a seguir.

DESDOBRAMENTO DAS ÁREAS/MATÉRIAS EM DISCIPLINAS				
Área	Série	Cód.	Disciplinas	Horas relógio
1. de Formação GERAL (forma o perfil nacional, de acordo com a diretriz nacional)	1º ano		Cartografia Geral	90
			Climatologia Básica	90
			Fundamentos de Geologia	90
			Geografia da População	90
			Geografia Regional do Brasil	90
			História do Pensamento Geográfico	90
			Métodos e Técnicas de Pesquisa Aplicada à Geografia	90
	2º ano		Fundamentos de Hidrogeografia	90
			Fundamentos de Pedologia	90
			Geografia Agrária	90
			Geografia Urbana	90
			Introdução a Geomorfologia	90
			Organização do Espaço Mundial	90
	3º ano		Biogeografia Aplicada	90
			Geografia Econômica e da Circulação	60
			Topografia Geral	90
	4º ano		Geoprocessamento	90
			Geografia Política e Elementos de Geopolítica	90
			Sensoriamento Remoto	90
Sub Total			19 disciplinas	1680
2. de Formação DIFERENCIADA (forma o perfil específico da cada campus)	1º ano		Introdução à Filosofia	60
	2º ano		Antropologia Cultural	90
			Cartografia Temática e Digital	90
	3º ano		Análise e Gestão de Bacias Hidrográficas	90
			Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos	90
			Planejamento Urbano e Rural	90
			Análise e Planejamento da Paisagem	90
	4º ano		Análise Meteorológica e Climatologia Aplicada	90
			Topografia e Georreferenciamento	90
			Gestão e Planejamento Ambiental	90
			Sedimentologia e Mudanças Ambientais Correlatas	90
Sub total			11 disciplinas	960

3. Disciplinas optativas (opção individual, escolhida pelo aluno dentre as disciplinas ofertadas pelo Curso)	3º ano		Disciplina Eletiva	60
	4º ano		Disciplina Optativa	60
Sub total			2 disciplinas	120
Estágio e TCC	4º ano		Estágio Profissional Supervisionado em Geografia	200
			Trabalho de Conclusão de Curso	60
Sub Total			2 disciplinas	260
Atividades Acadêmicas Complementares	1º, 2º, 3º, 4º ano		Atividades Acadêmicas/Científicas e Culturais	200
Sub Total			4 disciplinas	200
TOTAL GERAL			38 disciplinas	3220

Quadro 1 – Estrutura Curricular do Curso de Geografia Bacharelado da Unespar, Campus de Campo Mourão.

5. DISTRIBUIÇÃO ANUAL DAS DISCIPLINAS

A Matriz Curricular do curso de Geografia está organizada em quatro anos, totalizando 3220 horas/relógio distribuídas em 34 disciplinas anuais e Atividades Acadêmicas/Científicas e Culturais (Quadro 2).

1º Ano					
Cód	Disciplina	Teórica	Prática	Extensão	Horas relógio
	Cartografia Geral	60	30		90
	Climatologia Básica	60	30		90
	Fundamentos de Geologia	60	30		90
	Geografia da População	60	15	15	90
	Geografia Regional do Brasil	60	15	15	90
	História do Pensamento Geográfico	60	30		90
	Introdução à Filosofia	60			60
	Métodos e Técnicas de Pesquisa Aplicada à Geografia	60	30		90
	Total	480	180	30	690
2º Ano					
Cód	Disciplina	Teórica	Prática	Extensão	Horas relógio
	Antropologia Cultural	60	15	15	90
60	Cartografia Temática e Digital	60	15	15	90
60	Fundamentos de Hidrogeografia	60	15	15	90
60	Fundamentos de Pedologia	60	22	8	90
60	Geografia Agrária	60	15	15	90
60	Geografia Urbana	60	30		90
60	Introdução a Geomorfologia	60	30		90
60	Organização do Espaço Mundial	90			90
	Total	510	142	68	720
3º Ano					
Cód	Disciplina	Teórica	Prática	Extensão	Horas relógio
	Análise e Gestão de Bacias Hidrográficas	60	15	15	90
	Análise e Planejamento da Paisagem	60	15	15	90
	Biogeografia Aplicada	60	15	15	90
	Geografia Econômica e da Circulação	60			60
	Geoprocessamento	60	15	15	90
	Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos	60	15	15	90
	Planejamento Urbano e Rural	60	15	15	90
	Topografia Geral	60	30		90
	Disciplina Eletiva*	60			60
	Total	540	120	90	750

4º Ano					
Cód.	Disciplina	Teórica	Prática	Extensão	Horas relógio
	Análise Meteorológica e Climatologia Aplicada	60	22	8	90
	Disciplina Optativa	60			60
	Estágio Profissional Supervisionado em Geografia	60	140		200
	Geografia Política e Elementos de Geopolítica	60	15	15	90
	Gestão e Planejamento Ambiental	60	15	15	90
	Sedimentologia e Mudanças Ambientais Correlatas	60	30		90
	Sensoriamento Remoto	60	30		90
	Topografia e Georreferenciamento	60	15	15	90
	Trabalho de Conclusão de Curso	30	30		60
	Total	510	297	53	860
	Atividades Acadêmicas/Científicas e Culturais*				200
	TOTAL GLOBAL	2040	739	241	3220

Quadro 2 – Matriz Curricular do Curso de Geografia Bacharelado da Unespar, Campus de Campo Mourão (em horas relógio).

*O Regulamento das Atividades Acadêmicas Complementares segue no anexo C.

A Matriz Curricular do Curso de Geografia Bacharelado contempla uma disciplina optativa que será ofertada no quarto ano do Curso, entre as 24 disciplinas discriminadas no Quadro 3. Entre essas disciplinas, algumas são disponibilizadas no Curso de Geografia Licenciatura, pois, são importantes para complementar a formação do bacharel.

A disciplina eletiva, ofertada no terceiro ano do Curso, será de livre escolha do acadêmico em outro curso de Graduação.

As disciplinas eletivas e optativas devem ser escolhidas de acordo com a disponibilidade no horário de aula do Curso de Geografia Bacharelado.

Cód.	Disciplina	Teórica	Prática	Extensão	Horas relógio
	Geografia Cultural	60			60
	Paleogeografia	60			60
	Educação Ambiental	52		08	60
	Fundamentos de Arqueologia	45	15		60
	Fundamentos de Ecologia	60			60
	Geografia da Saúde	60			60
	Geografia do Turismo	60			60
	Geografia dos Transportes e da Circulação	60			60
	Geografia e Movimentos Sociais	60			60
	Geomorfologia Dinâmica e Evolução de Vertentes	60			60
	Hidrologia e Saneamento Ambiental	60			60
	História Contemporânea	60			60

	História do Brasil	60			60
	História Ambiental	60			60
	Memória, Patrimônio Histórico e Intervenção Urbana	60			60
	Recuperação de Áreas Degradadas	35	15	10	60
	Técnicas Quantitativas Aplicadas a Geografia	30	30		60
	Teoria da Região e Regionalização	60			60
	Tópicos Especiais em Extensão	30		30	60
	Geografia Regional do Paraná*	60	30		90
	LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais*	60			60
	Epistemologia da Educação Ambiental*	60	30		90
	Teoria e Método da Geografia*	60	30		90

Quadro 3 - Disciplinas Optativas do Curso de Geografia Bacharelado

Ainda que na Matriz Curricular do Curso de Geografia Bacharelado conste um mínimo de 72 horas para disciplina optativa, há possibilidade do estudante se matricular em disciplina optativa de 108 horas, pois algumas destas disciplinas oriundas do Curso de Geografia Licenciatura têm uma das aulas aos sábados. Além disso, há um horário de aula livre no quarto ano que poderá ser utilizado na complementação da carga horária de disciplinas que tenham 108 horas. O mesmo critério vale também para a disciplina eletiva.

Caso a escolha seja por disciplina eletiva de 36 horas, em outro curso de graduação, o acadêmico deverá cursar duas disciplinas para compatibilizar o mínimo de 72 horas.

5.1. DISCIPLINAS PRÉ-REQUISITOS PARA O BACHARELADO

Algumas disciplinas do Curso de Geografia Bacharelado requerem conhecimentos prévios que são adquiridos em disciplinas consideradas como pré-requisitos. Tais disciplinas estão discriminadas no Quadro 4, a seguir.

2º ANO		
Cód	Disciplinas	Pré-requisitos
	Cartografia Temática e Digital	Cartografia Geral
	Introdução a Geomorfologia	Fundamentos de Geologia
3º ANO		
Cód	Disciplinas	Pré-requisitos
	Biogeografia Aplicada	Climatologia Básica Fundamentos de Pedologia
	Análise e Gestão de Bacias Hidrográficas	Fundamentos de Hidrogeografia
	Geoprocessamento	Cartografia Geral
	Planejamento Urbano e Rural	Geografia Urbana Geografia Agrária
	Topografia Geral	Cartografia Geral

3º ANO		
Cód	Disciplinas	Pré-requisitos
	Análise Meteorológica e Climatologia Aplicada	Climatologia Básica
	Mudanças Ambientais	Biogeografia Aplicada
	Sensoriamento Remoto	Geoprocessamento
	Topografia e Georreferenciamento	Topografia Geral
	Estágio Profissional Supervisionado em Geografia	Disciplinas do primeiro e do segundo ano
	Trabalho de Conclusão de Curso	Disciplinas do primeiro, segundo e terceiro anos
OPTATIVAS		
Cód	Disciplinas	Pré-requisitos
	Memória, Patrimônio Histórico e Intervenção Urbana	Geografia Urbana

Quadro 4 – Disciplinas Pré – Requisitos do Curso de Geografia Bacharelado

6. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

6.1. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO 1º ANO

DISCIPLINA: CARTOGRAFIA GERAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Compreensão da superfície terrestre. Linguagem cartográfica. Referências de posicionamento na superfície, escalas cartográficas e sistema de coordenadas. Fusos horários e projeções. Leitura, análise e interpretação de documentos cartográficos; interpretação planimétrica e altimétrica da superfície. Representação de eventos geográficos associados a aspectos socioambientais.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ALMEIDA, R.D.; PASSINI, E.Y. O Espaço Geográfico: ensino e representação. 14 ed. Contexto. São Paulo, 2005. CARVALHO, M.S. A Geografia Desconhecida. Eduel. Londrina, 2006. DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia Básica. Florianópolis Editora da UFSC, 1988, 182p. (série didática). DUARTE, Paulo Araújo. Cartografia Temática. Florianópolis Editora da UFSC, 1991, 145p. (série didática). DUARTE, Paulo Araújo. Escala-fundamentos. 2. Ed. rev. e amp. Florianópolis Editora da UFSC, 1983, 65 p. (série-didática). DUARTE, Paulo Araújo. Fundamentos de Cartografia, Florianópolis, UFSC, 1994, 148p. FRANCISCHETTI, M.N. A Cartografia no Ensino da Geografia: Construindo os Caminhos do Cotidiano. KroArt. Rio de Janeiro, 2002. FURTADO, Sebastião da Silva. Estudo das cartas históricas. Rio de Janeiro Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério da Guerra, 1959. GRANELL-PÉREZ, M.D.C. Trabalhando Geografia com as Cartas Topográficas. Ijuí, Ed. Unijuí, 2001. IBGE, Manual Técnico em Geociências. Rio de Janeiro: IBGE, Noções Básicas de Cartografia, v. 8, 1999. IBGE, Atlas Geográfico Escolar. 2ª edição. Rio de Janeiro – RJ, 2004. JOLY, Ferdinand. A Cartografia. Tradução de Tânia Pelegrini. Campinas Papirus, 1990 LIBALT. A. Geocartografia, São Paulo: Nacional/Editora da USP, 1975. 390p. MONKHOUSE, F. J. & WILKINSON, H. R. Mapas y Diagramas. Barcelona: Oikos-Tau, 1968. 533p. (Ciências Geográficas). OLIVEIRA, Cêurio de. Curso de Cartografia Moderna. Rio de Janeiro, IBGE, 1988, 152p. OLIVEIRA, Cêurio de. Dicionário Cartográfico. 4. Ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1994. RAISZ, E. Cartografia Geral. 2. Ed. Rio de Janeiro, Científica, 1969, 414p. ROBINSON, A. H. et al. Elements of Cartography. 5ª ed., New York, Willey, 1985.</p>				

DISCIPLINA: CLIMATOLOGIA BÁSICA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Conceitos de Tempo e Clima. Observações sensíveis do tempo atmosférico. Dinâmica da</p>				

atmosfera - camadas e suas funções. Os efeitos da radiação atmosférica. Estudo dos fenômenos meteorológicos e sua influência na vida vegetal, humana e econômica. Classificação Climática. Dinâmica das massas de ar. As Mudanças Climáticas, a interação com a organização do espaço e Educação Ambiental.

BIBLIOGRAFIA:

- AYOADE J. O. **Introdução a climatologia para os trópicos**. São Paulo: Difel, 1986.
- CAPEL MOLINA, J. J. **“El niño” y el sistema climático terrestre**. 1º edição. Barcelona: Editora Ariel S/A, 1999.
- CONTI, J. B. (Org) **Considerações sobre mudanças climáticas globais**. Variedades e mudanças climáticas - Implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá: EDUEM, 2000.
- CPTEC. INPE, CLIMANÁLISE, 2000. **Boletim de Monitoramento Climático e Análise Climática**. Edição mensal [on line]. Disponível em: <http://www.cptec.inpe.br/products/climanalise/capa1.html>. Última modificação 25.081999.
- CPTEC/INPE, INFOCLIMA. 1999. **Boletins de Informações Climáticas**. Condições climáticas sobre o Brasil durante maio e início de junho. Ano 6, número 6, 10 de Junho de 1999 [on line]. Disponível em: <http://www.cptec.inpe.br/products/climanalise/info-clima/indexJUN.html>.
- EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Levantamento e reconhecimentos dos solos do Estado do Paraná**. Curitiba: Embrapa/IAPAR/ SUDESUL, 1981.
- EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - trigo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul. [on line]. Disponível em: <http://www.cnpt.embrapa.br/agromet.htm>.
- INMET-BRASIL. Instituto Nacional de Meteorologia. Brasília DF [on line]. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/index.html/>. Consultado em 1999 e 2000.
- LOMBARDO, M. A. **Mudanças climáticas: Considerações sobre globalização e meio ambiente**. **Boletim Climatológico**. (Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP) Presidente Prudente SP, Ano 1, nº 02. Campus de Presidente Prudente, 1996.
- MAACK, R. **Geografia Física do Estado Do Paraná**. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná, 1968.
- MENDONÇA F. A. et al. **Climatologia - noções básicas e climas do Brasil**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.
- MONTEIRO, C. A. de F. **Análise rítmica em climatologia: problemas da atualidade climática em são paulo e achegas para um programa de trabalho**. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1971. Série Climatológica, 1.
- _____. **Clima e excepcionalismo: Conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991, 241p.
- _____. Estudo geográfico do clima. In: **Cadernos Geográficos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências, nº 1 (maio 1999 - 2002). Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999. 72 p.
- _____. **O clima e a organização do espaço no estado de São Paulo: Problemas e perspectivas**. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1971. Série Teses e Monografias, 28.
- _____. 1976. **Teoria e clima urbano**. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1971. Série Teses e Monografia, 28. 181p.
- NIMER, E. R. J. **Climatologia do Brasil**. Rio De Janeiro: IBGE, 1979.
- NOAA, 2000. National Oceanic and Atmospheric Administration. La Niña Information [on line]. Disponível em: <http://www.publicaffairs.noaa.gov/lanina.html>.
- PARANÁ, 1997 (Estado). **Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento**. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF) - **Atlas do Estado do Paraná**. Curitiba. xi, 73p. ilustr.
- PARANÁ/IAPAR. **Cartas climáticas do Estado do Paraná**. Londrina: Instituto Agrônomo do Paraná - IAPAR, 1978.
- ROLIM, G.S.; SENTELHAS, P.C.; BARBIERI, V. Planilhas no ambiente EXCEL para os cálculos de balanços hídricos: normal, sequencial, de cultura e de produtividade real e potencial. **Revista Brasileira de Agrometeorologia**, Santa Maria, v. 6, p.133-137, 1998.
- SANT'ANNA NETO, J. L. SANT'ANNA NETO. A gênese da climatologia no Brasil: O despertar de uma ciência. **Geografia**, Rio Claro, SP, Brasil, 2003.
- SANT'ANNA NETO, J. L., e ZAVATINI, J. A. (Org) **Variabilidade e mudanças climáticas**. Implicações ambientais e socioeconômicas, Maringá: Eduem, 2000.
- SIGRH - Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos no Estado de São Paulo. Bancos de dados Pluviométricos. Dados diários por municípios [on line]. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/basecon/bancodedados/plu/plu.htm>.
- THORNTHWAITE, C.W.; MATHER, J.R. **The water balance**. Publications in climatology. New Jersey: Drexel Institute of Technology, 1955. 104p.
- TUBELIS, A.; NASCIMENTO, F. S. L., 1986. **Meteorologia descritiva - Fundamentos e aplicações – brasileiras**. 1ª Ed, 4ª reimp. São Paulo: Nobel, 1986.

TUCCI, C. E. M., (Org). **Hidrologia: ciência e aplicação**. 2º ed. UFRGS. Coleção ABRH de Recursos Hídricos; v.4. Porto Alegre – RS, 1997.

VAREJÃO-SILVA, M. A. **Meteorologia e climatologia**. Brasília: INMET, Gráfica e Editora Stilo, 2000.

VIANELLO, R. L. & ALVES, A. R. **Meteorologia básica e aplicações**. Viçosa: UFV, 1991, p. 377-446.

VULQUIN, A. Os tipos de clima de verão do sul do Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, 27(202): 18-25, 1968.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE GEOLOGIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS: 3
<p>EMENTA: Fundamentos sobre a origem e a formação da Terra. Teorias que explicam o surgimento do Sistema Solar e da Terra. A estrutura interna e externa do Planeta e sua história geológica. Fenômenos que comandam a dinâmica interna e externa do globo terrestre. Características físico-químicas dos minerais, natureza e gênese das rochas. Intemperismo e processos de formação dos solos. Os recursos minerais, origem da vida e formação dos combustíveis fósseis. O homem e o ambiente geológico.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>ARAGÃO, M. J. História da terra. Rio de Janeiro: Interciência, 2008.</p> <p>BIGARELLA, J. J. ; et al. Rochas do Brasil. Rio de Janeiro: LTC; ADEA, 1985.</p> <p>BITAR, O. Y. Curso de geologia aplicado ao meio ambiente. São Paulo: IPT, 1995.</p> <p>BRANCO, P. de M. Dicionário de mineralogia. 3 ed. ver. ampl. Porto Alegre: SAGRA, 1987.</p> <p>BRITO I. M. Geologia histórica. Uberlândia: UFU, 2001.</p> <p>CARVALHO, E. T. de. Geologia urbana para todos: uma visão de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Edição do autor, 1999.</p> <p>CARVALHO, I. de S. Paleontologia. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.</p> <p>CHRISTOPHERSON, R. W. Geossistemas: uma introdução à geografia física. 7.ed. Tradução: Francisco Eliseu Aquino et al; revisão técnica: Francisco Eliseu Aquino, Jefferson Cardia Simões, Ulisses Franz Bremer. Porto Alegre: Bookman, 2012.</p> <p>CULTER, A. Uma nueva historia de la Tierra: um relato sobre ciência y nicolaus steno, el genio que descubrió la geología. Barcelona: RBA Libros S. A., 2007.</p> <p>D'AGOSTINI, L. R. Erosão: problema mais que processo. Florianópolis: UFSC, 1999.</p> <p>EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema brasileiro de classificação de solos. Rio de Janeiro: EMBRAPA-SPI, 2006.</p> <p>EMBRAPA-Produção de Informação. Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 1999. 412p.</p> <p>EMBRAPA. Definição e notação de horizontes e camadas do solo. 2ª ed. rev. e ampl. Por LARACH, J. I., et al. Rio de Janeiro: EMBRAPA-SNLCS, 1988. 54 p. (Documentos, 3).</p> <p>ERNST, W. G. Minerais e rochas. Tradução e adaptação de Evaristo Ribeiro Filho. São Paulo: Edgard Blücher, 1988. (série textos básicos em geociências).</p> <p>FIGUEIRÔA, S. F. de M. As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional 1875 – 1934. São Paulo: HUCITEC, 1997.</p> <p>FLEURY, J. M. Curso de geologia básica. Goiânia: Editora da UFG, 1995.</p> <p>HAWKING, S. Breve história do tempo ilustrada. Curitiba: Albert Einstein, 1997.</p> <p>HESEL, M. H. R. Curso prático de paleontologia geral. Porto Alegre: UFRGS, 1982.</p> <p>HOLZ, M. & SIMÕES, M. G. Elementos fundamentais tafonomia. Porto Alegre: UFRGS, 2002.</p> <p>LEINZ, S. & AMARAL, S. E. do. Geologia geral. 14 ed. São Paulo: Nacional, 2001.</p> <p>LIMA, M. R. de. Fósseis do Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.</p> <p>MAACK, R. Geografia física do Estado do Paraná. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.</p> <p>MCALESTER, A. História geológica da vida. 3 reimp. Tradução e adaptação: Sérgio Estanislau do Amaral. São Paulo: Edgard Blücher, 1971. (série textos básicos em geociências).</p> <p>MENDES, J. C. Paleontologia geral. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EDUSP, 1977.</p> <p>MONIZ, A.C. Elementos de pedologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1975. 475 p.</p> <p>MOREIRA, L. E. Paleontologia geral e de invertebrados. Goiânia: UCG, 1999.</p> <p>NIELD, T. Supercontinente: la increíble historia de la vida em nuestro planeta. Barcelona: Paidós, 2008.</p>				

OLIVEIRA, J.B. **Pedologia aplicada**. Jaboticabal: Funep, 2001. 414p.

OZIMA, M. **Geo - história: a evolução global da terra**. Brasília: UNB, 1991.

PELOGGIA, A. **Geologia, sociedade e ocupação urbana no município de são paulo**. São Paulo: Xamã, 1998.

PETRI, S. & FÚLFARO, V. J. **Geologia do Brasil (fanerozóico)**. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1983.

POPP, J. H. **Geologia geral**. 4 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 1998.

POPP, J. H. **Introdução ao estudo da estratigrafia e da interpretação de ambientes de sedimentação**. Curitiba: Scientia et Labor, 1987.

SAGAN, C. **Cosmos**. Tradução: Ângela Nascimento Machado; revisão técnica: Airton Lugarinho de Lima. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

SALGADO-LABOURIAU, M. L. **Crítérios e técnicas para o quaternário**. São Paulo: Edgard Blücher, 2007.

SKINNER, B. J. & TUREKIAN, K. K. **O homem e o oceano**. Tradução: Kenitiro Suguio. São Paulo: Edgard Blücher, 1988. (série textos básicos em geociências).

SUGUIO, K. **Rochas sedimentares: propriedades, gênese e importância econômica**. 4 reimp. São Paulo: Edgard Blücher, 1994.

SUGUIO, K. **Dicionário de geologia sedimentar e áreas afins**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Geologia do quaternário e mudanças ambientais: (passado + presente = futuro?)**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1999.

TEIXEIRA, W.; et al. **Decifrando a terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2001.

TUREKIAN, K. K. **Oceanos**. Tradução; Carlos Augusto Luciano Isotta; Riutti Yoshida e Andréia Bartorelli. São Paulo: Edgard Blücher, 1996.

WICANDER, R. & MONROE, J.; S. **Fundamentos de geologia**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Teorias da população e elementos da dinâmica da população. Os fluxos populacionais pelo território. Demografia e indicadores sociais. Comunidades indígenas, afrodecendentes, quilombolas, faixa intergeracional, diversidade de gênero e étnica, direitos humanos. População e meio ambiente.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Estudo sobre os municípios periféricos na mesorregião centro ocidental paranaense. Geografia (Londrina), v. 18, n. 2. 2009. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2482/3301</p> <p>DAMIANI, Amélia. População e geografia. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>DOLLFUS, O. O espaço geográfico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1991.</p> <p>KLEINKE, Maria de Lourdes Urban; DESCHAMPS, Marley Vanice; MOURA, Rosa. Movimento migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96) origens distintas e destinos convergentes. Revista Paranaense de Desenvolvimento. IPARDES, v. 1, n 95, 3-26, janeiro/abril, 1999.</p> <p>MORO, Dalton Áureo. Desenvolvimento econômico e dinâmica da população no Paraná contemporâneo. Boletim de Geografia. v.1, n. 16, 1-55, 1998.</p> <p>_____. A modernização da agricultura. In: VILLA LOBOS, Jorge G. (Org) Geografia social e agricultura no Paraná. Maringá: PGE – UEM, 2001.</p> <p>MOURA, Rosa; KLEINKE, Maria de Lurdes Urban. Urbanização e espacialidades do sul do Brasil. Anais Curitiba: IPARDES: FNUAP, 1998.</p> <p>_____. Espacialidades de concentração na rede urbana da região sul. Revista Paranaense de Desenvolvimento. IPARDES. v. 1, n 95, 3-26, janeiro/abril, 1999.</p> <p>ROCHA, Márcio Mendes. A espacialidade das mobilidades humanas – um olhar para o norte central paranaense. (Tese de Doutorado). USP: São Paulo, 1998.</p> <p>_____. A (in) determinação da noção de mobilidades nas ciências humanas. Boletim de Geografia. Ano 16, número 1, 1998.</p> <p>_____. Distribuição populacional na mesorregião central paranaense - o perfil concentrador como resultante de um modelo de desenvolvimento econômico. Boletim de Geografia. Ano 17, número 1, 1999.</p>				

_____. As cidades periféricas da mesorregião norte central paranaense: os vazios demográficos e o desenvolvimento local. In: I Seminário Internacional, 2004. Rio Claro – SP. **O desenvolvimento local na integração: estratégias, instituições e política**. Rio Claro, São Paulo: Ed. da UNESP Rio Claro, 2004. v. 1, p. 1-15.

SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. São Paulo: EDUSP, 1970.

_____. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, Hélio A. (Coord). **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza, 1980.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná. 2002.

WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, Brasil Pinheiro; BATALHA, Altiva Pilatti. **Ocupação do Paraná**. Série: Cadernos de Migração. Vol. 3. 1988.

YOKOO, Edson Noriyuki. **Terra de negócio – estudo da colonização no oeste paranaense**. (Dissertação de Mestrado) Maringá: UEM, 2002.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudos teóricos da geografia regional, os conceitos de região, regionalização e organização do espaço. Análise da incorporação do território brasileiro ao sistema colonial. Formação e consolidação do espaço da economia agrário-exportadora. As paisagens naturais do espaço brasileiro e os impactos ambientais. O processo de formação do espaço urbano e industrial. A integração nacional dentro do sistema centro periferia, a regionalização dos problemas brasileiros, os desequilíbrios regionais e a Educação Ambiental.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>AB SABER, Aziz Nacib. A Amazônia: do discurso à práxis. São Paulo: Edusp, 1996.</p> <p>_____. Os Domínios da Natureza no Brasil. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.</p> <p>ANDRADE, Manuel Correa de. Classes Sociais e Agricultura no Nordeste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1985.</p> <p>_____. Manuel Corrêa. A Questão do Território no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1995.</p> <p>_____. Manuel Corrêa. Planejamento Regional e Problemas agrários no Brasil. Hucitec. São Paulo, 1989.</p> <p>CARLOS, A, F, A. Espaço e Indústria. São Paulo, Contexto/Edusp, 1988.</p> <p>CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.</p> <p>CASTRO, I. E. <i>et al.</i>(Org) Brasil – Questões Atuais da Reorganização do Território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>COSTA, W. M. da. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo, Hucitec/ Edusp, 1991.</p> <p>CORRÊA, Roberto Lobato. Trajatórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.</p> <p>_____, Roberto Lobato. Região e Organização Espacial. São Paulo. Ática. 1990.</p> <p>CUNHA, Sandra Baptista da e GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.) Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.</p> <p>BECKER, Berta K; CHRISTOFOLETTI, A; DAVIDOVICH, F, R.; GEIGER, P, P (Org.) Geografia e Meio Ambiente no Brasil. São Paulo. Hucitec, 1995.</p> <p>GALEANO, E. As Veias Abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.</p> <p>HAESBAERT, R. (Org.) Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo. Niterói Eduff, 1998.</p> <p>LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. São Paulo. Edusp,1999.</p> <p>OLIVEIRA F. de. A Economia Brasileira: crítica a razão dualista. Petrópolis, Vozes, 1997.</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlindo de. A Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo. Contexto,1991.</p> <p>MARTINS, José de Souza. A imigração e a Crise no Brasil Agrário. São Paulo: Pioneira, 1973.</p> <p>RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1980.</p> <p>ROSS, Jurandy L. (org) Geografia do Brasil. São Paulo. Edusp.1995.</p> <p>SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec,1996.</p> <p>SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo, Hucitec, 1993.</p> <p>SPÓSITO, Eliseu Savério. A Vida nas Cidades. São Paulo: Contexto, 1994.</p> <p>SILVA, José Graziano da. A Modernização Dolorosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.</p> <p>VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Lincoln Institute, 1999.</p>				

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: As bases epistemológicas do conhecimento geográfico: Métodos e técnicas da ciência geográfica, evolução histórica do pensamento geográfico, discussão dos conceitos elementares à ciência geográfica.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia: ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987. CAPEL, Horácio. Filosofia e ciência na geografia contemporânea: uma introdução à Geografia. Maringá: Massoni, 2004. CORREA, Roberto Lobato. Trajatórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. DANTAS, A. Pierre Monbeig: um marco da geografia brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2005. ESCOLAR, Marcelo. Crítica do discurso geográfico. São Paulo: HUCITEC, 1996. GOMES, Horieste. Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991. JOHNSTON, R.J. Geografia e geógrafos. São Paulo: Difel, 1986. MENDONÇA Francisco de Assis. Geografia física: ciência humana? São Paulo: Contexto, 1989. MENDONÇA Francisco de Assis. Geografia socioambiental. In: Revista Terra Livre n.º 16, São Paulo. p. 139-158. MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette. Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1981. _____. Ideologias geográficas. São Paulo: Hucitec, 1988. MOREIRA, Ruy (Org.). Geografia: teoria e crítica - o saber posto em questão. Petrópolis: Vozes, 1982. _____. O que é geografia. São Paulo: Brasiliense, 1987. _____. Para onde vai o pensamento geográfico? por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006. _____. Pensar e ser em Geografia. São Paulo: Contexto, 2007. NASCIMENTO, A.L. A evolução do conhecimento geográfico: da antiguidade à era da globalização. Maceió: Edufal, 2003. PONTUSCHKA, Nídia C.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (Orgs). Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002. QUAINI, Massimo. A construção da geografia humana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. SANTOS, Milton Santos. Testamento intelectual. São Paulo: Editora Unesp, 2004. _____. Por uma geografia nova. São Paulo: Hucitec, 1978. SEABRA, G. Fundamentos e perspectivas da geografia. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1999. SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à geografia: geografia e ideologia. Petrópolis: Vozes, 1974. SPÓSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.</p>				

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 1º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo da História da Filosofia por meio da leitura dos clássicos com o objetivo de introduzir o aluno nos temas e conceitos fundamentais da Filosofia. A Filosofia no século XXI: Teoria do Conhecimento; Metafísica/Ontologia; Ética. Filosofia e Direitos Humanos. Filosofia da Natureza.</p>				
BIBLIOGRAFIA				

ABELARDO, Pedro. **A história das minhas calamidades**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção “Os Pensadores”.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, 1985.

AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1995.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção “Os Pensadores”.

_____. **Organon**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção “Os Pensadores”. BACON, Francis. **Novum organum**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção “Os Pensadores”.

BERGSON, Henri. **O cérebro e o pensamento: Uma ilusão filosófica**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção “Os Pensadores”.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**. Dos pré-socráticos a aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COMTE, August. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

_____. **Meditações metafísicas**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

HEGEL, Georg W. F. **Introdução à história da filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fonte, 2003. HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**. Introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Forense, 2011. KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Trad. Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Marins Fontes, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Campinas, SP: Papyrus, 1990. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Ou como filosofar com o martelo (1888). São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

_____. **Fédon**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

_____. **A república**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção “Os Pensadores”. PRÉ-SOCRÁTICOS. **Fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção “Os Pensadores”.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Vol. I. Coleção “Os Pensadores”.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Vol. II. Coleção “Os Pensadores”.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DISCIPLINA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA APLICADA A GEOGRAFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
			1º	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO:	CRÉDITOS
				3
<p>EMENTA: Métodos, normas e técnicas para elaboração de projetos de pesquisa. Estudo do panorama das principais questões que perpassam o conhecimento científico, priorizando temáticas cujos acontecimentos permeiam as últimas décadas, como as questões ambientais, diversidade, direitos humanos, de faixa intergeracional, a cultura afrodescendente e indígena.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. O que é história da ciência. São Paulo: Brasiliense, 2001.</p>				

- ALMEIDA, Jozimar Paes de. Perspectivas transdisciplinares na pesquisa ambiental. In: **Geoandaia: Revista de Geografia**. Jandaia do Sul, v. 1, n. 1, p.47-57, jan/dez. 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- _____. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CHALMERS, Alan. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- DUTRA, Luiz Henrique de A. **Introdução à teoria da ciência**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.
- FEYERABEND, Paul. **Diálogos sobre o conhecimento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**. Introdução à filosofia e à Ética das ciências. São Paulo: Unesp, 1995.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: Edusc, 2001.
- _____. **Jamais fomos modernos**. Ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LOSEE, John. **Introdução histórica à filosofia da ciência**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **O método III**. O conhecimento do conhecimento. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.
- OLIVA, Alberto. **Filosofia da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- POINCARÉ, Henri. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.
- _____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- ZIMAN, John. **A força do conhecimento**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

6. 2. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO 2º ANO

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA CULTURAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:		ANO/SÉRIE: 2º
		ANO LETIVO:		
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo da Antropologia Cultural em seu campo epistemológico, dispendo-a como instrumental para compreensão da relação homem-espaco-sociedade. A Antropologia no Século XXI: questões socioculturais das sociedades contemporâneas; a diversidade humana (noção de raça e etnia e os estudos antropológicos sobre o racismo, etnocentrismo e xenofobia); identidade social e gênero, conflitos e relações geracionais. Antropologia e os direitos humanos, Antropologia e diversidade religiosa e a Antropologia Ecológica.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>BOAS, FRANZ. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.</p> <p>BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.</p> <p>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Nós, os humanos: do mundo à vida, da vida à cultura. São Paulo: Cortez, 2015.</p> <p>COPANS, J.; TORNAY, S.; GODELIER, M.; BACÉS-CLEMENT, C. Antropologia. Ciência das sociedades primitivas? Lisboa: Edições 70, 1988.</p> <p>DAMATTA, Roberto A. Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.</p> <p>ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Thomas Hylland. História da antropologia. Petrópolis: Vozes, 2010.</p>				

EVANS-PRITCHARD, E. **Antropologia social**. Lisboa: Edições 70, 1985.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KEESING, Felix. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1989.

MOONEN, Frans. **Antropologia aplicada**. São Paulo: Ática, 1988.

MORAN, Emílio F. **Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica**. São Paulo: Edusp, 2010.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**. A natureza humana. Lisboa: Europa-América, 1991.

_____. **O método 5**. A humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NEVES, Walter. **Antropologia ecológica**. São Paulo: Cortez, 2002.

DISCIPLINA: CARTOGRAFIA TEMÁTICA E DIGITAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
			2º	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: O Papel da Cartografia Temática na Geografia. Fundamentos da cartografia temática e digital. Representação e comunicação de informações geográficas. Métodos e técnicas de representação temática. Elementos de Geostatística aplicados à cartografia temática. Prática de Cartografia Temática e Digital. A Cartografia social e o mapeamento de temas emergentes: territórios indígenas; comunidades quilombolas; estudos de gênero e representatividade feminina; educação ambiental; faixa intergeracional.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>ACSELRAD, Henri (org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.</p> <p>ALEGRE, M. Considerações em Torno da Natureza da Cartografia. Boletim do Departamento de Geografia, Presidente Prudente, 1964.</p> <p>ALMEIDA, Rosângela Doin de (org.) Cartografia Escolar. São Paulo: Contexto, 2007.</p> <p>ARCHELA, Rosely Sampaio. Cartografia Sistemática e Cartografia Temática. Londrina: Projeto: Bibliografia da Cartografia: bibliografias comentadas, 2007.</p> <p>ARCHELA, Rosely Sampaio; THÉRY, Hervé. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. Confins, Paris, v.3, p.1-14, 2008.</p> <p>BERTIN, Jacques. A Neográfica e o Tratamento Gráfico da Informação. Tradução de Célia Maria Wesrphalen. Curitiba, Universidade Federal, 1986.</p> <p>_____. Semiologia Graphique. Paris, Mouton, 1973.</p> <p>COLAVITE, Ana Paula; MARCOLINO, Rafael Moraes. Mecanismos on-line de construção de mapas temáticos. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, p. 39-51, 2015.</p> <p>CRESPO, A. A. Estatística Fácil. 16 ed. São Paulo: Saraiva: 1998.</p> <p>DEL GAUDIO, Rogata Soares. O mapa enquanto discurso e o discurso do mapa: algumas questões. Ensaio, Belo Horizonte, v.5, n.2, out. 2013.</p> <p>FERREIRA, C. C. & SIMÕES, N. N. Tratamento estatístico e gráfico em geografia. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1987.</p> <p>GERARDI, L. H. de O. & SILVA, B. C. N. Quantificação em geografia. São Paulo: DIFEL, 1981.</p> <p>LACOSTE, Yves. Objetos Geográficos. Seleção de Textos, São Paulo, n. 18, p. 1-15, maio.1988.</p> <p>MARTINELLI, Marcello. Mapas, Gráficos e Redes: elabore você mesmo. São Paulo: Oficina de textos, 2014.</p> <p>_____. Mapas da Geografia e Cartografia Temática. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>_____. Marcello. Cartografia temática: caderno de mapas. São Paulo: USP. 2003.</p> <p>RAMOS, C.S. Visualização cartográfica e cartografia multimídia: conceitos e tecnologias. Ed. UNESP, São Paulo, 2005.</p> <p>MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto. Roteiro de Cartografia. São Paulo: Oficina de textos, 2013.</p> <p>SANCHEZ, Miguel C. Conteúdo e eficácia da Imagem Gráfica. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, v.11,n.22, p.74-81, 1981.</p>				

TAYLOR, D. R. Fraser. Uma Base Conceitual para a Cartografia: Novas Direções para a Era da Informação. **Caderno de Textos** – Série Palestras, São Paulo, v. 1, n.1, p. 11-24, ago., 1994.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE HIDROGEOGRAFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
			2º	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Descrição dos aspectos geográficos dos corpos d'água presentes na superfície terrestre, águas oceânicas e continentais. Importância da preservação dos aquíferos. Aspectos físico-químicos que influenciam na dinâmica da água, presentes na atmosfera, hidrosfera e subsolo. Qualidade da água e Educação Ambiental.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: PINTO, N.L. de S. <i>et alii</i> – Hidrologia Básica – São Paulo. Editora Edgard Blucher, 1976 VILELLA, S.M. & MATTOS, A.. – Hidrologia Aplicada – São Paulo – Editora McGraw-Hill do Brasil, 1975 LINSLEY, R. K. & FRANZINI., J.B. – Engenharia de Recursos Hídricos. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil TUCCI, C.E.M. – HIDROLOGIA: Ciência e Aplicação. Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, São Paulo, 1993. J.B. DIAS DE PAIVA e E.M.C. DIAS DE PAIVA (Org.) _ Hidrologia Aplicada à Gestão de Pequenas Bacias Hidrográficas. ABRH – Porto Alegre, 2001, 625 p. BÉGUERY, M. A Exploração dos Oceanos. A Economia do Futuro. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. BROWN, S. <i>et alii</i>. Regimes para o Oceano, O Espaço Exterior e as Condições Climáticas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979. CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia Fluvial, Editora Edgard Blücher Ltda., 1981. GALETI, P., A. Água. Campinas-SP, Editora Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1983. GARCEZ, L., N. Hidrologia. São Paulo, Edgar Blücher, 1976, 249 p Moraes, A., C., R. 1999. Contribuições para a Gestão da Zona Costeira do Brasil. Elementos para uma Geografia do Litoral Brasileiro. São Paulo: EDUSP/HUCITEC. 1999. PAIVA, J. B. D. de; PAIVA, E. M. C. D. de, (org). Hidrologia aplicada à gestão de pequenas bacias hidrográficas, Porto Alegre, RS: ABRH, 2001. TUCCI, C. E. M., Porto, R. L. L., Barros, M. T. (Org.). Drenagem urbana. Porto Alegre: ABRH/Editora da Universidade/UFRGS, 1995.- (Coleção ABRH de Recursos Hídricos; v. 5). 428p. SKINNER, J.B. e TUREKIAN, K.K. O Homem e o Oceano. , 1977, Ed. da USP. SUGUIU, K. & BIGARELLA, J.J. Ambientes fluviais. 2ª Ed. Florianópolis. Ed. UFSC. 183p.1990.</p>				

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE PEDOLOGIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
		4	2º	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 22	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 8	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Conceitos gerais de solos e evolução da Pedologia como ciência. Origem, constituintes físico-químicos e propriedades morfológicas dos solos, Processos pedogenéticos, horizontes e características morfológicas de perfis. Sistemas de classificação, características das principais classes de solos do Brasil e distribuição geográfica. Solo e agricultura, conservação e técnicas de manejo ambiental.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: D'AGOSTINI, L. R. Erosão: problema mais que processo. Florianópolis: UFSC, 1999. EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema brasileiro de classificação de solos.</p>				

Brasília: EMBRAPA-Produção de Informação; Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 1999. 412p.
 EMPBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema Brasileiro de classificação dos solos**.
 Brasília: EMBRAPA, 1999.
 GUERRA, J. A. T. O início do processo erosivo. In: GUERRA, A. G. T.; BOTELHO, R. G. M. (Org.).
Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 17-55.
 1999.
 LEINZ, V.; AMARAL, S. E. **Geologia Geral**. 10a Edição. São Paulo: Nacional, 1987. 397 p.
 LEPSCH, I. F. **Formação e Conservação dos Solos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.
 _____. Coord.: **Manual para levantamento utilitário do meio físico e classificação de terras no
 sistema de capacidade de uso**. Campinas: SBCS, 1983. 175p.
 MONIZ, A.C. **Elementos de pedologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1975. 475 p.
 OLIVEIRA, J. B. **Pedologia aplicada**. Jaboticabal, Funep. 2001. 414p.
 PRADO, H. do. **Manual de classificação de solos do Brasil**. Jaboticabal: FUNEP, 1993. 218 p.
 _____. **Solos do Brasil: gênese, morfologia, classificação, levantamento, manejo agrícola e
 geotécnico**. 3. ed. Piracicaba, 2003. 275 p. PRADO, H. **Solos do Brasil: gênese, morfologia, classificação,
 levantamento, manejo agrícola e geotécnico**. 3. ed. Piracicaba, 2003.
 PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais**. 9 ed. São Paulo:
 Nobel, 1986.
 RADY, N. C. **Natureza e propriedade dos solos**. 7º ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1989.
 SUGUIO, K. **Dicionário de Geologia Sedimentar e áreas afins**. Rio de Janeiro: Berltrand Brasil, 1998.
 TEIXEIRA, W. et al. **Decifrando a terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2000. 568p.
 VIEIRA, L. S. **Manual da ciência do solo: com ênfase aos solos tropicais**. 2ª ed. São Paulo: Ceres,
 1988. 464 p.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA AGRÁRIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 2º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Desenvolvimento e estruturação da Geografia Agrária. A formação e organização espacial da sociedade brasileira, das relações de trabalho e produção no seio das atividades agrícolas. Trabalho de campo e atividades extensionista no espaço agrário. Educação ambiental em comunidades rurais.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ABRA – MALISV. A Questão Agrária em Época de Crise. Belo Horizonte, 1993. _____. Anos 80: Recessão e Mercado de Trabalho. Belo Horizonte, 1993. ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Hucitec, , 1992. AMIN, S.& VERGOPOULO, K. A Questão Agrária do Capitalismo. Paz e Terra, 1977. CASTRO, P. R. Barões & Bóias-Frias: repensando a Questão Agrária no Br. APEC, CEDES. CHAYANOV, A. V. La organizacion de la unidad econômica campesina. Buenos Aires: ed. Nueva Vision;, 1974. DINIZ, José A. Geografia da Agricultura. São Paulo: Difel, 1984. ESTALL, R. C. et. Alii. Atividade Industrial e Geografia Econômica. RJ: Zahar, 1976 FERNANDES, B. M. A Formação do MST no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000. GRAZIANO DA SILVA, J. - A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. São Paulo: UNICAMP, 1996. IEA/USP, Desenvolvimento Rural (dossiê) - EDUSP, São Paulo2001. KAUTSKY K. A Questão Agrária (capítulos de VI a XI). São Paul: Proposta Editorial, 1980. LENIN, V. I. O Desenvolvimento do capitalismo na Rússia (capítulos 1 a IV). MARTINEZ, Paulo. Reforma Agrária – Questão de Terra ou de Gente. São Paulo, Moderna, 1987. MARTINS, J. S. A Reforma Agrária o Impossível Diálogo. São Paulo: EDUSP, 2000. _____. O Cativo da Terra, São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1979. _____. O Poder do Atraso. São Paulo: Hucitec, 1996. MARX, K , "O Capital" - Col. Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985. MONBEIG, Pierre. Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo. São Paulo: Hucitec 1986 MOREIRA, Rui. O Movimento Operário e a Questão Cidade-Campo no Brasil: Estudo sobre</p>				

Sociedade/Espaço. Petrópolis: vozes, 1985.

OLIVEIRA, A. U. **Agricultura Camponesa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Modo capitalista de Produção e Agricultura.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Geografia das lutas no campo.** São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **A Geografia das Lutas no Campo.** SP: 9ª ed. Contexto/EDUSP, 1999.

PRADO JR, C A **Questão Agrária no Brasil.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.

São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SHANIN, T. **La classe incomoda.** Madrid: Alianza Editorial, 1993.

SILVA, J. Graziano da. **O que é questão Agrária.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

STÉDILE, J. P. (Org) **A Questão Agrária Hoje.** Editora da Universidade-URGS/ANCA - 1994.

SZMRECZANYI, Tomás. **Pequena História da Agricultura no Brasil.** São Paulo: 4ªed. Contexto, 1988.

VEIGA, José Ely. **O Que é Reforma Agrária.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1976.

WOLF, E. R. **Guerras Camponesas do Século XX.** São Paulo: Global, 1984.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA URBANA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
			2º	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo das teorias sobre a origem e a expansão das cidades e seus mecanismos na organização espacial. O conceito de cidade como fenômeno social e seu vínculo com o papel do desenho urbano: antigo, moderno e contemporâneo. A abordagem teórico-metodológica sobre o urbano. Renda da terra, produção e reprodução urbana. A questão urbana nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O planejamento urbano e a ação do Estado. Os movimentos sociais urbanos e suas implicações no contexto do espaço geográfico.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>CARLOS, Ana f. A Cidade e a Organização do Espaço. In Revista do Departamento de Geografia. São Paulo, USP, FFLCH, 1992.</p> <p>CARLOS, Ana F. A Cidade. São Paulo. Contexto, 2003.</p> <p>_____. Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano. São Paulo. Edusp. 1994.</p> <p>CASTELLS, Manuel. O Fenômeno Urbano, Delimitação Conceituais e Realidades Históricas. In. A Questão Urbana. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.</p> <p>CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia da Cidade. A produção do espaço urbano de Goiânia. Goiânia. Alternativa, 2001.</p> <p>CLARK, David. Introdução a Geografia Urbana. São Paulo, Difel, 1985.</p> <p>CORRÊA, Roberto L. Natureza e O Espaço Urbano Significado de Rede. São Paulo, Ática, 1989.</p> <p>CORRÊA, Roberto L. O que é Espaço Urbano. Quem Faz o Espaço Urbano. In. O Espaço Urbano. São Paulo. Ática 1989.</p> <p>CORRÊA, Roberto L. A Rede Urbana. São Paulo. Ática, 1989.</p> <p>GEORGE, Pierre. A Geografia Urbana. São Paulo. Difel, 1983.</p> <p>GOTTDIENER, Marck A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo. Edusp, 1993.</p> <p>HARVEY, David. A Justiça Social da Cidade, São Paulo, Hucitec, 1980.</p> <p>LEFEBVRE, Henri. O Direito a Cidade. São Paulo. Editora Moraes, 1991.</p> <p>MUNFORD, Lewis. A Cidade Na História. São Paulo. Martins Fontes, 1982.</p> <p>RODRIGUES, Arlete M. Moradia nas Cidades Brasileiras. São Paulo, Hucitec, 1983.</p> <p>SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira, São Paulo Hucitec, 1993.</p> <p>_____. Por uma Economia Política da Cidade. São Paulo. Hucitec, 1994.</p> <p>SPÓSITO, M. E. A Urbanização no Brasil. Geografia (Série Argumento). São Paulo, CENP. 1993.</p> <p>_____. A Urbanização Pré-Capitalista. In. Capitalismo e Urbanização. São Paulo, Contexto, 1991.</p>				

DISCIPLINA: INTRODUÇÃO A GEOMORFOLOGIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 2º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo das relações entre as formas de relevo, a topografia, a estrutura geológica na dinâmica morfogenética. A dinâmica interna e sua interferência na crosta terrestre. A ação do clima na dinâmica da morfologia do relevo e a ação antrópica.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D. ; SANTOS, G. F. dos.; PASSOS, E.; SUGIO, K. Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais: intemperismo biológico, pedogênese, laterização e concentração de bens minerais. Vol. 1. Florianópolis: UFSC, 1995. BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D.; PASSOS, E. Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais: intemperismo biológico, pedogênese, laterização e concentração de bens minerais. Vol. 2. Florianópolis: UFSC, 1996. CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial. Volume 1: o canal fluvial. São Paulo: Edgard Blücher, 1981. CUNHA, S. B. da. & GUERRA, A. J. T.(orgs.). Geomorfologia: exercícios, técnicas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia fluvial. Volume 1: o canal fluvial. São Paulo: Edgard Blücher, 1981. CUNHA, S. B. da. & GUERRA, A. J. T.(orgs.). Geomorfologia: exercícios, técnicas e aplicações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Geografia do Brasil: Região Sul. Vol. 2. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. MAACK, R. Geografia física do Paraná. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981. SOUZA, M. A. A. de. ; et al. Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica. 3 ed. São Paulo: HUCITE - ANPUR, 1997. SUGUIO, K. Geologia do quaternário e mudanças ambientais: (passado + presente = futuro?). São Paulo: Paulo's Comunicação Artes Gráficas, 1999. CHORLEY, R. Modelos físicos e de informações em geografia. Trad. Arnaldo Viariato de Medeiros. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EDUSP, 1975. AB'SABER, A. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. READER'S DIGEST. Marvels and mysteries of the world arounds us. New York: Reader's digest Associatin, 1972. CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgar Blücher, 1999. VITTE, A. C. & GUERRA, A. J. T. Reflexões sobre a geografia física no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. D. DUFF, P. Mcl. Holmes' principles od physucal geology. 14 ed. Glasgow, 1993. WEINER, J. O planeta terra. São Paulo: Martins Fontes, 1988.</p>				

DISCIPLINA: ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 2º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 90	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: O quadro físico-natural do espaço mundial. A formação política e econômica do espaço geográfico mundial. Análise teórica das divisões: capitalismo/socialismo, centro/periferia, desenvolvimento/subdesenvolvimento, Norte/Sul. Globalização e fragmentação do espaço. A formação</p>				

do mundo multipolar. Os Direitos Humanos no contexto internacional, as migrações internacionais forçadas.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Manuel Correia de. **Imperialismo e Fragmentação do Espaço**. São Paulo. Contexto, 1999.
 CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A era da informação**. São Paulo> Paz e Terra, 1999.
 CASTRO, Iná Elias de; GOMES, P. C. da Costa; CORREA, R. (Org.) **Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.
 CORREA, R. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro. Bertrand, 1997.
 FERRO, Marc. **História das colonizações**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
 GOMES, Paulo César. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.
 HARVEY, David. **Condições Pós-Modernas**. São Paulo. Layola, 1992.
 HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo. Cia das Letras, 1995.
 HUNTINGTON, Samuel P. **O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.
 REFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo. Ática, 1993.
 SANTOS, Milton. **Por uma Nova Globalização – do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2001.

6.3. EMENTAS DAS DISCIPLINAS NO 3º ANO

DISCIPLINA: BIOGEOGRAFIA APLICADA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 3º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo das perspectivas em biogeografia, processos e escala em biogeografia. Padrões biogeográficos, limites de distribuição, barreiras e gradientes ambientais. Métodos e técnicas de pesquisa e mapeamento biogeográfico.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BROWN, J. H.; LOMOLINO, M. V. Biogeografia. Ribeirão Preto: FUNPEC-Editora. 2006, 692p. CARVALHO, C. J. B.; ALMEIDA, E. A. B. Biogeografia da América do Sul - padrões e processos. Porto Alegre: Editora Roca, 2011, 328p. COX, C.B.; MOORE, P. D. Biogeografia: uma abordagem evolucionária. Rio de Janeiro: LTC, 2009, 398p. DAJOZ, R. Ecologia geral. Petrópolis. Ed. Vozes. 1979. ELHAY, R. Biogéographie. Paris. Ed. Armand Colin. 1968. FERRI, M.G. Vegetação brasileira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP. 1980. FERRI, M. G. & GOODLAND, R. Ecologia do cerrado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP. 1979. FIBGE. Geografia do Brasil. Região Sul. Rio de Janeiro. IBGE. 1989. HAGGET, P. Geography: a modern synthesis. Nova Iorque. Harper International Ed. 1972. MAACK, R. Geografia física do Estado do Paraná. Curitiba. Banco de Desenvolvimento do Paraná. 1968. MARGALEF, R. Ecologia. Barcelona. Ed. Omega. 1980. MILLER, G. T. J. Ciência ambiental. São Paulo: Thomson. 2007, 124p. MORENO, C. E. Métodos para medir la biodiversidad. M&T-Manuales y Tesis SEA, VOL. 1. Zaraoza, 84p. ODUM, E. P. Ecologia. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988. ODUM, E. P.; BARRETT, G.W. Fundamentos de Ecologia. São Paulo: Thomson. 2007, 612p. RADAMBRASIL Fitogeografia brasileira: classificação fisionômico ecológica da vegetação neotropical. Salvador. Bol. Téc. Projeto RADAMBRASIL. Sér. Vegetação. 1982. RIKLEFS, R. A economia da natureza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003, 542p. RIZZINI, C. T. Tratado de fitogeografia do Brasil. vol. 1 e 2. São Paulo. Ed. Hucitec/EDUSP. L976. SIMMONS, I.G. Biogeografia natural y cultural. Barcelona. Ed. Omega. 1982.</p>				

TOWNSEND, C. R.; BEGON, M.; HARPER, J. L. **Fundamentos em Ecologia**, Porto Alegre: Artmed, 2006, 592p.
 TROPMAIR, H. **Biogeografia e meio ambiente**. Rio Claro. Impress. Graff. 1989.
 WALTER, H. **Vegetação e zonas climáticas**. Tratado de ecologia global. São Paulo Ed. Pedagógica e Universitária - EPU. 1986.

DISCIPLINA: ANÁLISE E GESTÃO DE BACIAS HIDROGRÁFICAS				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: As bases teóricas e metodológicas da análise de bacias hidrográficas para o planejamento urbano e regional. As propriedades físicas e funcionais das bacias hidrográficas. O uso do solo e os impactos socioambientais. Os modelos de planejamento em bacias hidrográficas.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: E. Blucher, 1980. GARCEZ, Lucas Nogueira; ALVAREZ, Guillermo Acosta. Hidrologia. 2. ed. rev. atual. São Paulo: E. Blucher, 1988. GRIBBIN, John E. Introdução à hidráulica, hidrologia e gestão de águas pluviais. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2009. GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. Geomorfologia do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M. de; FAIRCHILD, T. R.; TAIOLI, F. (Orgs.). Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000. TUCCI, Carlos E. M. Hidrologia: ciência e aplicação. 4.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS: ABRH, 2007. TUCCI, Carlos E. M.; HESPANHOL, Ivanildo; CORDEIRO NETTO, Oscar de Moraes. Gestão da água no Brasil. Brasília, DF: Unesco, 2001. VENTURI, Luis Antônio Bittar (Org.). Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório. São Paulo: Editora Oficina de Textos, 2005. VILLELA, Swami M; MATTOS, Arthur. Hidrologia aplicada. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1975.</p>				

DISCIPLINA: GEOGRAFIA ECONÔMICA E DA CIRCULAÇÃO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo da Sociedade, Estado e Espaço Geográfico, na ótica da Geografia. A origem o capital industrial e o início da expansão mundial do capitalismo. A regionalização do espaço mundial após as grandes guerras. A industrialização e a expansão das multinacionais. As transformações na divisão internacional do trabalho. A divisão do mundo e a formação de blocos econômicos internacionais. Território e Globalização: implicações geográficas.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: ANDRADE, Manuel C. Geografia Econômica. São Paulo. Atlas, 2000. _____, Manuel C. Imperialismo e Fragmentação do Espaço. São Paulo. Contexto, 1998. CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo. Paz e Terra, 1999. COSTA, Haesbaert Rogério. Blocos Internacionais de Poder. São Paulo. Contexto, 1992.</p>				

CHIAVENATO, José Júlio. **Ética Globalizada & Sociedade e Consumo**. São Paulo. Moderna, 2002.

DOBB, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Trad. Manuel do Rego Braga. Rio de Janeiro. Guanabara, 1987.

GEORGE, Pierre. **Geografia Econômica**. São Paulo. Difel, 1983.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo. Layola, 1992.

HOBBSBAWN, Eric J. **Eras dos Extremos. O Breve Século XX 1914- 1991**. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

LIPIETZ, Alain. **O Capital e seu Espaço**. São Paulo. Nobel, 1987.

MAGNOLI, Demétrio. **Globalização: estado nacional e espaço mundial**. São Paulo. Moderna, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo. Brasiliense, 1985.

SANTOS, Milton *et al* (org). **Territórios: globalização e Fragmentação**. São Paulo. Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2001.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo. Contexto, 2000.

_____, Paul. **O Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo. Moderna. 2000.

DISCIPLINA: GEOPROCESSAMENTO

COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
------------------------	-----------------------	------------	-------------

CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
----------------------------	------------------------------	------------------------------	-------------------------------	---------------

EMENTA: Introdução às novas tecnologias aplicadas a Geografia. Conceitos e Fundamentos do Geoprocessamento. Banco de Dados Geográfico. Aplicações do Geoprocessamento na análise do espaço geográfico. Os Sistemas de Informações Geográficas, estrutura e funções. Organização de projetos de Geoprocessamento. Prática com SIG. Geotecnologias na coleta de dados a campo. SIG na Web. Infraestrutura de dados nos órgãos governamentais.

BIBLIOGRAFIA:

BURROUGH, P.A. **Principles of geographical information systems for land resources assessment**. Oxford: Clarendon Press, 3° ed, 1991.

CÂMARA, G.; CASANOVA, M.; HEMERLY, Y.A.; MAGALHÃES, G. & MEDEIROS, C. **Anatomia dos Sistemas de Informações**. Campinas, Instituto de Computação, UNICAMP, 1996.

CÂMARA, Gilberto; DAVIS, Clodoveu; MONTEIRO, Antonio M.V. **Introdução à Ciência da Geoinformação**. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/>.

CASANOVA, M. et. al. **Banco de Dados Geográficos**. Mundo Geo, Curitiba-PR, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Antônio, MORETTI, Edmar, TEIXEIRA, Amandio L. A. **Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica**. Rio Claro: Edição do autor, 1992. 80p.

DRUCK, S.; CARVALHO, M.S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A.V.M. (eds). **Análise Espacial de Dados Geográficos**. Brasília, EMBRAPA, 2004.

LANG, S.; BLASCHKE, T. **Análise da Paisagem com SIG**. Tradução Hermann Kux. Oficina de Textos, São Paulo, 2009.

MENDES, C.A.B.; CIRILO, J. A. **Geoprocessamento em Recursos Hídricos: princípios, integração e aplicação**. Porto Alegre: ABRH, 2001.

MOURA, Ana Clara M. **Geoprocessamento na gestão e planejamento urbano**. Belo Horizonte: Ed. da autora, 2003.

PAESE, A.; UEZU, A.; LORINI, M.L.; CUNHA, A. (org.). **Conservação da Biodiversidade com SIG**. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.

PINA, Maria de Fátima; CRUZ, Carla Madureira; MOREIRA, Ronaldo Ismério. **Conceitos Básicos de Sistemas de Informação Geográfica e cartografia aplicados à Saúde**. Brasília: Organização Panamericana da Saúde, Ministério da Saúde, 2000.

ROCHA, C.H.B. **Geoprocessamento – Tecnologia Transdisciplinar**. 2ed. Revista, atualizada e ampliada, Juiz de Fora, 2002.

ROCHA, J.A.M.R. **GPS – Uma abordagem prática**. 4ed. Revista e ampliada, Recife, Edições Bagaço, 2003. –

SILVA, A.B. **Sistemas de Informações Geo-referenciadas: Conceitos e Fundamentos**. São Paulo. Ed. UNICAMP, 1999.

TEIXIERA, A.L.A.; MORETTI, E. & CRISTOFOLETTI, A. **Introdução aos Sistemas de Informação Geográfica**. Rio Claro. Edição do Autor.
 TEIXIERA, A.L.A. & CRISTOFOLETTI, A. **Sistemas de Informação Geográfica – Dicionário Ilustrado**. São Paulo. Ed. Hucitec, 1997.
 XAVIER-DA-SILVA, J. (org.). **Geoprocessamento para análise ambiental**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2001.

DISCIPLINA: GESTÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS					
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:		ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3	
<p>EMENTA: Gerenciamento de resíduos sólidos urbanos. Aspectos associados à geração, segregação e acondicionamento para a coleta convencional ou coleta seletiva, transporte e disposição final. Classificação e quantificação dos resíduos sólidos urbanos. Caracterização de aterros sanitários. Elaboração de Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS). Política Nacional de Resíduos Sólidos.</p>					
<p>BIBLIOGRAFIA: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Janeiro. NBR 10.004: resíduos Sólidos – Classificação. Rio de Janeiro, 2004. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FABRICANTES DE CELULOSE E PAPEL – BRACELPA – Conjuntura Setorial – São Paulo – (Publicação Estatística), 2000. CARDOSO, O. Gestão dos resíduos sólidos urbanos do município de Campo Mourão/Pr. 143 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004. COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL DE SÃO PAULO (CETESB). Aterro Sanitário. São Paulo: CETESB 1997 (apostilas ambientais) D'ALMEIDA, M. O. (Coord). et. al. Manual de Gerenciamento integrado, 2. Ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas(IPT) e Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE), 2002 GOMES, L. P. Estudo da caracterização física e da biodegradabilidade dos resíduos sólidos urbanos em aterro sanitários. 1989. 166 f. Dissertação (mestrado em Hidráulica e Saneamento) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1989. GRIMBERG, E. (org), BLAUTH, P. (org) Coleta Seletiva: reciclando materiais, reciclando valores, Ed. Pólis, São Paulo, 1998. GRIPPI, S. Lixo, reciclagem e sua História: guia para as prefeituras brasileiras – Ed. Interciência , Rio de Janeiro, 2001 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – Pesquisa nacional de saneamento básico(PNSB), Rio de Janeiro , 1989 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – Pesquisa Nacional de saneamento básico(PNSB), Rio de Janeiro, 2002 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – Pesquisa Nacional de saneamento básico(PNSB), Rio de Janeiro, 2008 JARDIM, N. S. (Coord), et. al. Lixo Municipal: Manual de gerenciamento integrado. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas e CEMPRE, 1995. MONTEIRO, J. H. P. Manual Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos- Rio de Janeiro, IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM, 2001. MUÇOUÇA, P. Coleta Seletiva de Lixo, Ed. Pólis, São Paulo, 1998 PINTO, A. G. et. al. Manual de Gerenciamento integrado, 2. Ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas(IPT) e Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE), 2002 Philippi Jr., A. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Barueri, SP: Manole, 2005. RODRIGUES, L. F. CAVINATTO, Vilma Maria – Lixo: de onde vem?, para onde vai? – Ed. Moderna, São Paulo, 1997.</p>					

DISCIPLINA: PLANEJAMENTO URBANO E RURAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Planejamento rural e urbano: conceitos, métodos e técnicas. Instrumentos de planejamento urbano e rural. Gestão e desenvolvimento regional. Os desequilíbrios regionais. Planejamento Municipal.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ANDRADE, Manuel Correia de. Espaço, polarização e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1970. ANDRADE, Manuel Correia de. O planejamento regional e o problema agrário no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1976, 180p. BRASIL. Estatuto da cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos - SPI. Estudo da dimensão territorial para o planejamento. Brasília: MP, 2008. Disponível em: http://www.planejamento.gov.br/planejamentoterritorial. DOWBOR, Ladislau. Introdução ao planejamento municipal. São Paulo: Brasiliense, 1987. LAVINAS, Lena e outros (org.). Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1993. LODDER, Celsius. A. Planejamento regional: o ponto de vista rural. Pesquisa e planejamento Econômico. Rio de Janeiro: IPEA, 1976. Disponível em : http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/622/564 . Acesso em maio/2009. OLIVEIRA, Isabel C. Eiras de. Estatuto da cidade: para compreender... Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001. OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. In: Revista FAE, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 41-48, maio/dez., 2002. OLIVEIRA, Gilson Batista de. Planejamento e desenvolvimento regional: considerações sobre a região metropolitana de Curitiba. Disponível em http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/IIseminario/politicas/politicas_08.pdf SANTOS, Milton. Espaço e método, São Paulo: Nobel, 1992. _____, A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993. SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002. SOUZA, Marcelo Lopes de. A prisão e a agora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006. RODRIGUES, Glauco Bruce. Planejamento urbano e ativismos sociais. São Paulo: UNESP, 2004. VEIGA, José Eli da. A relação rural/urbano no desenvolvimento regional. Capturado de http://www.econ.fea.usp.br/zeeli/, em 30/04/2005. ZMITROWICZ, Wiltold. Planejamento territorial urbano. Texto técnico. Escola politécnica da USP. São Paulo, 2002. Disponível em http://pcc2461.pcc.usp.br/Textos_Tecnicos/TTTTextoPlanejamentoTerritorialWitold.pdf. Acesso em maio/2009. ALVES, Adilson F.; CARRIJO, Beatriz R.; CANDIOTTO, Luciano Z. P. (org.). Desenvolvimento territorial e agroecologia. São Paulo: Expressão Popular, 2008. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. O modo capitalista de pensar e suas "soluções desenvolvimentistas" para os desequilíbrios no Brasil: reflexões iniciais. In: Revista do Departamento de Geografia n. 03, São Paulo, FFLCH-USP, 1984. OLIVEIRA, Gilson Batista de; LIMA, José Edmilson de Souza . Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. In: Revista FAE, Curitiba, v. 6, n.2, p. 29-37, maio/dez., 2003. RATTNER, H. Planejamento urbano e regional. São Paulo: Nacional, 1978. MENDES, C.M.; TÔWS, R.L. (orgs.) A geografia da verticalização urbana em algumas cidades médias no Brasil. Maringá: Eduem, 2009. STEINKE, R. Ruas curvas versus ruas retas: a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira. Maringá: Eduem, 2007. VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In DEÁK, C.; SCHIFFER, S.R. (orgs.) O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: Edusp, 1999.</p>				

DISCIPLINA: ANÁLISE E PLANEJAMENTO DA PAISAGEM				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: O Conceito de paisagem na Geografia. A Teoria Geral dos Sistemas e os Geossistemas. Geocologia da paisagem. Paisagens culturais e Patrimônio. Análise e planejamento da paisagem na dimensão regional. Processos naturais de modificação da paisagem. Representações espaciais da paisagem.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BERTALANFFY, Ludwig Von . Teoria Geral dos Sistemas. Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1975. BERTRAND, Georges; BERTRAND, Claude (Org.). Uma Geografia Transversal e de Travessias. Tradução organizada e coordenada por: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Massoni, 2009. BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra, São Paulo, v.13, 1972. P.1-27. CAVALCANTI, Lucas Costa De Souza. Cartografia de Paisagens. São Paulo: Contexto, 2014. COLAVITE, A.P.; PASSOS, M.M. dos. Integração de mapas de declividade e modelos digitais tridimensionais do relevo na análise da paisagem. Geonorte, Manaus, v. 1, p. 1548-1559, 2012. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à Geografia Cultural. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. CORREA, R. L. Paisagens, Texto e Identidade. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2004. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. DOLLFUS, Olivier. O Espaço Geográfico. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. 4ª ed. Editora DIFEL. São Paulo, 1982. FARINELLI, Franco. El Don de Humboldt : el concepto de paisaje. In: COPETA, Clara; LOIS, Rubén (Eds.). Geografía, paisaje e identidad. Tradução do capítulo realizada por Nicola Nesta. Madri: Biblioteca Nueva Universidad, 2009. P.43 – 50. (Manuales y Obras de Referencia) LANG, S.; BLASCHKE, T. Análise da Paisagem com SIG. Tradução Hermann Kux. Oficina de Textos, São Paulo, 2009. MASSOQUIM, Nair Glória. Clima e Paisagem da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense. 2010. 399f. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. MATEO RODRIGUEZ, J. M.; SILVA, E. V.; CAVALCANTI, A. P. B. Geocologia de Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Editora UFC, 2004. MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o Conceito de Paisagem. RA'EGA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, Editora UFPR, 2004. METZGER, J. P. O que é Ecologia de Paisagem?. Biota Neotropical, Campinas, v.1, n.1/2, 2001. MONTEIRO, C. A. F. Geossistemas: a história de uma procura. São Paulo: Contexto, 2000. NUNES, Mônica Balestrin. Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo. Rev. Inst. Estud. Bras. [online]. 2016, n.65, pp.96-119. PASSOS, Messias Modesto dos. A construção da paisagem no Mato Grosso-Brasil. Presidente Prudente: Programa de Pós-graduação em Geografia, 2000. ROUGERIE, Gabriel; BEROUTCHACHVILI, Nicolas. Géosystèmes et Paysages: Bilan et méthodes. Armand Colin Éditeur. Paris, 1991. Troppmair, H. Biogeografia e Meio Ambiente. 6. ed. Rio Claro: Divisa, 2004. SAHR, Cícilian Luiza Lowen (Org.). A Paisagem como Patrimônio Cultural: Campos Gerais e Matas com Araucária no Paraná. Editora UEPG. Ponta Grossa, 2010. SOTCHAVA, V. B. Por uma teoria de classificação de geossistemas de vida terrestre. Revista do IG-USP (cadernos Biogeografia), São Paulo, n.14, 1978. TRICART, Jean. Ecodinâmica. FIBGE/SUPREN. Rio de Janeiro, 1977.</p>				

DISCIPLINA: TOPOGRAFIA GERAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 3º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Introdução à Topografia. Conceitos matemáticos aplicados à Topografia. Aparelhos e equipamentos de uso topográfico. Medidas de distancia, direção e ângulo, calculo de áreas. Orientação e alinhamento. Técnicas de Levantamento Topográfico, Planimétrico e Georreferenciamento. Normas técnicas para execução e levantamento topográfico.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: Associação Brasileira de normas Técnicas. ABNT NBR13133 – Execução de levantamentos topográficos. Rio de Janeiro, 1994. BORGES, Alberto Campos. Exercícios de topografia. Ed. Edgard Blucher, 1975. DAIBERT, João Dalton. Topografia - Técnicas e Práticas de Campo. 2ed. São Paulo: Érica, 2015. ERBA, DIEGO ALFONSO. Cadastro Multifinalitário como instrumento da política fiscal e urbana. Rio de Janeiro: Ministério das Cidades, 2005. ESPARTEL, Lélis. Curso de Topografia. Ed. Globo, Porto Alegre, 1978. ESPARTEL, Lélis; LUDERITZ, João; SERRAZIN; OBERBECK HÖFER. Manual de Topografia e Caderneta de Campo. Editora Globo. Porto Alegre, 1983. FOLLE, Francis Perondi. Georreferenciamento de Imóvel Rural - Doutrina e Prática no Registro de Imóveis. São Paulo: Quartier Latin, 2010. LOCH, Carlos; CORDINI, Jucilei. Topografia contemporânea: planimetria. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000. LOCH, Carlos; ERBA, Diego Alfonso. Cadastro Técnico multifinalitário: rural e urbano. Cambridge, MA: Lincoln Institute of Land Policy, 2007. Ministério de Desenvolvimento Agrário – MDA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Norma Técnica para Georeferenciamento de Imóveis Rurais. 2ª Edição Revisada. Agosto de 2010. MONICO, João Francisco Galera. Posicionamento Pelo GNSS. Presidente Prudente: UNESP, 2008. PARADA, M. de Oliveira. Elementos de topografia: manual prático e teórico de medição e demarcação de terras, São Paulo. PEREIRA, Camila Cesário. A importância do Cadastro técnico multifinalitário para elaboração de planos diretores. Florianópolis. UFSC, 2009. ROCHA, A.C.P. Aplicações do Scanner a Laser I-Site para levantamentos topográficos. REM: Revista da Escola de Minas, Ouro Preto, vol. 55. no 4, 2002. SILVA, Jorge Luiz Barbosa da. Nivelamento Geométrico. UFRRS (Apostila), 2003. SILVA, Luiz Carlos da. Curso “Topografia Básica”. Revista A Mira – Agrimensura & Cartografia. Editora Luana. 8ª Edição. Criciúma/SC. (199-). TULER, Marcelo. Fundamentos de Topografia. Porto Alegre: Bookman, 2013. VEIGA, Luis Augusto Koenig; ZANETTI, Maria Aparecida Z.; FAGGION, Pedro Luis. Fundamentos de Topografia. UFPR (Apostila), 2007. VENDRUSCULO, Cristina Bastos Schlemper. Cadastro territorial multifinalitário e função social da propriedade. A implantação do Cadastro Territorial Multifinalitário no Brasil e o efetivo exercício da função social da propriedade. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.</p>				

6.4. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO 4º ANO

DISCIPLINA: ANÁLISE METEOROLÓGICA E CLIMATOLOGIA APLICADA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 22	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 8	CRÉDITOS 3

EMENTA: A dinâmica da atmosfera, os atributos e controles climáticos nas gêneses dos fenômenos meteorológicos e tipologia climática, Escalas do clima e as técnicas de análise. A dinâmica e as características das massas de ares que atuam nos climas do Brasil. Tratamento de dados meteorológicos e aplicação de técnicas estatísticas e interpretação das massas de ares nas cartas sinóticas e análise rítmica. Clima urbano e a ação antropogênica no clima. Clima, episódios extremos e impactos ao meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA:

- ARNTZ W. e FAHRBACH, E. **El Niño:** Experimento climático de la naturaleza - Causas físicas y efectos biológicos. México: Fundo de Cultura Econômica, 1996.
- AYOADE, J. O. **Introdução à Climatologia dos Trópicos.** São Paulo: Difel, 1986.
- BORSATO, V. A. **A Dinâmica Climática do Brasil e massas de ares.** Editora CRV. 1. Ed. Curitiba, Pr, 2016 182p.
- BORSATO, V. A. BORSATO F. H e SOUSA E. E., **Análise Rítmica e a Variabilidade Têmpora – Espacial.** In: VI Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. Teoria e Metodologia em Climatologia. Universidade Federal de Sergipe, Núcleo de pós-Graduação Geográfica, Aracajú SE. outubro 2004. Eixo 3 temas 3 - CD-ROM.
- CAMARGO, A., P. **Apontamentos de Agrometeorologia.** Pinhal, Faculdade de Agronomia e Zootecnia "Manoel Carlos Gonçalves", 1975.
- CAMARGO, A., P. **Balço Hídrico no Estado de São Paulo** - Instituto Agrônomo de Campinas. Boletim Técnico, 116, 3ª ed. Campinas, 1971.
- CLIMANÁLISE: **Boletim de Monitoramento e Análise Climática.** Cachoeira Paulista. Disponível em <http://www.cptec.inep.br> (publicação mensal).
- CONTI, J., B. **Circulação secundária e efeitos orográficos na gênese das chuvas na região leste-nordeste paulista.** São Paulo, Série Teses e Monografias, 18, USP, IG, 1975, 85 p.
- ELISA M., e TARIK. A., **Sistema Sinóticos – Os Ciclones.** FLG 0253 – Climatologia II Faculdade de Filosofia Ciências Humanas. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/ciclonesextratropicais.pdf>.
- GUEDES, R., L. L. a. T. Machado, J. M. B. Silveira, M. A. S. Alves e R. C. Waltz, 1994: **Trajéorias dos sistemas convectivos sobre o continente americano.** VIII Congresso Brasileiro de Meteorologia, SBMET, Anais, 2, 77-80.
- INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). Glossário 2006-c. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/html/informacoes/glossario/glossario.html>.
- INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). **Observações, análise da situação atual 2006-b;** Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/html/observacoes.php>.
- LOMBARDO, M. A. **Mudanças Climáticas:** Considerações sobre Globalização e Meio Ambiente. Boletim Climatológico. (Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP) Presidente Prudente SP. Ano 01, Nº 02. Campus de Presidente Prudente 1996.
- MENDONÇA, F, & DANNI OLIVEIRA, I. M. **Climatologia:** noções básicas e climas do Brasil; São Paulo: Oficina de Texto, 2007.
- MOLINA, J., C. **“El Niño” Y el Sistema climático terrestre.** Barcelona: Ariel. S. A. 1999.
- MONTEIRO, C. A. de F. A **análise rítmica em climatologia:** problemas da atualidade climática em São Paulo e achegas para um programa de trabalho. São Paulo: USP, 1971 (Série Climatologia, 1 p. 1-21).
- PÉDELABORDE, P. **Introducion a l'étude scientifique du climat.** SEDES, Paris, 1970. Neide Aparecida Zamuner Barrios, IPEA/UNESP. p. 246.
- SANT'ANNA NETO, J L., ZAVATINI, J. A. (orgs.). **Variabilidade e mudanças climáticas:** implicações ambientais e socioeconômicas. Maringá: EDUEM, 2000. p. 225 – 251. VAREJÃO-SILVA M. A., **Meteorologia e Climatologia.** Instituto Nacional de Meteorologia Brasília, DF, 2000 p 515.
- TARIFA, J. R. **Sucessão de Tipos de Tempo e variação do balanço Hídrico no Extremo Oeste Paulista.** Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, São Paulo 1973 (Séries Teses e Monografia 8.
- VIANELLO, R. L., **Meteorologia Básica e Aplicações.** Universidade Federal de Viçosa. Editora UFV 2000. p 450.
- ZAVATTINI, J. A. **Desenvolvimento e perspectivas da climatologia geográfica no Brasil:** o enfoque dinâmico, a noção de ritmo climático e as mudanças climáticas. In: SANT'ANNA NETO, J. L.; ZAVATTINI, J. A. (Orgs.). Variabilidade e Mudanças climáticas. Maringá: EDUEM, 2000, p.225-251.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA POLÍTICA E ELEMENTOS DE GEOPOLÍTICA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo referente aos conceitos de Estado, poder, território. Conceitos de geopolítica e suas estratégias. O significado das fronteiras políticas. O pensamento geopolítico nacional e internacional.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ANDRADE, Manuel C. de. Geopolítica do Brasil. São Paulo: Papirus, 2001. _____, Manuel C. de. Imperialismo e Fragmentação do Espaço. São Paulo: Contexto, 1998. BELLO, Walden. Desglobalização: idéias para uma nova economia mundial. Trad. Reinaldo Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2003. BECKER, Bertha K. A Geopolítica na Virada do Milênio : logística e desenvolvimento sustentável. In Conceitos e Temas. Orgs. Iná de Castro et al. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. CLAVAL, Paul. Espaço e Poder. Rio de Janeiro. Zahar, 1979. CORRÊA, Roberto Lobato. Trajatórias Geográficas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1987 COSTA, Wanderley Messias da. O Estado e as Políticas Territoriais no Brasil. São Paulo. Contexto, 1998. _____ Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território do poder. São Paulo. Hucitec, 1992. COSTA, Haesbaert Rogério. Blocos Internacionais de Poder. São Paulo: Contexto, 1990. _____, Haesbaert Rogério. O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. _____, Haesbaert Rogério. A nova des-ordem mundial .Sao Paulo: Unesp, 2006. FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979. LACOSTE, Yves. Geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1998. MARTIN, André Roberto. Fronteiras e Nações. São Paulo: Contexto, 1994. MIYAMOTO, Shiguenoli. Geopolítica e Poder no Brasil. Campinas: Papirus, 1995. MORAES, Antonio Carlos Robert (org.) Ratzel. São Paulo: Edusp, RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo. Ática, 1993. SANTOS, Milton. Território: Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1996. SOUZA, Andre de Mello. NASSER, Reginaldo Mattar. MORAES, Rodrigo Francalossi. (Org) Do 11 de setembro de 2001 a Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI. Brasília: IPEA, 2008.</p>				

DISCIPLINA: TOPOGRAFIA E GEOREFERENCIAMENTO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Integração entre Topografia e Georreferenciamento. Noções básicas de Geodésia. Métodos e medidas de posicionamento geodésico. Sistemas de Referência. Sistema de Posicionamento Global (GPS). Integração Estação Total e GPS. Programas de computação aplicados à topografia. Topografia aplicada ao georreferenciamento de imóveis rurais e urbanos integrados ao Sistema de Posicionamento Global (GPS). Elaboração de memorial descritivo. Levantamento de campo e prática de laboratório.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ABNT, Associação Brasileira de normas Técnicas: NBR13133 – Execução de levantamentos topográficos. ABNT, Associação Brasileira de normas Técnicas: NBR14166 – Rede de referência cadastral municipal – Procedimento. BERNARDI, J.V.E. & LANDIM, P.M.B. Aplicação do Sistema de Posicionamento Global (GPS) na coleta de dados. DGA, IGCE, UNESP/Rio Claro, Lab. Geomatemática, Texto Didático 10, 31 pp. 2002. Disponível em <http://www.rc.unesp.br/igce/aplicada/textodi.html>. Acesso em: junho de 2012. GEMAEEL, C. Introdução ao ajustamento de observações, aplicações geodésicas, editora UFPR, 1994. GOMES, E. PESOA, L.M.C.; SILVA JR., L.B. Medindo imóveis rurais com GPS. Brasília. Brasília: LK-</p>				

Editora, 2001.
 LOCH, Carlos; CORDINI, Jucilei. **Topografia contemporânea: planimetria**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.
 MONICO, J.F.G. 2000. **Posicionamento pelo NAVSTAR-GPS: descrição, fundamentos e aplicações**. São Paulo: Editora UNESP, p287
 PARADA, M. de Oliveira. **Elementos de topografia: manual prático e teórico de medição e demarcação de terras**, São Paulo.
 RAFFO, Jorge Gustavo da Graça. Técnicas de Localização e Georreferenciamento. In: VENTURI, Luis Antonio Bittar (Org.). **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. Editora Sarandi. São Paulo, 2011.
 ROCHA, J.M. A. **GPS - Uma Abordagem Prática**. 4ª Edição. Edições bagaço, 2002.
 ROCHA, C.H.B. **GPS de Navegação: para mapeadores, trilheiros e navegadores**. Juiz De Fora: Ed. Autor, 2003.

DISCIPLINA: GESTÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 15	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Planejamento ambiental. Instrumentos e práticas de gestão ambiental. Elaboração de plano de manejo. Legislação ambiental. Auditoria ambiental. Licenciamento Ambiental. Controle e monitoramento da qualidade ambiental. Análise de risco.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: MOURA, I. A. Qualidade e gestão ambiental: sugestões para implantação das normas ISO14000 nas empresas. São Paulo : Editora Oliveira Mendes, 1998. TACHIZAWA, T. Gestão Ambiental e Responsabilidade Social Corporativa. 2a. Edição. Editora Atlas. São Paulo. 2004. ALBUQUERQUE, J. L. (ORG). Gestão ambiental e responsabilidade social: conceitos, ferramentas e aplicações. Editora Atlas; São Paulo, 2009. SEIFFERT, M. E. B. Gestão ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental. Editora Atlas; São Paulo, 2007. BARBIERI, J. C. Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos. Editora Saraiva; São Paulo, 2004. DIAS, R. Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade. Editora Atlas; São Paulo, 2006. ANDRADE, B. A.; TACHIZAWA, T. CARVALHO, A. B. Gestão ambiental: enfoque estratégico aplicado ao desenvolvimento sustentável. 2ª ed. Mackron Books; São Paulo, 2004.</p>				

DISCIPLINA: SEDIMENTOLOGIA E MUDANÇAS AMBIENTAIS CORRELATAS				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE:	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudos e pesquisas do quartenário. Áreas de interesse para preservação. Registros históricos. Métodos e técnicas de pesquisa paleobiogeográficas. Estudos de depósitos tecnogênicos e elaboração de laudos técnicos. Geoindicadores de mudanças ambientais.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BERGER, A.R. e IAMS, W.J. (eds) Geoindicators: assessing rapid environment changes in Earth Systems. Rotterdam: A.A. Balkema, 1996, p.466 BRITO, I. M. Geologia Histórica. Uberlândia, Edufu. 2001. 414p. CAMPOS, D.A.; QUEIROZ,E.T.; WINGE,M.; BERBERT-BORN,M. (eds.). Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil. DNPM, CPRM e SIGEP, Brasília: DNPM, v.1. 2002.</p>				

- CARVALHO, E.T.; PRADINEI, F. L. Áreas urbanas. In: Oliveira, A.M.S. e BRITO, S.N.A. (eds). **Geologia de engenharia**. São Paulo: ABGE, 1998, p.487-498.
- CARVALHO, I.S.; FERNANDES, A.C.S.. 2004. Icnofósseis. In: Carvalho, I.S.. (ed). **Paleontologia**. Vol 1. Rio de Janeiro: Interciência – cap 10, p. 143-169.
- CASSAB, R.C.T.. 2004. Objetivos e Princípios. In: Carvalho, I.S.. (ed). **Paleontologia**. Vol 1. Rio de Janeiro: Interciência – cap 1, p. 3-11.
- DREW, D. **Processos Interativos homem-meio ambiente**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 5 ed. 2002, 206p.
- FLEURY, J.M. **Curso de Geologia Básica**. Goiânia: UCG, 1995, 262p.
- GOUDIE, A. **Environmental change contemporary problems in geography**. Claredon Press, Oxford, 1992. 329p
- GRAY, J. (ed) **Paleolimnology**. Amsterdam; Oxford; New York, Tokyo: Elsevier, 1988, 676p.
- PAROLIN, M.; STEVAUX, J.C. Síntese do Período Quaternário do Estado do Paraná. In: PAROLIN, M.; VOLKMER-RIBEIRO, C.; LEANDRINI, J.A. (orgs). **Abordagem Ambiental Interdisciplinar em Bacias Hidrográficas no Estado do Paraná**. Campo Mourão: Editora da Fecilcam, 2010, p.43-59.
- PALAEOGEOGRAPHY, PALAEOCLIMATOLOGY, PALAEOCOLOGY – Publicação da Elsevier.
- PELLOGGIA, A.U.G. **A ação do Homem enquanto ponto fundamental da geologia do Tecnógeno**: proposição teórica básica e discussão acerca do caso do Município de São Paulo. Revista Brasileira de Geociências, v.27, n.3, p.257-268.
- QUATERNARY INTERNATIONAL, **Revista oficial da União Internacional para Pesquisas do Quaternário**, publicada pela Elsevier.
- QUATERNARY RESEARCH, publicação da Elsevier, revista de cunho interdisciplinar cujo foco é o período Quaternário.
- RANZI, A. **Paleoecologia da Amazônia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000, 101p.
- REVISTA BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA – Publicação da Sociedade Brasileira de Paleontologia.
- SALGADO-LABORAU, M.L. **História ecológica da Terra**. São Paulo: E. Blücher, 1994. 307p.
- SOUZA, C.R.G; SUGUIO, K.; OLIVEIRA, A.M. dos S.; OLIVEIRA, P.E. (eds). **Quaternário do Brasil**. Ribeirão Preto: Hollos, Editora, 2005. 378p.
- SILVA, C.R da. **Geodiversidade do Brasil**: conhecer o passado para entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro: CRPM, 2008, 264p.
- SUGUIO, K. **Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais**. São Paulo: Paulo's Editora, 1999, 366p.
- TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M.C.M de; FARCHILD, T.R.; TAIOLI, F. **Para entender a Terra**. Tradução Rualdo Menegat et al. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- TRAVERSE, A. **Paleopalynology**. Boston: Unwin & Unwin Inc. 1988, 600p.
- WINGE, M. SCHOBENHAUS, C.; SOUZA, C.R.G.; FERNANDES, A.C.S.; BERBET-BORN. M.; QUEIROZ. E.T.; CAMPOS, D.A.(Eds) . **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Brasília: CPRM, 2009. v. 2. 515.

DISCIPLINA: SENSORIAMENTO REMOTO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO:	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Introdução ao Sensoriamento Remoto. Princípio Físico de obtenção de dados. Nível de coleta de dados e características do sistema sensor. Análise e interpretação de fotos aéreas e imagens de satélite. Uso de dados de radar. SIG aplicado ao Processamento Digital de Imagens e a Classificação supervisionada. Elaboração de mapas temáticos e outros produtos cartográficos. Corroboração de dados à campo.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ANDRADE, J.B. Fotogrametria. SBEE, Curitiba, 1998. BLASCHKE, T. & KUX, H. (org. versão brasileira). Sensoriamento Remoto e SIG Avançados: novos sistemas sensores, métodos inovadores. Oficina de Textos, São Paulo, 2005. DALMOLIN, Q.; SANTOS, D.R.. Sistema Laserscanner: conceitos e princípios de funcionamento. 3ed. Imprensa Universitária da UFPR. Curitiba, 2004. FLORENZANO, T.G. Iniciação em sensoriamento remoto. 2ª edição de Imagens de Satélite para Estudos Ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.</p>				

FLORENZANO, T.G. **Os Satélites e suas Aplicações**. Série Espacializando. São José dos Campos: SindCT, 2008.

LOCH, C. **Noções Básicas para Interpretação de Imagens Aéreas, bem como algumas aplicações nos campos profissionais**. 2 ed. Florianópolis. Ed UFSC. 1989.

LUCHIARI, A.; KAWAKUBO, F.S.; MORATO, R.G. Técnicas de Sensoriamento Remoto. In: VENTURI, L.A.B. **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Sarandi, 2011.

MARCHETTI, D. A.B. & GARCIA, G.J. **Princípios de Fotogrametria e Fotointerpretação**. 1ed. São Paulo. Ed. Nobel, 1986.

MENESES, P.R.; NETTO, J.S.M.(org.). **Sensoriamento Remoto – reflectância dos alvos naturais**. Brasília, UNB, 2001.

MENESES, P.R.; ALMEIDA, T. de (org). **Introdução ao Processamento de Imagens de Sensoriamento Remoto**. Brasília: Unb/CnPQ, 2012.

MOREIRA, M.A. **Fundamentos de Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação**. 2ed. Revista e Ampliada. Viçosa, Ed. UFV, 2003.

NOVO, E.M.L.. **Manual de Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. INPE/MCT. São José dos Campos, 1988.

PASSOS, M.M.. **Amazônia: Teledetecção e Colonização**. Editora da Unesp. São Paulo, 1998.

PONZONI, Flávio Jorge; SHIMABUKURO, Yosio Edemir; KUPLICH, Tatiana Mora. **Sensoriamento Remoto No Estudo da Vegetação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

ROSA, R. **Introdução ao Sensoriamento Remoto**, 3 ed. Uberlândia. Ed. UFB, 1995.

SAUSEN, Tania Maria; LACRUZ, Maria Sílvia Pardi. **Sensoriamento Remoto Para Desastres**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

DISCIPLINA: ESTÁGIO PROFISSIONAL SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 200	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 140	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 6
EMENTA: Articulação Teoria e Prática; vivência profissional em empresas, órgãos públicos e privados.				
BIBLIOGRAFIA:				
AGUILAR, F.J. A Ética nas Empresas: maximizando resultados através de uma conduta ética nos negócios. Tradução de Ruy Jungmann. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1996.				
ARISTÓTELES. A Ética . Tradução de Cássio M. Fonseca. Col. Universidade de Bolso. TecnoPrint, s.a.				
BIANCHI, R.; BIANCHI, A.C.M.; ALVARENGA, M. Manual de Orientação: estágio supervisionado . Editora Thonsom Pioneira, 2004.				
BRASIL. Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979. Disciplina a profissão de Geógrafo e dá outras providências. Diário Oficial da União , Brasília, 27 de junho de 1979, Seção 1, Pág. 9.017.				
BRASIL. Lei nº 7.399, de 04 de novembro de 1985. Altera a redação da Lei nº 6.664, de 26 de junho de 1979, que disciplina a profissão de Geógrafo. Diário Oficial da União , Brasília, 27 de junho de 1979, Seção 1, Pág. 9.017.				
BURSZTYN, M.; et. al. (orgs.). Ciência, Ética e Sustentabilidade: desafios ao novo século. Editora Cortez, Brasília, 2001.				
CHOMSKY, N.; DIETERICH, H. A Sociedade Global: Educação, Mercado e Democracia. Tradução de Jorge Estevas da Silva. Coleção Sociedade e Ambiente – 4. Editora da Furb, Blumenau, 1999.				
GUIMARÃES, I. Manual de Estágio e Carreiras Profissionais . Editora Ivan Guimarães, 1999.				
LIMA, M.C.; OLIVO, S. Estágio Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso . Editora Thomson Pioneira, 2006.				
SÁ, A.L.de. Ética Profissional . 4ª ed. rev. amp. Editora Atlas, São Paulo, 2001.				
SILVA, M.O.S.; YAZBEK, M.C. (orgs.). Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo . Editora Cortez, São Luiz, 2006.				
VALLS. A.L.M. O que é ética? Coleção primeiros 177 passos. Editora Brasiliense, São Paulo, 2006.				

DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 30	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO:	CRÉDITOS 2
EMENTA: Estudo, elaboração e execução de projetos de pesquisa; elaboração e defesa de Trabalho de Conclusão de Curso.				
BIBLIOGRAFIA: CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica . 4 ed., São Paulo: Makron books, 1996. MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos da metodologia científica . 6 ed., São Paulo: Atlas, 2005. MINHAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade . 15 ed., Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2000.				
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR ECO, Umberto. Como se faz uma tese . 14 ed., São Paulo: Perspectiva S.A., 1998. MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: A prática de fichamentos, resumos, resenhas . 6 ed., São Paulo: Atlas, 2004. SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução a uma ciência pós-moderna . 3 ed., Rio de Janeiro: Graal, 2000. STREY, Marlene (et al.). Psicologia social contemporânea: livro-texto . 8 ed., Petrópolis: Vozes, 2003.				

6.5. DISCIPLINAS OPTATIVAS

DISCIPLINA: GEOGRAFIA CULTURAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: A evolução da geografia cultural. Os conceitos de cultura e de identidade materializados no espaço geográfico. O multiculturalismo, a paisagem cultural, a região cultural e o regionalismo. Os temas culturais na contemporaneidade.				
BIBLIOGRAFIA: BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura . Tradução: Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2012. CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. Explorações Geográficas . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. CASTELLS, Manuel. O poder da identidade: a era da informação - economia sociedade e cultura . 2. ed. v. 2. Tradução de Klaus Brandini Gerhard. São Paulo: Paz e Terra, 1999. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: uma ontologia I . Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 239-244, 2012. CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Introdução à geografia cultural . Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. CORRÊA, Roberto L. (Org.). Geografia cultural: um século (1) . Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. - HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade . Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. HARVEY, D. A Condição Pós-Moderna . São Paulo: Loyola. 1993. JAMESON, F. Pós- Modernismo - A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio . São Paulo: Ática, 1996. SERPA, Angelo (org). Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações . Salvador: EDUFBA, 2008.				

DISCIPLINA: PALEOGEOGRAFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo de dados físicos, biológicos e isotópicos que possibilitam o entendimento das condições geográficas e ambientais pretéritas. Noções de paleobiogeografia, paleogeografia, paleoecologia e paleoclimatologia.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: ACOT, Pascal. História da ecologia. Rio de Janeiro: Campus, 1990. ÁVILA-PIRES, Fernando Dias de. Fundamentos históricos da ecologia. Ribeirão Preto: Holos, 1999. BACHELARD, Gaston. A epistemologia. Lisboa: Edições 70, 2006. _____. Ensaio sobre o conhecimento aproximado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. COSTA, Michel Iskin da Silva; GODOY, Weslei A. C. Fundamentos de ecologia teórica. São Paulo: Manole, 2009. CROKER, R.A. Stephen Forbes and the Rise of American Ecology. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press, 2001. DAJOZ, R. Ecologia geral. Petrópolis. Ed. Vozes. 1979. DELÉAGE, Jean-Paul. História da ecologia. Uma ciência do homem e da natureza. Lisboa: Dom Quixote, 1993. ESTEVES, Francisco de Assis. Fundamentos de Limnologia. Rio de Janeiro: Interciência, 2011. FEYERABEND, Paul. Contra o método. São Paulo: Editora Unesp, 2007. KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988. _____. O caminho desde a estrutura. São Paulo: Editora da Unesp, 2006. ODUM, E. P. Ecologia. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988. ODUM, E. P.; BARRETT, G.W. Fundamentos de Ecologia. São Paulo: Thomson. 2007, 612p. PINTO-COELHO, Ricardo Motta. Fundamentos em ecologia. Porto Alegre: Artmed, 2000. RIKLEFS, R. A economia da natureza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003, 542p. TOWNSEND, C. R.; BEGON, M.; HARPER, J. L. Fundamentos em Ecologia, Porto Alegre: Artmed, 2006, 592p.</p>				

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 52	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 08	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: As bases teóricas e metodológicas da Educação Ambiental e a interdisciplinaridade. O panorama histórico e ideológico da Educação Ambiental. Os conceitos de natureza, ambiente e sustentabilidade. A Educação Ambiental como fator de defesa do patrimônio natural/cultural. Os problemas ambientais e a questão de desenvolvimento. Elaboração de projetos de Educação Ambiental.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: CARVALHO, Isabel C.M. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico, São Paulo: Cortez, 2012. CASCINO, F. Educação ambiental: princípios, história, formação de professores. São Paulo: Senac, 2007. DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2010. DIAS, G. F. Atividades interdisciplinares de educação ambiental. São Paulo, Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015. DIAS, Genebaldo Freire. Dinâmicas e instrumentação para educação ambiental. São Paulo, Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015. LEFF, Enrique. Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo, Cortez, 2012. LOUREIRO, Carlos Frederico <i>et al.</i> Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire. Cortez Editora, 2016. GUILMARÃES, M. Caminhos da educação ambiental: a forma à ação. São Paulo: Papirus, 2012.</p>				

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental?** São Paulo: Brasiliense, 2009.
 RUSCHEINSKY, A. **Educação ambiental abordagens múltiplas**, São Paulo: Cortez, 2000.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE ARQUEOLOGIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 45	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Fundamentos de arqueologia. Métodos e técnicas geoarqueológicas. Patrimônio Histórico Cultural. Levantamento arqueológico e planejamento ambiental.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: BASTOS, R. L. Arqueologia Pública no Brasil: novos tempos. Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, p. 155-168, 2006. BICHO, N. Manual de Arqueologia Pré-Histórica. Edições 70. Lisboa, 2006. CALDARELLI, S. B. Levantamento arqueológico em planejamento ambiental. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento, n. supl. 3, p. 347-369, 1999. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2003. FOLEY, R. Os Humanos antes da Humanidade – uma perspectiva evolucionista. Unesp. São Paulo, 1998. KELSO, W. M.; MOST, R. Earth patterns: essays in landscape archaeology. University Press of Virginia, 1990. KERN, D. C.; COSTA, M. L.; RUIVO, M.L.P. Métodos e técnicas geoarqueológicas para caracterização de solos com Terra Preta na Amazônia: contribuições para a Arqueologia. Geoarqueologia: teoria e prática. UCG, Goiânia-GO, 2009. KLEIN, R.; EDGAR, B. O despertar da cultura. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2005. MITHEN, Steven. Pré-História da Mente. Unesp. São Paulo, 2003. MORI, V. H.; SOUZA, M. C. et al. (org.). Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: 9ª SR/IPHAN. NEVES, Walter e PILÓ, Luís. O Povo de Luzia. Editora Globo. Rio de Janeiro, 2008. REMUS, Marcus Vinicius Dorneles et al. Proveniência sedimentar: métodos e técnicas analíticas aplicadas. Revista Brasileira de Geociências, v. 38, n. 2 suppl, p. 166-185, 2008. RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueologia: Teorias, Métodos y Práctica. Edicione s Akal, S.A., 1993. SILVA, Hilton. e CARVALHO, Cláudia (Orgs.). Nossa Origem. O Povoamento das Américas: visões multidisciplinares. Vieira & Lent. Rio de Janeiro, 2006. SÁNCHEZ, L. E. Avaliação ambiental estratégica e sua aplicação no Brasil. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2008. SCHMITZ, P. I. Caçadores e coletores do Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisa-Unisinos, 1984. SOARES, A. L. R. Guarani: organização social e arqueologia. Edipucrs, 1997. TRIGGER, B. História do Pensamento Arqueológico. Editora Odysseus, São Paulo, 2004. TRIGGER, B.G. Além da história: os métodos da pré-história. São Paulo: USP, 1973.</p>				

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE ECOLOGIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo do funcionamento dos ecossistemas. Entendimento dos processos de transferência de matéria e energia. Estudo dos métodos de trabalho em ecologia.</p> <p>BIBLIOGRAFIA: DAJOZ, R. Ecologia geral. Petrópolis. Ed. Vozes. 1979. HAGGET, P. Geography: a modern synthesis. Nova Iorque. Harper International Ed. 1972.</p>				

MARGALEF, R. **Ecologia**. Barcelona. Ed. Omega. 1980.
 MILLER, G. T. J. **Ciência ambiental**. São Paulo: Thomson. 2007.
 ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.
 ODUM, E. P.; BARRETT, G.W. **Fundamentos de Ecologia**. São Paulo: Thomson. 2007.
 RIKLEFS, R. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 TOWNSEND, C. R.; BEGON, M.; HARPER, J. L. **Fundamentos em Ecologia**, Porto Alegre: Artmed, 2006.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA DA SAÚDE				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: As bases teóricas e conceituais da Geografia da Saúde. Espaço Geográfico e saúde. Serviços e políticas públicas de saúde. Abordagem geográfica das condições de saúde e doença e sensibilização da população. Métodos e técnicas empregados nos estudos de geografia da saúde. Expansão geográfica das doenças nas diferentes escalas. Urbanização e enfermidades.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BOUSQUAT, A.; COHN, A. A dimensão espacial nos estudos sobre saúde: uma trajetória histórica. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos, v.11, n.3, p.549- 68, dez. 2004. CADERNO DE SAÚDE PÚBLICA. GONÇALVES Neto, VS, REBELO, JMM. Aspectos epidemiológicos da dengue no município de São Luís Maranhão, Brasil, 2004. CARVALHEIRO, J. da R. Pestilências: velhos fantasmas, novas cadeias. Saúde e Sociedade, v.1, n.1, p.25-42, 1992. CZERINA, D.; RIBEIRO, A. M. O conceito de espaço em epidemiologia: uma interpretação histórica e epistemológica. Cadernos de Saúde Pública, v.16, n.3, p.595-605, jul.-set. 2000. BRASIL. Dengue instruções para pessoal de combate ao vetor: manual de normas técnicas. – 03. ed., Brasília: Ministério da Saúde: Fundação Nacional de Saúde, 2001. FORATTINI OP. Culicidologia médica: identificação, biologia e epidemiologia. São Paulo: Edusp, 2002. GUIMARÃES, R. B. Regiões de saúde e escalas geográficas. Cadernos de Saúde Pública, v.21 n.4, p.1017-25, 2005. IÑIGUEZ ROJAS, L. Geografía y salud: temas y perspectivas en América Latina. Cadernos de Saúde Pública, v.14, n.4, p.701-11, 1998. MARTINS, E. R. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. GEOUSP: Espaço e Tempo, São Paulo, n.21, p.33-51, 2007. MASSOQUIM, N, G. Clima e Paisagem da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2010. MONKEN, M.; BARCELLOS, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.21, n.3, p.898-906, 2005 NIMER, Edmon. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. NOSSA, Paulo Nuno. Linhas de investigação contemporâneas na Geografia da Saúde e a ação holística de saúde. In: BARCELLOS, Christovam (ORG). A Geografia e o contexto dos problemas de saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2008. RIBEIRO, Andressa, F, MARQUES, Gisela, R, A, M et al. Associação entre incidência de dengue e variáveis climáticas: Revista saúde pública, 2006 (671-676), disponível em: http://www.dengue.lcc.ufmg.br. Acesso em 28/07/2010 as 17h35minh. SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1997. SILVA, A. A. D. da. Complexo geográfico, espaço vivido e saúde. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.25, p.97-110, 2003. TIMERMAN, A. NUNES, E, LUZ, K. Dengue no Brasil – Doença urbana. São Paulo: Limay, 2012. VAREJÃO-SILVA Mario Adelmo. Meteorologia e Climatologia. Instituto Nacional de Meteorologia Brasília, DF, 2000. VASCONCELLOS, P,F,C. Epidemia de febre clássica de dengue causada pelo sorotipo 2 em Araguaiana, Tocantins, Brasil. Revista Instituto Médico Tropical, São Paulo, 2003.</p>				

DISCIPLINA: GEOGRAFIA DO TURISMO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Aspectos conceituais e aproximação sistêmica de turismo e geografia. Turismo e representações. Cartografia aplicada ao turismo. Os fatores naturais e os impactos da atividade turística. Ocupação e uso do espaço geográfico pelo turismo.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. _____. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005. _____. Em busca da política. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. _____. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992. _____. LEMOS, Amália Inês. Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003. COIMBRA, P. e TIBÚRCIO, J. A. M. Geografia Uma Análise do Espaço Geográfico. Ed. HARBRA, 1998. CRUZ, Rita C. A. Introdução à Geografia do Turismo, Ed Roca São Paulo, 2003. _____. Política de turismo e território. São Paulo: Contexto, 2001. _____. O Nodeste que o turismo(ta) não vê. In: BALASTRERI, Adyr (Org.). Turismo; modernidade e globalização. São Paulo: Hucitec, 2002. HARVEY, David. A produção capitalista do lugar. São Paulo: Annablume, 2005. LEMOS, Amália Inês G. de. (Org.). Turismo: impactos sócio-ambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. PEARCE, Douglas G. Geografia do Turismo fluxos e regiões no mercado de viagens, Ed. Aleph São Paulo, 2003. RODRIGUES, Adyr A. B(Org.). Turismo e geografia: reflexoes teoricas e enfoques regionais. Sao Paulo: Hucitec, 1996. URRY, John. O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, Sesc. 1996.</p>				

DISCIPLINA: GEOGRAFIA DOS TRANSPORTES E DA CIRCULAÇÃO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:	
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo da evolução e da organização dos transportes na expansão econômica e o grau de integração territorial nacional e internacional. Estudos das redes de circulação. Transportes, circulação e os impactos ambientais. O planejamento nacional das vias de circulação.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: BENKO, G. Economia, Espaço e Globalização na Aurora do Século XXI. São Paulo: Hucitec, 1996. BENKO, G.; LIPIETZ, A. (org.). As Regiões Ganadoras. Distritos e Redes: Os Novos Paradigmas da Geografia Econômica. Oeiras: Celta Editora, 1994. CARLOS, A. F. A. Espaço e Indústria. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. CAVALCANTI, C. (org.). Desenvolvimento e Natureza: Estudo para uma Sociedade Sustentável. São Paulo: Cortez, 1995. MANZAGOL, C. Lógica do Espaço Industrial. São Paulo: Difel, 1985. SANTOS, M. et al (org.). Fim de Século e Globalização. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1993. SANTOS, M. Técnica, Espaço, Tempo e Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.</p>				

DISCIPLINA: GEOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo sobre os aspectos teóricos dos movimentos sociais. Histórico dos movimentos sociais no espaço brasileiro. Movimentos sociais no espaço urbano e rural e suas transformações na produção do espaço geográfico.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. (vol.1) A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. CASTRO, Josué. Geografia da Fome. Rio de Janeiro: Antares, 1984. CARONE, Edgar. Classes Sociais e movimento Operário. São Paulo: Ática, 1989. FERRER, Flôrcia. Reestruturação Capitalista: Caminhos e descaminhos da tecnologia da informação. São Paulo: Moderna, 1998. GRAZIANO da Silva, José (coord.) Estrutura Agrária e a Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1978. GRAZIANO NETO, Francisco. Qual a Reforma Agrária? Terra, pobreza e cidadania. São Paulo: Geração Editorial, 1996. GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e Educação. São Paulo: Cortez, 1999. _____, Maria da Glória. Os Sem Terra, ONGS e Cidadania. São Paulo: Cortez, 2000. JACOBI, Pedro. Movimentos Sociais e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez, 1989. KOWARICK, L. As Lutas Sociais e a Cidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. LEONARDI, Victor. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo: Ática, 1991. LINHARES, Maria Y; SILVA, Francisco C. T. da. Terra Prometida: uma história da questão agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1999. MARTINS, José de Souza. Os Camponeses e a Política no Brasil. São Paulo: Ática, 1986. MEDEIROS, Leonilde S. História dos Movimentos Sociais no Campo. Rio de Janeiro: Fase, 1989. OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. A Geografia das Lutas no Campo. São Paulo: Contexto, 2001. _____, Ariovaldo U. de. Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. RODRIGUES, A. M. Moradia nas Cidades Brasileiras. São Paulo: Contexto, 1988. SANTOS, José V. T. dos (orgs.) Revoluções Camponesas na América Latina. Campinas: Ícone, 1985. SANTOS, M. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987. WOLF, Eric. Guerras Camponesas no Século XX. São Paulo: Global, 1984.</p>				

DISCIPLINA: HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA:	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO:	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Estudo da história da sociedade brasileira em seus aspectos políticos, econômicos e culturais entre os séculos XVI-XXI.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: Básica: ARRUDA, José Jobson de A. 2ª edição. A Revolução Industrial. São Paulo: Ática, 1991. BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. São Paulo: Zahar, 1999. _____. Modernidade líquida. São Paulo: Zahar, 2001. ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1985. FALCON, Francisco e MOURA, Gerson. A Formação do Mundo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Campus, 1981. SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. HOBSBAWM, E. A era das Revoluções (1789-1848). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.</p>				

- REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. O século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 (3v).
- ARENT, H. As origens do totalitarismo. São Paulo, 1989.
- BAKUNIN, Michail. “Carta ao jornal La Liberte, de Bruxelas”, In: Escrito Contra Marx – conflitos na Internacional. DF, Novos Tempos, 1989, pp.17-47.
- BARROS, Edgar. A Guerra Fria. São Paulo: Atual, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Zahar, 2004.
- _____. Tempos líquidos. São Paulo: Zahar, 2007.
- _____. Modernidade e Holocausto. São Paulo: Zahar, 1998.
- _____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. São Paulo: Zahar, 2003.
- BEAUD, Michel. História do Capitalismo. De 1500 aos nossos dias. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo, Cida das Letras, 1986.
- BRESCIANI, M. S. Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRUNSWIG, Henri. A Partilha da África Negra. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CANÊDO, Leticia. A Descolonização da Ásia e da África. São Paulo: Atual, 1985.
- CHALIAND, Gerard. Mitos Revolucionários do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CHESNAUX, Jean. A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX. São Paulo: Pioneira, 1976.
- DARNTON, Robert. “Cinema: Danton e o duplo sentido”. In: O Beijo de Lamourette. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, pp. 51-63.
- _____. Boemia Literária e Revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- DECCA, Edgar de. O nascimento da fábricas. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.
- DEISCHER, Issac. A Revolução Inacabada. Rússia 1917-1967. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- FENELON, Déa. A guerra fria. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FERNANDES, Luís. URSS. Ascensão e Queda. São Paulo: Anita Garibaldi, 1991.
- FERRO, Marc. História das Colonizações. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- FURET, François. O Passado de uma ilusão. Ensaio sobre a Idéia Comunista no Século XX. São Paulo: Siciliano, 1995.
- FURET, F. Pensando a Revolução Francesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- GAY, Peter. O século de Schnitzler. São Paulo: Cida das Letras, s/d.
- HENDERSON, W. O. A Revolução Industrial. São Paulo, Ed. Verbo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- _____. A Era do Capital 1848-1875. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. A Era dos Impérios 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. Da revolução industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense, 1983.
- _____. Ecos da Marselhesa. São Paulo, Cia das Letras, 1996
- _____. Mundos do Trabalho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. Nações e Nacionalismos desde 1870. Rio de Janeiro, 1990.
- _____. Os Trabalhadores - Estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- KENNEDY, Paul. Ascensão e Queda das Grandes Potências. Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- KENT, George O. Bismarck e seu Tempo. Coleção Itinerários, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.
- KURZ, Robert. O colapso da modernização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LEFEBVRE, G. 1789 o surgimento da Revolução Francesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- LEFEBVRE, G. O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- LENIN, V. I. “Imperialismo, fase superior do capitalismo”, In Obras Escolhidas, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.
- LINHARES, Maria Yedda. A luta contra a metrópole. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MANDEL, Ernest. O Significado da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Ática, 1986.
- NERÉ, Jacques. História Contemporânea. São Paulo: DIFEL, 1975.
- OZOUF, Mona; FURET, François. Dicionário crítico da revolução francesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. A construção do socialismo na China. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- REMOND, René. O século XIX (1815-1914). São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. O Século XX. (De 1914 aos nossos dias). São Paulo: Cultrix, 1981.

RUDÉ, G. A multidão na história. Rio de Janeiro, Campus, 1991, pp.99-132.
 SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
 SANTIAGO, Théo. (org.). Descolonização. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
 SALEN, Helena. O que é a questão palestina. São Paulo: Brasiliense, 1986.
 SCHWARCZ, Lília M. O espetáculo das raças. São Paulo, Cia das Letras, 1983.
 SOBOUL, Albert. Revolução Francesa. Lisboa: Teorema, 1988.
 THOMPSON, Edward; et. alli Exterminismo e Guerra Mundial. São Paulo: Brasiliense, 1985.
 THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
 _____. Trabalho, Educação e Prática Social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
 _____. A formação da classe operária inglesa. Vol. 2 – A Maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
 VIGEVAVI, Túlio. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Moderna, 1986.
 WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 4º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: Estudo da história da sociedade brasileira em seus aspectos políticos, econômicos e culturais entre os séculos XVI-XXI.				
BIBLIOGRAFIA: CARONE, Edgard. A República Velha: instituições e classes sociais. São Paulo: DIFEL, 1976. COSTA, Emília Viotti da. Da senzala à Colônia. São Paulo: Difel, 1966. _____. Da monarquia à república: momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo, 1977. FAUSTO, Boris. História da Sociedade Brasileira. 12 ed. São Paulo: EDUSP, 2004. FERREIRA, J. (org.). Populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. HELLMANN, Michaeli (org.). Movimentos sociais e democracia no Brasil. São Paulo: Marco Zero, 1995. HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1975.				

DISCIPLINA E16: HISTÓRIA AMBIENTAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: Estudo histórico e historiográfico da relação entre as populações humanas e os diferentes ecossistemas terrestres. A história da ideia de natureza. A relação entre a natureza, a sociedade e a cultura. A História e as ciências da natureza e da vida: abordagens interdisciplinares.				
BIBLIOGRAFIA: ARRUDA, G.; KLONOVIEZ J.; CARVALHO, E. B. de (Orgs). História ambiental no sul do Brasil. São Paulo: Alameda, 2012. BLOCH, Marc. História e historiadores. Lisboa: Teorema, 1998. BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II. Lisboa: Martins Fontes, 1983-1984. _____. Há uma geografia do indivíduo biológico? In: Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1992. _____. Reflexões sobre a história. São Paulo: Martins Fontes, 1992. CANGUILHEM, Georges. La connaissance de la vie. Paris: Vrin, 2003. COLLINGWOOD, R.G. Ciência e filosofia. A ideia de natureza. Lisboa: Presença, 1986.				

- DAGOGNET, François. **Considérations sur l' idée de nature**. Paris: Vrin, 2000.
- DARWIN, Charles. **Origem das espécies**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- DELÉAGE, Jean-Paul. **História da ecologia**. Uma ciência do homem e da natureza. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2000a.
- _____. (Org) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000b.
- DROUIN, Jean-Marc. **Reinventar a natureza**. A ecologia e a sua história. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- DRUMMOND, J. A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**, v.4, n.8, p.177-97, 1991.
- DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FEBVRE, Lucien. **Olhares sobre a história**. Lisboa: Asa, 1996.
- HEISENBERG, Werner. **A imagem da natureza na Física moderna**. Lisboa: Livros do Brasil, 1980.
- HUGHES, J. Donald. **What is environmental history?** London: Polity, 2006.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. O clima: história da chuva e do bom tempo. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: _____, 2004.
- _____. Histoire humaine et comparée du climat. Canicules et glaciers XIII^e-XVIII^e siècles. Paris: Fayard, 2004.
- LECOURT, Dominique. **Humano pós-humano**. A técnica e a vida. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- MAYR, Ernst. **Biologia, ciência única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MONOD, Jacques. **O acaso e a necessidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MORAN, E. F. Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica. São Paulo: Edusp, 2010.
- _____. People and nature: An introduction to human ecological relations. Oxford, UK, Blackwell, 2006.
- MORIN, Edgar. **O método 5**. A humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____. **O método 2**. A vida da vida. Lisboa: Europa-América, 1999.
- _____. **O método 1**. A natureza da natureza. Lisboa: Europa-América, 1997.
- MORIN, Edgar, KERN, Anne Brigitte Kern. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MOSCOVICI, Serge. **A sociedade contranatura**. Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.
- _____. **De la nature**. Pour penser l' ecologie. Paris: Éditions Métailié, 2002.
- PAPAVERO, Nelson; LLORENTE-BOUSQUETS, Jorge; ORGANISTA, David Espinosa;
- MASCARENHAS, Rita. **História da Biologia comparada**. Desde o gênese até o fim do império romano do ocidente. Ribeirão Preto: Holos, 2000.
- ROHDE, Geraldo Mario. **Epistemologia ambiental**. Uma abordagem filosófica-científica sobre a efetuação humana alopoiética.
- ROSSET, Clément. **A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica**. Rio de Janeiro: Espaço Tempo, 1989.
- SAGAN, Carl. **O dragões do Éden**. Especulações sobre a origem da inteligência humana e das outras. Lisboa: Gradiva, 1997.
- _____. **Bilhões e bilhões**. Reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHRÖDINGER, Erwin. **O que é vida?** O aspecto físico da célula viva.
- SERRES, Michel. **O contrato natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- SILVA, S. D. e; TAVARES, G. G.; FRANCO, J. L. de A. **História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- TIEZZI, Enzo. **Tempos históricos, tempos biológicos**. A terra ou a morte: os problemas da nova ecologia. São Paulo: Nobel, 1988.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DISCIPLINA: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO HISTÓRICO E INTERVENÇÃO URBANA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: Análise da memória e da percepção da cidade. Estudo do patrimônio histórico e da intervenção na cidade. A análise das cidades histórias brasileiras.				

BIBLIOGRAFIA:

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
 CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
 CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.
 CUNHA, Danilo Fontenele Sampaio. **Patrimônio cultural. Proteção legal e constitucional**. Rio de Janeiro: Legal, 2004.
 HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
 HARVEY, David. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
 KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Ed. UNB, 1996.
 LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Portugal, São Paulo: Martins, 1980.
 SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
 VARGAS, Heliana e CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos. Objetivos, estratégias e resultados**. Barueri: Manole, 2006.

DISCIPLINA: TEORIA DA REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO

COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: A evolução do conceito região na História do Pensamento Geográfico. Regionalização do espaço brasileiro: as propostas e propósitos das divisões regionais. Regionalização no processo de formação territorial. Região na divisão territorial do trabalho. Regiões e migrações. Produção, circulação e consumo no processo de regionalização brasileiro.				
BIBLIOGRAFIA: ANDRADE, Manuel Correia. Formação territorial do Brasil In: Antônio Christofoletti (org.). Geografia e meio ambiente no Brasil . São Paulo: Hucitec, IGI, 1995. BEZZI, Meri Lourdes. Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas . Rio Claro: UNESP / IG, 1995. CARLEIAL, Liana Maria da Frota. A questão regional no Brasil contemporâneo. In: Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil . São Paulo: ANPUR/Hucitec, 1993. CORREA, Roberto Lobato. Região e Organização Espacial . Ática, São Paulo, 1986. CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas . 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. LENCIONI, Sandra. Região e Geografia . São Paulo: EDUSP, 2003. SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI . 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.				

DISCIPLINA: GEOMORFOLOGIA DINÂMICA E EVOLUÇÃO DE VERTENTES

COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: Estudo dos processos erosivos e de deposição bem como dos mecanismos envolvidos. Avaliação da contribuição antrópica para esses processos. Análise e avaliação das formas de relevo atuais, tendo por princípio as teorias de evolução das paisagens. Avaliação e diagnóstico de riscos ambientais.				
BIBLIOGRAFIA: ARAUJO, G.H.S.; ALMEIDA, J.R.; GUERRA, A.J.T. Gestão de áreas degradadas . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 320p.				

BELTRAME, A.V. **Diagnóstico do meio físico de bacias hidrográficas**. Florianópolis: Editora da UFSC. 1994, 111p.

BIGARELLA, J.J. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Contribuições de Everton Passos et al. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2003. v. 3.

BIGARELLA, J.J.; BECKER, R.D.; SANTOS, G.F. dos. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Contribuições Maria Lucia de Paula Herrmann, Sheila Maria Cabral de Carvalho, Magaly Mendonça. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994. v. 1.

BIGARELLA, J.J.; MAZUCHOWSKI, J.Z. **3º Simpósio Nacional de Controle de Erosão: visão integrada da problemática da erosão**, Livro Guia. Maringa: ABGE/ADEA, 1985.

CASSETI, V. **Elementos de Geomorfologia**. Goiânia: UFG. 2001, 137.

D'AGOSTINI, L.R. **Erosão: o problema mais que o processo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 199, 131p.

GUERRA, A.J.T.; SILVA, A.S.; BOTELHO, R.G.M. (orgs) **Erosão e conservação de solos: Conceitos, Temas e Aplicações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 339p.

GUERRA, A.J.T.; CUNHA, S. B da (orgs). **Impactos Ambientais Urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, 416p.

GUERRA, A.J.T. **Geomorfologia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011, 280p.

TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M.C.M de; FARCHILD, T.R.; TAIOLI, F. **Para entender a Terra**. Tradução Rualdo Menegat et al. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

TOMINAGA, L.K.; SANTORO, J.; AMARAL, R. **Desastres naturais: conhecer para prevenir**. São Paulo: Instituto Geológico, Secretaria do Meio Ambiente, Governo de São Paulo, 2009. 196p.

SILVA, A.M da.; SCHULZ, H.E.; CAMARGO, P.B de. **Erosão e Hidrossedimentologia em Bacias Hidrográficas**. São Carlos: Rima Editora, 2003. 138p.

DISCIPLINA: HIDROLOGIA E SANEAMENTO AMBIENTAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2
EMENTA: Saneamento e Saúde. Saneamento Básico. Proteção da Paisagem. Controle de Cheias e Recuperação de Terras. Saneamento em áreas Urbanas e Rurais. Saneamento em Emergências.				
BIBLIOGRAFIA: PINTO, N.L. de S. et al– Hidrologia Básica – São Paulo.Editora Edgard Blucher, 1976 VILELLA, S.M. & MATTOS, A.. – Hidrologia Aplicada – São Paulo – Editora McGraw-Hill do Brasil, 1975 LINSLEY, R. K. & FRANZINI, J.B. – Engenharia de Recursos Hídricos . São Paulo - Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981. TUCCI, C.E.M. – Hidrologia: Ciência e Aplicação . Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, São Paulo, 1993. J.B. DIAS DE PAIVA e E.M.C. DIAS DE PAIVA (Org.) Hidrologia Aplicada à Gestão de Pequenas Bacias Hidrográficas . ABRH – Porto Alegre, 2001. CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia Fluvial ., Editora Edgard Blücher Ltda., 1981. GALETI, P., A. Água . Campinas-SP, Editora Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1983. TUCCI, C. E. M., Porto, R. L. L., Barros, M. T. (Org.). Drenagem urbana . Porto Alegre: ABRH/Editora da Universidade/UFRGS, 1995.- (Coleção ABRH de Recursos Hídricos; v. 5). 428p. SUGUIU, K. & BIGARELLA, J.J. Ambientes fluviais . 2ª Ed. Florianópolis. Ed. UFSC. 183p.1990.				

DISCIPLINA: TÉCNICAS QUANTITATIVAS APLICADAS À GEOGRAFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 30	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2

EMENTA: O uso de métodos quantitativos em Geografia. Utilização e tratamento de dados geográficos de natureza quantitativa. Utilização de testes de associação entre variáveis. Utilização de testes paramétricos e não-paramétricos. Regressão e correlação entre variáveis.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRIOTTI, José Leonardo Silva. **Fundamentos de estatística e geoestatística**. 2003.
 BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Ed. UFSC, 2008.
 BUSSAB, Wilton de O.; MORETTIN, Pedro A. **Estatística básica**. Saraiva, 2010.
 DE GERARDI, Lúcia Helena Oliveira; SILVA, Bárbara Christine Nentwig. **Quantificação em geografia**. Difel, 1981.
 FAISSOL, Speridião. A geografia quantitativa no Brasil: como foi e o que foi. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 21-52, 1989.
 FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. A Geografia quantitativa. **A evolução do pensamento geográfico**. Lisboa: Ed. Gradiva, 1986.
 LAMEGO, M. O IBGE e a geografia quantitativa brasileira: construindo um objeto imaginário. **Terra Brasilis (Nova Série)**, [on line], v. 3, 2014. URL : <http://terra-brasilis.revues.org/1015> ; acesso em 26/6/2017. PEREIRA, Júlio César Rodrigues. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde humanas e sociais**. Edusp, 1999.

DISCIPLINA: RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS

COLEGIADO DE GEOGRAFIA	CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
-------------------------------	------------------------------	--------------------------------------	--------------------

CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 35	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 15	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 10	CRÉDITOS 2
------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	-----------------------

EMENTA: Embasamento teórico-prático sobre a recuperação de áreas degradadas com base em seus princípios científicos e da contextualização através de estudos de caso e elaboração de projetos.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, D.S. **Recuperação ambiental da Mata Atlântica**. Editus Editora UESC. 2000. 130p.
 ALVES, M.C.; SUZUKI, L.E.A.S. Influência de diferentes sistemas de manejo do solo na recuperação de suas propriedades físicas. **Acta Scientiarum**, v. 26, p.27-34, 2004.
 DORAN, J.W.; PARKIN, T.B. Defining and assessing soil quality. In: DORAN, J.W.; COLEMAN, D.C.; BEZDICEK, D.F. & STEWART, B.A., eds. **Defining soil quality for a sustainable environment**. Madison, SSSA, 1994. p.1-20. (Special, 35)
 FUNDAÇÃO CARGILL. **Manejo ambiental e restauração de áreas degradadas**. São Paulo: Fundação Cargill, 2007. 188p.
 GLUFKE, C. **Espécies florestas recomendadas para recuperação de áreas degradadas**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1999. 48p.
 KAGEYAMA, P. Y.; R. E. OLIVEIRA; L. F. D. MORAES; V. L. ENGEL; F. B. GANDARA (Org.). **Restauração ecológica de ecossistemas naturais**. Botucatu: Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais, 2008.
 REICHERT, J.M.; SUZUKI, L.E.A.S.; REINERT, D.J. Compactação do solo em sistemas agropecuários e florestais: identificação, efeitos, limites críticos e mitigação. In:
 CERETTA, C.A.; SILVA, L.S.; REICHERT, J.M. **Tópicos em Ciência do Solo**, volume v. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2007. p.49-134.
 RODRIGUES, R.R., Leitão filho, H. (Eds.) **Matas Ciliares**. Conservação e recuperação. EDUSP, FAPESP. São Paulo. 2000. 320p.
 ROVEDDER, A.P.M., et al. Desenvolvimento do *Pinus elliottii* e do *Eucalyptus tereticornis* consorciado com plantas de cobertura, em solos degradados por arenização. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.38, n.1, p.84-89, jan-fev, 2008
 ROVEDDER, A.P.M. et al. Organismos edáficos como bioindicadores da recuperação de solos degradados por arenização no Bioma Pampa. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.39, n.4, p.1061-1068, jul, 2009.
 ROVEDDER, A.P.M.; ELTZ, F.L.F. Revegetação com plantas de cobertura em solos arenizados sob erosão eólica no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 32, 315-321, 2008.
 ROVEDDER, A.P.M.; SCHENATO, R.B. Conservação do solo em sistemas de produção e práticas de recuperação. In: Rovedder, A.P.M. et al. (orgs.) **Suporte tecnológico par ao desenvolvimento regional: registros de uma experiência em extensão universitária**. Santa Maria, RS: Editora Pallotti, 2011.

DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS EM EXTENSÃO				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: OPTATIVA	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 30	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: **	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: 30	CRÉDITOS 2
<p>EMENTA: Conjunto de atividades de caráter científico visando complementar o processo formativo do acadêmico da extensão universitária nas dimensões socioambientais, econômicas, política, demográfica e cultural do espaço geográfico. Tais atividades incluem o desenvolvimento de projetos de extensão universitária sobre temas afins por meio de atividades práticas, pertinentes a Geografia e áreas afins, sendo estas desenvolvidas pelos docentes do colegiado de geografia, com conteúdos a critério do professor coordenador escolhido a cada oferecimento da disciplina.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>FERNANDES, M.C; SILVA, L.M.S; MACHADO, A.L.G; MOREIRA, T.M.M. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. Educação em Revista, vol. 28, n. 4, p. 169-19, 2012.</p> <p>FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: UFRGS/Pró-Reitoria de Extensão, 2012.</p> <p>NUNES, R.S.; VIEIRA, L.A. Contribuição da extensão universitária para a autonomia do estudante. Em Extensão, vol. 11, n. 2, p.118-125, 2012</p>				

DISCIPLINA: GEOGRAFIA REGIONAL DO PARANÁ				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 3º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo dos processos físicos, biológicos, sociais e econômicos do Espaço Geográfico Paranaense.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p>CAMARGO, João Borba de. Geografia Física, Humana e Econômica do Paraná. Maringá: Ideal, 2001.</p> <p>CARDOSO, Jayme Antonio & WESTPHALEN, Cecília Maria. Atlas Histórico do Paraná. Curitiba: Livraria do Chain, 1986.</p> <p>CIGOLINI, Adilar et. Alii. Paraná: Quadro Natural, Transformações Territoriais e Economia. São Paulo: Saraiva, 2001.</p> <p>FRESCA, Tânia Maria et alii. Dimensões do Espaço Paranaense. Londrina: Eduel, 2002. (Geografia em Movimento).</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Geografia do Brasil: Região Sul. Volume 2. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.</p> <p>INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTAS. Atlas do Estado do Paraná. Curitiba: ITCF, 1987.</p> <p>KOCH, Zig & CORRÊA, Maria Celeste. A Floresta do Brasil Meridional Curitiba: Olhar Brasileiro, 2002.</p> <p>LINHARES, Temístocles. História Econômica do Mate. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (Coleção Documentos Brasileiros).</p> <p>MAACK, Reinhard. Geografia Física do Paraná. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1981.</p> <p>MIRANDA, Nego & URBAN, Teresa. Engenhos & Barbaquás. Curitiba: Posigraf, 1998.</p> <p>NADALIN, Sérgio Odilon. Paraná: Ocupação do Território. População e Migrações. Curitiba: SEED,</p>				

2001. (Coleção História do Paraná – Textos Introdutórios).
 OLIVEIRA, Denisson de. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná – Textos Introdutórios).
 PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma Economia Periférica: O Caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1981. (Economia e Planejamento: Série Tese e Pesquisas).
 PALHARES, José Mauro. **Paraná: Aspectos da Geografia: Com Fundamentos de Geografia do Brasil**. Foz do Iguaçu: edição do autor, 2001.
 THOMAZ, Sérgio Luiz. Sinopse sobre a **Geologia do Estado do Paraná**. In: Boletim de Geografia, Maringá. UEM, ano 2, número 2, 1984.
 WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. (Coleção Brasil Diferente).
 _____. **Paraná, Norte Velho: Norte Pioneiro**. Curitiba: Vicentina, 1987.
 _____. Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização**. Curitiba: Lítero- Técnica, 1985.
 WAIBEL, Leo. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.
 WONS, Iaroslau. **Geografia do Paraná: com Fundamentos de Geografia Geral**. Curitiba: Ensino Renovado, 1994.
 YOKOO, Edson Noriyuki. **Terra de Negócio: Estudo da Colonização no Oeste Paranaense**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

DISCIPLINA: EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 3º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: Estudo das principais teorias científicas e filosóficas que fundamentam a Educação Ambiental e os pressupostos teóricos das ciências da vida e da natureza. Análise das diferentes representações das sociedades humanas acerca da natureza e de temas ambientais. Educação Ambiental e interdisciplinaridade: temas e abordagens atuais. A trajetória da Educação Ambiental no Brasil. Educação Ambiental e a Ciência Geográfica. Elaboração de projetos em Educação Ambiental.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA</p> <p>ARANTES Paulo C. Filosofia da biologia. Porto Alegre: Artmed, 2011. CHAUI, Marilena. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v.1. COLLINGWOOD, R.G. Ciência e filosofia. A idéia de natureza. Lisboa: Presença, 1986. D'AMBROSIO, Ubiratã. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997. DAGOGNET, François. Considérations sur l' idée de nature. Paris: Vrin, 2000. DARWIN, Charles. Origem das espécies. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. DELÉAGE, Jean-Paul. História da ecologia. Uma ciência do homem e da natureza. Lisboa: Dom Quixote, 1993. DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 2000ª. _____. (Org) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000b. DROUIN, Jean-Marc. Reinventar a natureza. A ecologia e a sua história. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. FERRY, Luc. A nova ordem ecológica. São Paulo: Ensaio, 1994. FLORIANI, Dimas; KNECHTEL, Maria do Rosário. Educação ambiental. Epistemologia e metodologias. Curitiba: Vicentina, 2003. JACOB, François. La logique du vivant. Une histoire de l'hérédité. Paris : Gallimard, 2004. HEISENBERG, Werner. A imagem da natureza na Física moderna. Lisboa: Livros do Brasil, 1980. _____. Física e filosofia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. HUMBOLDT, Alexander Von. Pinturas da natureza. Uma antologia. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. LENOBLE, Robert. História da idéia de natureza. Lisboa: Edições 70, 2002. LOUREIRO, Carlos Frederico. (Org) Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.</p>				

MARGULIS, Lynn. **O planeta simbiótico**. Uma nova perspectiva da evolução. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

MAYR, Ernst. **Desenvolvimento do Pensamento Biológico**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

MORIN, Edgar. O método 1. A natureza da natureza. Lisboa: Europa-América, 1997.

_____. **O método 2**. A vida da vida. Lisboa: Europa-América, 1999.

MORIN, Edgar, KERN, Anne Brigitte Kern. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MOSCOVICI, Serge. A sociedade contranatura. Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.

ODUM, Eugene Pleasants. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

PAPAVERO, Nelson; LLORENTE-BOUSQUETS, Jorge; ORGANISTA, David Espinosa; MASCARENHAS, Rita. **História da Biologia comparada**. Desde o gênese até o fim do império romano do ocidente. Ribeirão Preto: Holos, 2000.

PIRES, Antonio S. T. Pires. **Evolução das idéias da física**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

ROHDE, Geraldo Mario. **Epistemologia ambiental**. Uma abordagem filosófica-científica sobre a efetuação humana alopoiética.

ROSSET, Clément. **A antinatureza**: elementos para uma filosofia trágica. Rio de Janeiro: Espaço Tempo, 1989.

SAGAN, Carl. **O dragões do Éden**. Especulações sobre a origem da inteligência humana e das outras. Lisboa: Gradiva, 1997.

SCHRÖDINGER, Erwin. **O que é vida?** O aspecto físico da célula viva.

_____. **A natureza e os gregos**. Lisboa, Edições 70, 1999.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DISCIPLINA: LIBRAS – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

COLEGIADO DE PEDAGOGIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 3º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 60	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA:	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO: **	CRÉDITOS 2

EMENTA: Noções básicas de LIBRAS com vistas a uma comunicação funcional entre ouvintes e surdos no âmbito escolar no ensino de Geografia. As políticas de inclusão na educação de surdos no Brasil. A tradução e interpretação da Língua de Sinais no âmbito da Geografia.

BIBLIOGRAFIA:

BRASIL. **Educação Especial**: deficiência auditiva. Giuseppe Rinaldi (org.). Brasília: SEESP, 1997.

Decreto Nº 5.626. de 22 de Dezembro de 2005.

GESSER, Audrei. **Libras?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e a realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica** / Secretaria de Educação Especial, 2001, p.72.

LEI Nº 10.436 DE 24 DE ABRIL DE 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. **Falando com as mãos**. Curitiba: 1998.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004

SKLIAR, Carlos. **La educación de los sordos**: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: Ediunc, 1997.

SLOMSKI, Geni Vilma. **Educação Bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas. 1ª Ed. (2010), 1ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2011.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. 2ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001

DISCIPLINA: TEORIA E MÉTODO DA GEOGRAFIA				
COLEGIADO DE GEOGRAFIA		CÓDIGO DA DISCIPLINA:	ANO/SÉRIE: 3º	ANO LETIVO:
CARGA HORÁRIA TOTAL: 90	CARGA HORÁRIA TEÓRICA: 60	CARGA HORÁRIA PRÁTICA: 30	CARGA HORÁRIA EXTENSÃO:**	CRÉDITOS 3
<p>EMENTA: As bases epistemológicas da Geografia, suas implicações filosóficas, os métodos e os conceitos desenvolvidos ao longo da história do Pensamento Geográfico.</p>				
<p>BIBLIOGRAFIA: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo, Difel, 1983. Ciências Humanas, Rio de Janeiro, Zahar, 1975. CLAVAL, Paul. La pensée géographique. Paris, SEDES, 1972. HARTSHORNE, Richard. Propósitos e natureza da Geografia. São Paulo, 1984. HARVEY, David. Explanation in Geography. Londres, E. Arnold, 1969. HUCITEC, 1982. JOHNSTON, R. J. e CLAVAL, Paul. (org) La Geografia atual: geógrafos y tendencias. LACOSTE, Yves. A Geografia, in CHATELET, F. História da Filosofia, 7, Filosofia das MENDOZA, Josefina G., JIMENEZ, Julio MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. São Paulo, QUAINI, Massimo. Marxismo e Geografia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo, Nobel, 1986.</p>				

7. ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE GEOGRAFIA

Durante um longo tempo, conviveu-se com as críticas aos conteúdos ditos de Geografia Física e os de Geografia Humana. Criticava-se o ensino descritivo e fragmentado, apoiado na memorização, desconsiderando o processo de ordem natural e social da Geografia. Atualmente, a discussão é encaminhada em outro sentido; trabalham-se os conteúdos relacionados à natureza e sua importância para a sociedade. Por isso, a aprendizagem se complementa pela experimentação, ou seja, pela prática. Considerando que as categorias fundamentais do conhecimento geográfico compreendem, entre outras, espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população, são elas que definem o objeto da geografia e seu relacionamento. De todas essas categorias, a mais geral e que inclui as demais é o espaço (SILVA, 1978).

A aprendizagem se dá por meio da vivência e, sobretudo, do interesse. O interesse pode ser despertado pela motivação, a qual pode ser intrínseca ou extrínseca. Na formação acadêmica o graduando pode ser despertado e/ou motivado pelo professor a buscar ou aprofundar seus conhecimentos.

Antes, é preciso diferenciar a formação da informação. A informação é momentânea enquanto a formação é um processo que envolve outro tempo, aquele da reflexão. Assim, a formação é um processo, ela requer críticas e pensar o mundo sob diferentes olhares (CARLOS, 1999). Desse modo, a atividade prática, seja em laboratório específico, na própria sala de aula, ou no campo, é o momento em que os conhecimentos serão sedimentados, momento para reflexões.

Como a motivação também pode ser intrínseca ou extrínseca, cabe ao motivador “professor” aguçar a curiosidade do acadêmico, valorizando a vivência que ele já possui do meio no qual está inserido, e chamando a atenção para os aspectos relevantes de cada nova experiência. Para tanto, é fundamental a experimentação que tem por objetivo treinar habilidades, as quais necessitam, primordialmente, de conhecimentos prévios. Em razão disso, todas as atividades práticas, devem seguir uma sequência determinada, gerenciada ou sugerida pelo professor.

Não menos importante, as atividades ilustrativas também devem ser consideradas no processo ensino-aprendizagem, uma vez que têm como objetivo central reforçar ou mostrar conteúdos vistos em sala de aula. Essas atividades, mais comuns em saídas a campo, devem ser

conduzidas pelo professor que define o ritmo das atividades e quais aspectos devem ser observados e analisados pelos expectadores. As atividades “ilustrativas” devem ser também complementadas pelas atividades indutivas, nas quais o professor conduz os alunos a seguir um roteiro pré-determinado, a fim de se resolver um dado problema de natureza prática. Para complementar a ideia, sugerimos o exemplo da degradação dos solos. Os alunos constatarão, pela natureza e composição granulométrica, que os solos são susceptíveis à erosão, e por isso, deverão apontar soluções de uso ou manejo para a utilização racional da área observada.

As funções técnicas das atividades práticas em Geografia são também investigativas, pois abrem possibilidades para que o aluno resolva os problemas vivenciados na prática, por meio da elaboração de hipóteses que serão pesquisadas. A maioria das disciplinas da Matriz do curso de Geografia reserva de 10 a 30% da carga horária para as atividades práticas.

É importante destacar o papel dos laboratórios, espaços nos quais os alunos podem aprender, pesquisar e experimentar em atividades e projetos que extrapolam o que está programado no ementário. Nos laboratórios, desenvolvem-se atividades de ensino, projetos de pesquisa e extensão, bem como se reúnem grupos de estudos e discussões.

É considerável ressaltar que a teoria e a prática são indissociáveis no processo de ensino-aprendizagem, razão pela qual as atividades práticas devem ser planejadas, priorizando um conjunto de materiais que possibilitem boas experiências, ou seja, as atividades vivenciadas na prática são importantes, uma vez que envolvem o conhecimento do objeto estabelecido e requerem intervenção no objeto a ser transformado.

O ensino da Geografia tem uma grande importância na formação cidadã, pois o objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, espaço em constante transformação. É *in lócus* o espaço mais apropriado para fazer suas análises, críticas e observações:

A Geografia, por ser uma área do conhecimento que se preocupa com o estudo do espaço, tem importante papel a cumprir na formação da cidadania dos alunos, uma vez que formar cidadãos implica a ler, entender, representar e se localizar no espaço em que se vive (BORGES, 2001, p. 84).

Segundo Mello (2002), a teoria articulada com a prática possibilita o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Esse espaço objeto da transformação do homem é o “espaço geográfico”. Santos considera o espaço geográfico:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social (SANTOS, 2008, p. 28).

A Geografia estuda a relação dialética entre a sociedade e a natureza e como essa relação se materializa no espaço geográfico. Dessa forma, a formação dos acadêmicos em Geografia é completada por meio das atividades práticas.

No curso de Geografia da Unespar, Campus de Campo Mourão, as atividades teórico-práticas, que constam na proposta das disciplinas, serão desenvolvidas considerando a inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão. Desse modo, há práticas que serão desenvolvidas em sala de aula, e outras em laboratório ou ainda em aulas de campo. Os trabalhos de campo serão desenvolvidos por disciplina ou integrados, podendo ser, também, planejados em atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado. O Estágio Supervisionado conta com regulamento próprio (Anexo A), dadas as especificidades e as exigências legais. Na condição de estagiários, os alunos também elaboram e executam projetos, nos quais, não raro, desenvolvem atividades práticas ou de extensão.

As atividades práticas se constituem em um rol de atividades que se iniciam na sala de aula e são amplificadas, exemplificadas e experimentadas em laboratórios, e, por fim, concluídas nas atividades de campo.

No curso de Geografia, as atividades práticas que abordam a linguagem cartográfica são importantes, considerando que é por meio das técnicas cartográficas que o graduando “experimenta” as diversas formas e meios de se representar o espaço terrestre. As aulas da disciplina de Cartografia Geral são desenvolvidas no Laboratório de Cartografia (Geocarto), onde os estudantes têm contato com o acervo de cartas, mapas e maquetes, e também experimentam atividades de leitura e interpretação de mapas e cartas, elaboração de croquis, maquetes, plantas, análise de perfis topográficos, gráficos, blocos diagramas, e delimitação de bacias hidrográficas, entre outros.

No Campus de Campo Mourão, o Laboratório de Cartografia tem contribuído com a importante tarefa de proporcionar ao acadêmico os ensinamentos técnicos e práticos que irão capacitá-lo para o exercício profissional.

Por outro lado, a partir da década de 1980, se popularizou uma nova ferramenta, o computador, e com ele surgiu também o termo “geoprocessamento”, conceitos e conhecimentos

que utilizam técnicas matemáticas e computacionais para o tratamento de informações geográficas, principalmente na área cartográfica. Essa nova ferramenta permite que se analisem áreas de distribuição de recursos, transportes, comunicação, energia, planejamento, entre outras.

A ferramenta computacional conhecida como Sistema de Informação Geográfica (SIG) permite que seja analisado um conjunto de informações complexas ao integrar dados de diversas fontes, conseqüentemente, bancos de dados georreferenciados são criados, automatizando a produção de documentos cartográficos.

O curso de Geografia disponibiliza e gerencia o Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto (Lagser), espaço destinado às atividades de Cartografia Geral, Cartografia Temática, e atividades de Geoprocessamento. O Lagser é o espaço de acesso aos meios para a representação do espaço, tendo como auxílio a tecnologia da informação. Essa ferramenta tecnológica é fundamental para a formação do profissional em Geografia.

Nesse Laboratório, são apresentados aos acadêmicos problemas e situações que envolvem a vida profissional do geógrafo, como por exemplo: levantamento topográfico; mapeamento de detalhes de uma área estudada com especificidades; configuração espacial para elaboração de plano diretor de um município; mapeamento geomorfológico, de fluxos de transportes e mercadorias, de riscos ambientais; elaboração de atlas escolares; elaboração de cartas climatológicas; e mapeamento de variáveis socioeconômicas e culturais.

Mesmo considerando que o objeto da Geografia seja o espaço geográfico, ou seja, o espaço ocupado, transformado, criado ou recriado pelo homem, pode-se considerar que também é o extrato do qual se obtém alguns dos recursos utilizados em sua própria transformação. Por isso, é fundamental que o profissional da Geografia tenha, no decorrer de sua trajetória acadêmica, contato com os materiais cuja gênese seja a litosfera.

Para ampliar o conhecimento sobre minerais e rochas presentes na litosfera, foi organizado no Campus de Campo Mourão o Museu Geológico, espaço físico que disponibiliza um mostruário de rochas, minerais, fósseis, além de objetos líticos. O Museu Geológico e Laboratório de Geologia possui em seu mostruário mais de 1000 exemplares de rochas e minerais, os quais são utilizados nas aulas práticas de Elementos de Geologia, Paleontologia, Geomorfologia, Pedologia, Estágio Supervisionado, entre outras disciplinas. O espaço do Museu também é aberto ao público externo.

As rochas e principalmente os minerais despertam a curiosidade, dadas as suas características, formas, cores, valor econômico, e também sua aplicabilidade como matéria prima e fonte de energia, utilizada em larga escala. Essa valorização de suas aplicações ocorre desde os tempos imemoriais até os dias atuais. Por esse motivo, o conhecimento geológico tem sido

utilizado pela sociedade ao longo da história, fundamentalmente, para prover as necessidades básicas em termos de recursos minerais e energéticos (pesquisa e prospecção mineral), exploração de materiais energéticos (combustíveis fósseis), na construção de obras civis (habitação, barragens, rodovias, túneis), e na descoberta de novos bens minerais.

Os conhecimentos básicos de rochas e minerais são fundamentais na formação acadêmica do bacharel em Geografia, pois, são dos minerais e rochas que se extraem as matérias primas que irão compor quase 100% dos materiais de construção e utensílios utilizados no dia a dia, modificando o espaço geográfico.

Por outro lado, a extração e a transformação dessas matérias primas em produtos finais, ou materiais de construção, consomem energia e degradam o meio ambiente. Considerando que os impactos no meio iniciam na prospecção e seguem em todas as demais etapas de transformação, até o descarte final ou a combustão no caso da energia fóssil, também se deve considerar que a exploração mineral gera “rejeitos”, subprodutos descartados.

Dessa forma, durante o curso, os acadêmicos precisam vivenciar experiências que contribuam para torná-los profissionais capazes de contribuir para um ambiente “mais sustentável”. E, esse contato com o Museu / Laboratório de Geologia é um dos meios que contribui para alcançar tal objetivo.

O Museu está estruturado para realizar trabalhos de identificação e classificação de rochas e minerais. Os coordenadores são professores aptos a monitorar aulas de campo e coletar amostras de rochas e minerais. Também oferecem oficinas e palestras, cujo objetivo é enfatizar a importância de trabalhos práticos, principalmente em situações problemas, desafios urbanos e ambientais, tais como a ocupação do solo urbano, estudos de recuperação ambiental de solos e águas subterrâneas, implantação de aterros e resíduos sólidos, e avaliação de impactos ambientais.

Atualmente, o papel das Geociências é atender às demandas por soluções dos problemas ambientais, relacionados às áreas de risco, desertificação e mudanças globais. Esses aspectos relacionam-se à Educação Ambiental na medida em que se faz necessária a compreensão do papel do indivíduo perante as mudanças que estão ocorrendo hoje no Planeta, e de sua responsabilidade em face dessas transformações.

O curso de Geografia de Campo Mourão sedia o Laboratório de Pesquisa Geoambiental (Lapege) e Laboratório de Sedimentologia, atendendo as disciplinas de Elementos de Pedologia, Hidrogeografia, Hidrologia e Saneamento, além de demandas de projetos de pesquisa e extensão. Os laboratórios também são utilizados para trabalhos com solos e possuem equipamentos para pesquisas limnológicas em rios e lagos da região, servindo de apoio para as aulas práticas

realizadas por professores do Curso de Geografia e do Curso de Engenharia de Produção Agroindustrial.

O Lapege também realiza estudos de Sedimentologia e Estratigrafia, que são fundamentais para a compreensão da origem e evolução da Terra. Os estudos bioestratigráficos e ou litobiocronoestratigráficos, ao mesmo tempo em que estabelecem a reconstrução histórica da superfície da Terra, recompondo sua trajetória evolutiva, são igualmente imprescindíveis na análise ambiental. As rochas sedimentares e os fósseis fornecem dados singulares para a Paleogeografia, Paleoclimatologia, e outras ciências, e também são essenciais para o entendimento da evolução do Planeta.

O Laboratório de Climatologia (Campoclima) é vinculado à Estação Automática do Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar). A parceria entre as duas instituições foi firmada em 2016 por meio de convênio. A Estação está instalada no Campus de Campo Mourão, à margem da Rodovia BR-369, km 2, na saída para Cascavel.

Até dezembro de 2016, o Laboratório, por meio de convênio, operava a Estação Climatológica Principal do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). O Campoclima mantém o banco dos dados da série histórica de 1991 a 2016. Esse banco de dados está sendo utilizado nas pesquisas desenvolvidas em Climatologia e também nas atividades práticas das disciplinas de Climatologia Básica e Climatologia Dinâmica.

A Climatologia, dada sua complexidade em razão da aproximação com a Física, necessita da manipulação de um grande volume dados históricos, sendo necessário recorrer à Estatística para se obter sínteses dos estados do tempo e, assim, conhecer o clima. Por outro lado, há equipamentos mensurando os elementos do tempo, os quais requerem leitura diária, bem como são realizadas as observações visuais (visibilidade, cobertura do céu e tipologia das nuvens).

Os dados coletados nos horários determinados pela Organização Mundial da Meteorologia são mapeados e manipulados para as devidas interpretações. O banco de dados é disponibilizado aos alunos do curso de Graduação para atividades práticas das disciplinas de Climatologia e também para atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Os dados dos elementos do tempo também são plotados em cartas (Cartas Sinóticas) produzidas diariamente e disponibilizadas na Rede Mundial de Computadores. Além disso, o Laboratório conta com imagens de satélites colocadas à disposição pelos Institutos de Meteorologia. Esses mapas, cartas e imagens são arquivados nos computadores do Laboratório de Climatologia e disponibilizados aos alunos para atividades práticas diversas, principalmente, na interpretação da circulação geral da atmosfera e na dinâmica das massas de ar que atuam nos climas do Brasil.

O curso de Geografia conta com o Laboratório de Estudos Paleoambientais (Lepafe). O Lepafe é voltado para pesquisas de caráter micropaleontológico com vistas ao entendimento das mudanças ambientais e do paleoclima. O Laboratório é utilizado por alunos da graduação para a realização de atividades práticas relacionadas à identificação de microfósseis e pseudofósseis, estágio curricular, aulas práticas (determinação de matéria orgânica, conteúdo biossedimentológico, palinologia, fitolitologia, paleobotânica, entre outras) e atividades ligadas à pesquisa de mudanças ambientais e Biogeografia, bem como, atende alunos de iniciação científica e de pós-graduação da Unespar, e aqueles oriundos de outras instituições.

O curso de Geografia dispõe de um Laboratório de Geografia Humana (Lageoh), considerando que a ciência geográfica aborda muito além da Geofísica. As aulas de campo em Geografia Humana são monitoradas pelos professores que se deslocam de seu gabinete para o local de interesse (objeto de estudo) que se torna um instrumento para a prática e ensino. As aulas práticas visam à explicação e compreensão das diferentes organizações espaciais, com a finalidade de realizar observações e levantar informações. Refere-se a um conjunto de atividades práticas orientadas para ampliar os conhecimentos acerca do espaço agrário, relações de trabalho, estrutura fundiária, logística da produção agrária, política agrária e dinâmica populacional, e movimentos sociais.

No Lageoh, realizam-se pesquisas e práticas de campo de maneira sistemática, por meio da realidade empírica e pela utilização de metodologia específica e técnicas de pesquisa, para que os resultados sejam apresentados por meio de relatórios, procurando, dessa forma, contribuir para a formação de geógrafos. Nas atividades práticas, as quais são desenvolvidas na sala de aula, no laboratório e também no campo, as informações adquiridas são confrontadas no campo, por meio de entrevistas e aplicação de questionário com a população e com os agentes sociais.

Para completar a formação acadêmica em Geografia, o Curso conta também com o Laboratório de Geografia Urbana (Labeur). Atualmente, a maioria da população reside na área urbana, e é nesse espaço que ocorrem os principais conflitos. A produção do espaço urbano perpassa pelo debate ambiental, pela gestão do espaço urbano, e pelo viés da relação dialética homem e natureza.

O processo de urbanização tem profundo impacto no espaço das cidades, uma vez que a propriedade privada do solo transforma o espaço em mercadoria. Por isso, um dos grandes problemas do meio urbano na atualidade são as áreas de interesse ambiental, que se limitam às praças e às áreas de preservação permanentes de “fundo de vale”. Esses exemplos são amostras da função do Labeur, que por meio das atividades práticas da disciplina de Geografia Urbana

desenvolvem aulas nesses espaços. Além das aulas, o Laboratório também sedia pesquisas da iniciação científica à pós-graduação.

A Unespar, por meio do Colegiado de Geografia do Campus de Campo Mourão, gerencia a Estação Ecológica do Cerrado Professora Diva Aparecida Camargo, área de preservação aberta à visitação por meio de agendamento. A área é também destinada a pesquisas e estruturada para as aulas de campo do Curso de Geografia, principalmente para a disciplina de Biogeografia. A Estação Ecológica, considerada por estudiosos e pesquisadores como uma área relictual de climas diferentes do atual, mantém ainda um herbário para acervar material florístico coletado das diferentes espécies do Cerrado.

Os alunos do Curso de Geografia, ao cursarem as disciplinas obrigatórias da Matriz Curricular, têm a oportunidade de realizar as atividades teórico-práticas vivenciando a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

A partir do terceiro ano, o estudante realizará o Estágio Profissional Supervisionado em Geografia. O estágio proporcionará ao discente o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de suas funções como bacharel. As experiências visam promover o desenvolvimento no campo profissional, por meio de conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante a realização do Curso.

7.1. ESTÁGIO PROFISSIONAL SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O estágio profissional (Regulamento – Anexo A) é uma atividade programada, orientada e avaliada, que tem como objetivo proporcionar ao acadêmico matriculado na disciplina de Estágio a aprendizagem social e profissional, por meio da participação em atividades compatíveis com a formação acadêmico-profissional do Bacharel em Geografia.

A finalidade do estágio é promover a integração entre o ensino e o mercado de trabalho, através da aproximação das empresas/órgãos públicos privados com a Unespar, Campus de Campo Mourão, tendo em vista a realização de trabalhos conjuntos e a consequente troca de conhecimentos e experiências entre os envolvidos.

Considera-se como Trabalho de Conclusão de Curso (Regulamento – Anexo B) as atividades direcionadas para a elaboração de trabalho científico, as quais proporcionam ao acadêmico a aprendizagem técnico-científica compatível com a formação profissional do curso de Geografia - Bacharelado. O Trabalho de Conclusão de Curso procura estimular o

desenvolvimento científico e tecnológico por meio de atividades que permitam relacionar teoria e prática.

7.2. CURRICULARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A extensão é uma das funções das universidades, principalmente das públicas. As atividades extensionistas contribuem para a formação do profissional cidadão. Durante o Curso, o graduando vivenciará experiências externas às atividades acadêmicas desenvolvidas na sala de aula, as quais contribuirão para que seus conhecimentos sejam aplicados de forma significativa. Esse conhecimento adquirido em sua trajetória na universidade e pós-universidade pode contribuir para superar as desigualdades sociais existentes e também para que a produção intelectual seja disseminada na sociedade, principalmente na região de abrangência da Instituição. As atividades de extensão universitária se inserem no processo educativo, cultural e científico, os quais articulam o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabilizam a relação transformadora existente entre universidade e sociedade.

O I Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão de Universidades Públicas, realizado em Brasília em 1987, considerou a extensão como:

Processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica que encontrará na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será associado aquele conhecimento. Este fluxo que estabelece a troca de saberes sistematizado, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizada deste processo dialético de teoria/prática, extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integradora social (BRASIL/MEC, 1987: 1).

A Unespar, Campus de Campo Mourão, atende a duas Microrregiões Geográficas onde o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) oscila entre os mais baixos do estado do Paraná. Em consequência, essa região é carente de projetos sociais e técnicos, principalmente no sentido de desenvolver atividades que orientem a população tão desprovida de recursos tecnológicos e até de informações básicas.

Dessa forma, a Universidade tem ainda o objetivo de resgatar o caráter civilizatório e promover valores culturais, morais e intelectuais.

A Unespar já desenvolve projetos em comunidades, no entanto, a maioria é de curta duração. Considerando que a Unespar se consolidou como universidade no final de 2013, a Instituição ainda caminha para sua consolidação, tendo como meta desenvolver também projetos de longa duração que envolverão a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense¹.

O curso de Geografia tem como meta extensionista contribuir para a elaboração e execução de projetos que promovam o desenvolvimento socioeconômico e ambiental da comunidade. As atividades de extensão ocorrerão por meio de prestação de serviços e orientações técnicas direcionadas para a proteção ambiental, como a “proteção das nascentes”, saneamento ambiental rural, elaboração de projetos para agricultura orgânica, projetos educativos relativos à taxa de crescimento populacional e planejamento familiar, atividades culturais e de orientação profissional.

A universidade é uma instituição social de caráter inovador, inquietador e revolucionário. Contudo, diante do desenvolvimento acelerado dos dias atuais é fundamental que as inovações, os conhecimentos científicos e culturais extrapolem as fronteiras do conhecimento acadêmico e atendam às demandas da sociedade, por isso, os professores têm elaborado e desenvolvido programas e projetos que visam avaliar os problemas específicos da população regional e apontar possíveis soluções.

A comunidade acadêmica envolvida nos projetos tem consciência que a extensão universitária, enquanto forma de estabelecer uma relação entre ensino superior e sociedade, é imprescindível para formar cidadãos comprometidos com a transformação da realidade social. A comunidade acadêmica engajada tem o desafio de desenvolver e implementar estratégias que possibilitem a integração com as comunidades que vivem em seu entorno (região), transformando-as em participantes e protagonistas de projetos de mudança, inclusão social, e com uma nova visão de sustentabilidade.

O Colegiado de Geografia, neste Projeto Pedagógico de Curso, propõe a curricularização da extensão distribuindo as atividades constituintes desse pilar fundamental das universidades em três eixos:

- integração na Matriz Curricular;
- integração nas atividades do Estágio Profissional Supervisionado;

¹ Com população de 338.264 habitantes (IBGE, 2009), a Mesorregião Centro-Ocidental situa-se no Terceiro Planalto Paranaense, abrangendo uma área de 11.937 km², o que corresponde a cerca de 6,0% do território estadual. A Mesorregião é constituída por 25 municípios: Altamira do Paraná; Araruna; Barbosa Ferraz; Boa Esperança; Campina da Lagoa; Campo Mourão; Corumbataí do Sul; Engenheiro Beltrão; Farol, Fênix; Goioêre; Iretama; Janiópolis; Juranda; Luiziana; Mamborê; Moreira Sales; Nova Cantu; Peabiru; Quarto Centenário; Quinta do Sol; Rancho Alegre do Oeste; Roncador; Terra Boa e Ubitatã.

- participação dos acadêmicos em projetos de extensão como parte das Atividades Acadêmico/Científicas e Culturais.

O Colegiado do Curso desenvolve diversos projetos de extensão, envolvendo os acadêmicos. Alguns são apoiados pela própria Instituição, outros por agências de fomento e/ou iniciativa privada. A participação nestas atividades também será considerada na curricularização da extensão, e contabilizada como parte das atividades complementares.

7.3. PROGRAMAS E PROJETOS DE EXTENSÃO

O Colegiado de Geografia promove ações direcionadas ao desenvolvimento de Programas e Projetos de Extensão. O Curso compreende que a extensão é fundamental como atividade inovadora capaz de transformar a realidade social e econômica. Também compreende que a extensão é um dos caminhos para a ampliação da atuação da universidade na sociedade. Na sequência, são descritas as principais atividades de extensão das quais o Colegiado de Geografia participa.

7.3.1. PROGRAMA UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS - USF

O Programa Universidade Sem Fronteiras, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná, apresenta editais para projetos de extensão universitária que incentivam a formação de equipes multidisciplinares compostas por educadores, profissionais recém-formados e estudantes das universidades e faculdades públicas do estado do Paraná. O Programa orienta a elaboração e desenvolvimento de projetos para os municípios socialmente mais críticos, considerando o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Os eixos norteadores seguem no sentido das políticas públicas voltadas à superação dos principais problemas vivenciados nas regiões mais carentes do Estado. Isso pode ser verificado nas subáreas integradas ao Programa: Incubadora dos Direitos Sociais; Apoio às Licenciaturas; Apoio à Agricultura Familiar; Apoio à Pecuária Leiteira; Apoio à Produção Agroecológica Familiar; Diálogos Culturais; Ações de Apoio à Saúde; e Extensão Tecnológica Empresarial. Assim, o trabalho e a renda, a educação e a efetividade dos direitos sociais são trabalhados de forma integrada, provocando mudanças tanto no interior das instituições participantes quanto nas respectivas localidades onde os projetos são desenvolvidos.

A Unespar é integrante do Programa e, em 2016, data do último edital, foram aprovados 12 projetos da Instituição. O Colegiado de Geografia desenvolve o projeto Sanear vinculado ao Programa, com bolsas para acadêmicos e professores.

7.3.2. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO - PIBEX

O PIBEX é um Programa Institucional de Bolsas de Extensão, financiado pela Fundação Araucária, que tem por objetivo viabilizar a participação de alunos regulares dos cursos ofertados pela Unespar no processo de interação com a sociedade, por meio de atividades de extensão que contribuam para sua formação profissional e para o exercício da cidadania.

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura é a responsável institucional pela gestão da proposta e dos recursos da Unespar no Programa Institucional de Bolsas para Extensão Universitária – PIBEX. A Pró-Reitoria divulga, anualmente, a chamada de projetos por meio de editais específicos, os quais estabelecem normas e convidam os professores extensionistas da Unespar a apresentarem propostas no âmbito do referido Programa.

A finalidade do Programa é a concessão de bolsas a alunos regularmente matriculados em cursos de graduação da Unespar para o desenvolvimento de atividades vinculadas a extensão universitária. O objetivo é incentivar a participação de alunos da graduação no desenvolvimento de atividades de extensão. Atualmente, o curso de Geografia conta com dois acadêmicos bolsistas do PIBEX.

7.3.3. PROGRAMA CINESPAR - PROGRAMA DE CINEMA ITINERANTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR)

O Cinespar é um projeto que promove a exibição de filmes de longa e curta metragem em municípios do Estado, ampliando a participação da Unespar junto às comunidades. Além de possibilitar o acesso à cultura e à popularização do cinema nacional, o Projeto proporciona aos participantes uma experiência única, de fruição estética, de experimentação de outros espaços e formas de aprendizagem; tendo viajado por inúmeras cidades e localidades paranaenses.

O projeto encontra-se em sua terceira fase. A primeira fase foi iniciada em 2011 com a denominação de Cine Fecilcam, projeto da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Com a transformação da Instituição em campus da Unespar, o projeto foi reformulado

e aprovado no Programa Universidade Sem Fronteiras (USF), ao qual ficou vinculado até o ano de 2015. Atualmente, o programa é financiado pela SETI/ USF.

7.3.4. PROGRAMA DE EXTENSÃO: DIAGNÓSTICO DE POTENCIALIDADE LOCAL NA MICRORREGIÃO DE CAMPO MOURÃO

Aprovado no ano de 2017, o Programa conta com a participação de uma equipe multidisciplinar composta por professores dos colegiados de Geografia, Administração, Turismo e Meio Ambiente, Economia, Engenharia de Produção Agroindustrial, além de alunos de graduação e pós-graduação, os quais almejam em conjunto estabelecer um diagnóstico sobre as condições da microrregião de Campo Mourão e, a partir deste, identificar potencialidades para o desenvolvimento local.

A ideia do Programa partiu do princípio de que a universidade desempenha um papel importante na formação acadêmica, na produção de conhecimento e na prática extensionista, com o intuito de transformar a realidade e melhorar as condições de vida da população local e regional. Neste ensejo, emergiu como uma demanda social reprimida, tendo em vista que a região na qual o Campus se insere apresentou sucessivas e contínuas perdas populacionais (especialmente de jovens), fator este que, associado à baixa capacidade de geração de emprego e renda, tem afetado diretamente as condições de existência e manutenção da própria Universidade.

Considera-se que o curso de Geografia, em conjunto com os demais cursos da Universidade, tem a capacidade e o dever de desenvolver projetos de ensino, pesquisa e extensão, que a possibilitem atuar no conhecimento aprofundado da realidade do local e, desta forma, auxiliar o poder público e a sociedade civil organizada na busca por alternativas, promovendo um desenvolvimento articulado com outras instâncias do poder e refletido dentro de outras escalas (nacional e global).

7.3.5. PROGRAMA - PLANO DE MANEJO DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO CERRADO PROF.^a DIVA APARECIDA CAMARGO

A Unespar, via Colegiado de Geografia, administra a Estação Ecológica desde sua criação em 1993, conforme parceria firmada com a Prefeitura Municipal de Campo Mourão (Resolução 20/93), que é a proprietária da área. Por se tratar de uma Estação Ecológica, por exigência legal é estabelecido que todas as ações desenvolvidas na mesma sejam embasadas no Plano de Manejo (Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000). Diante desse fato, cabe ao Colegiado de Geografia

a execução do Plano de Manejo, bem como a execução e/ou supervisão de todos os programas e projetos nele estabelecidos. Na Estação Ecológica do Cerrado, está prevista também a participação de acadêmicos como estagiários ou bolsistas.

7.3.6 PROGRAMA CIRANDA

O Programa Ciranda de Arte e Cultura é um programa do Centro de Ciências Humanas e da Educação que congrega ações voltadas à produção e difusão da arte e da cultura relativas à linguagem cinematográfica e vídeo, literatura, teatro, música e dança. Essas ações são desenvolvidas por meio de eventos de extensão, exposições de artes, espetáculos, mostras, oficinas e apresentações artísticas. O Programa unifica as ações, pois, ao mesmo tempo em que abre para novos projetos, amplia canais de acesso e possibilita organizar as demandas da diversidade cultural e artística.

7.3.7. PROGRAMA CREAJR-PR

O Programa CREAjr-PR foi criado em 2005 com o objetivo de aproximar os estudantes das áreas de Engenharia, Agronomia e Geociências do Sistema Profissional. O Programa viabiliza o conhecimento sobre o órgão regulador da futura profissão, sua estrutura e organização e incentiva os futuros profissionais à prática do exercício profissional ético e responsável.

O Programa contribui, principalmente, com o desenvolvimento de lideranças. Atualmente, alguns alunos do curso de Geografia Bacharelado participam como membros do CREAjr, e há um acadêmico entre os membros dirigentes.

7.3.8. PROGRAMA DE REESTRUTURAÇÃO DE CURSOS DA UNESPAR

O Programa de Reestruturação de Cursos da Unespar, coordenado pela PROGRAD, tem como objetivo implantar mudanças nos currículos acadêmicos com aproximações ~~(de)~~ e compatibilização dos projetos pedagógicos entre os cursos afins. O Colegiado do Curso de Geografia da Unespar, campus de Campo Mourão, tem participado das atividades promovidas por este Programa, e vem dialogando com os cursos de Geografia dos outros campi da Unespar e também com os demais cursos de graduação do campus de Campo Mourão, no sentido de promover a melhoria da qualidade dos cursos.

7.3.9. PARANÁ FALA INGLÊS

O Paraná Fala Inglês é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) em parceria com a Unespar e as demais instituições de ensino superior mantidas pelo governo do Paraná. O Programa visa oferecer formação e capacitação em língua inglesa para professores, estudantes e agentes universitários, e possibilitar a internacionalização da universidade por meio dos cursos de graduação e pós-graduação. O Paraná Fala Inglês é ofertado para a comunidade acadêmica da Unespar e alguns estudantes do curso de Geografia estão inscritos em um dos cursos oferecidos.

7.3.10. PROJETOS DE EXTENSÃO COORDENADOS PELO COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA

Atualmente, no Colegiado de Geografia estão em funcionamento os projetos de extensão listados no Quadro 5.

Professores	Projetos de Pesquisa
Áurea Andrade Viana Andrade	Projeto Palco Livre – Vinculado ao Programa Ciranda (Coordenadora) Projeto Cinema no Cárcere – vinculado ao Programa Cinespar (Coordenadora) Projeto Cinema Itinerante – Vinculado ao Programa Cinespar (Coordenadora). Mostra de Cinema Mazzaropi – Vinculado ao Progrma Cinespar (Coordenadora).
Cláudia Chies	III Ciclo de Palestras e Debates em Geografia (Integrante)
Edson Noriyuki Yokoo	A aula de hoje é no Museu de Geologia da Unespar: contribuição para o ensino de Geografia (Coordenador)
Eloisa de Paula Parolin	Melhoria da qualidade da água através da técnica de recuperação e proteção de nascentes em pequenas propriedades agrícolas no município de Campina da Lagoa – PR (Integrante)
Fábio Rodrigues da Costa	III Ciclo de Palestras e Debates em Geografia (Coordenador)
Gisele Ramos Onofre	III Ciclo de Palestras e Debates em Geografia (Integrante)
Jefferson de Queiroz Crispim	Melhoria da qualidade da água através da técnica de recuperação e proteção de nascentes em pequenas propriedades agrícolas no município de Campina da Lagoa – PR (Coordenador) Projeto SANEAR. (Coordenador) Saneamento ambiental- Funasa (Coordenador)
José Antônio Rocha	Espaço Museológico da Unespar: Campus de Campo Mourão (Coordenador) Melhoria da qualidade da água através da técnica de recuperação e proteção de nascentes em pequenas propriedades agrícolas no município de Campina da Lagoa – PR (Integrante) Projeto SANEAR. (Orientador)

Marcos Clair Bovo	Orientação profissional em escolas públicas da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense: direções possíveis, desafios necessários (Coordenador)
Mauro Parolin	Quebra de dormência de sementes por meio da queima controlada da Estação Ecológica do Cerrado Professora Diva Aparecida Camargo (Coordenador)
Nair Glória Massoquim	Projeto Cinema no Cárcere – vinculado ao Programa Cinespar (Integrante) Projeto Cinema Itinerante – Vinculado ao Programa Cinespar (Integrante).
Oséias Cardoso	Quebra de dormência de sementes por meio da queima controlada da Estação Ecológica do Cerrado Professora Diva Aparecida Camargo (Integrante)
Sandra Terezinha Malysz	Estágio Curricular Supervisionado: formação inicial e formação continuada de professores (Coordenadora) A pesquisa e a práxis pedagógica no ensino-aprendizagem da geografia (PIBID - Edital 003/2013) (Coordenadora) Projeto Universidade Sem Fronteiras – Sanear (Orientadora) Saneamento ambiental- Funasa (Pesquisadora)

Quadro 5 – Projetos de extensão coordenados por professores do Colegiado do Curso de Geografia Bacharelado

7.4. DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS PELO COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA

No Colegiado do Curso de Geografia, compreende-se que a pesquisa é uma atividade fundamental, capaz de transformar a realidade social e econômica, constituindo-se em um importante caminho para o incremento de inovações tecnológicas e para o avanço da ciência no país. Nos tópicos seguintes, serão descritas as principais atividades de pesquisa desenvolvidas pelos professores que integram o Colegiado.

7.4.1. RELAÇÃO DOS PROJETOS DE PESQUISA COORDENADOS PELOS PROFESSORES DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Atualmente, no Colegiado de Geografia estão em andamento vinte projetos de pesquisa aos quais os professores estão vinculados na condição de coordenadores ou pesquisadores. Além desses projetos, docentes do Curso também orientam dezessete projetos de Iniciação Científica. O Quadro abaixo apresenta a relação dos projetos em execução:

Professores	Projetos de Pesquisa
Ana Paula Colavite	<p>A dinâmica da paisagem e as relações sociedade e natureza: representações cartográficas de Campo Mourão – PR (Coordenadora)</p> <p>Monitoramento da qualidade da água na bacia hidrográfica do rio do Campo (Pesquisadora)</p> <p>Identificação de paleovegetação associada às mudanças climáticas na região da Serra do Cadeado (Ortigueira/PR) e sua relação com as formações campestres no estado do Paraná (Pesquisadora)</p>
Áurea Andrade Viana Andrade	<p>Território, poder e políticas públicas de fomento ao cooperativismo: uma análise da cooperativa dos agricultores familiares do Vale do Rio Cantu (Coordenadora).</p>
Claudia Chies	<p>Políticas Públicas para a agricultura familiar no município de Tunciras do Oeste/PR: impactos da aposentadoria rural (Coordenadora)</p>
Eloisa Silva de Paula Parolin	<p>Elã ou Ilusão Vital: uma análise da concepção de vida e de natureza na Lei no 11.105/2005 – Lei de Biossegurança (Coordenadora)</p> <p>Análise da ocorrência do Cerrado no estado do Paraná, considerações paleoambientais, nível de antropização atual e indicação de novas áreas para fins de preservação (Pesquisadora)</p>
Fábio Rodrigues da Costa	<p>O conceito de espaço na epistemologia da Geografia: do real ao virtual (Coordenador)</p> <p>Análise espacial das áreas verdes urbanas da microrregião geográfica de Campo Mourão (PR): limites e possibilidades de uso do espaço público (Pesquisador)</p>
Gisele Ramos Onofre	<p>A Terra sem Males (Coordenadora)</p> <p>Políticas públicas e desenvolvimento rural (Coordenadora)</p>
Jefferson Queiroz Crispim	<p>Monitoramento da qualidade da água na bacia hidrográfica do rio do Campo (Coordenador)</p> <p>Análise da ocorrência do Cerrado no estado do Paraná, considerações paleoambientais, nível de antropização atual e indicação de novas áreas para fins de preservação (Pesquisador)</p>
Marcos Clair Bovo	<p>Análise espacial das áreas verdes urbanas da microrregião geográfica de Campo Mourão (PR): limites e possibilidades de uso do espaço público (Coordenador)</p>
Mauro Parolin	<p>Análise da ocorrência do Cerrado no estado do Paraná, considerações paleoambientais, nível de antropização atual e indicação de novas áreas para fins de preservação (Coordenador)</p> <p>Identificação de paleovegetação associada às mudanças climáticas na região da Serra do Cadeado (Ortigueira/PR) e sua relação com as formações campestres no estado do Paraná (Coordenador)</p> <p>Deposição e conservação de sílica biogênica (espículas de esponjas e fitólitos) em diferentes depósitos sedimentares e seu significado paleoambiental: planície aluvial do Médio e Baixo Ivaí/Paraná e Lagunas Costeiras da região de Mar del Plata/Argentina (Coordenador)</p> <p>Bioindicadores para a reconstrução paleoambiental nas regiões sudeste/sul do Brasil e Sul da Província de Buenos Aires, Argentina (Coordenador)</p>

Nair Gloria Massoquim	O Clima como Mediador – Condicionante e Agravante na Dinâmica da Paisagem (Coordenadora) A dinâmica da paisagem e as relações sociedade e natureza: representações cartográficas de Campo Mourão – PR (Pesquisadora)
Oséias Cardoso	Estudo do manejo de materiais recicláveis de origem domiciliar e pública gerados no município de Campo Mourão (Coordenador)
Victor da Assunção Borsato	A vulnerabilidade de Campo Mourão aos eventos climáticos extremos (Coordenador) A caracterização do clima de Campo Mourão (Coordenador)
Zilda Ferreira Leandro	Educação e rebelião: a perspectiva formativa do MST (Coordenadora)
Celia Tamara Coêlho	Gêneros discursivos, material didático e novas tecnologias (Coordenadora)
Márcio José Pereira	A ação repressiva da delegacia na ordem política e social em relação aos indivíduos de origem germânica no Paraná durante e Segunda Guerra Mundial (1942-1945) (Coordenador)

Quadro 6 – Projetos de pesquisas coordenados por professores do Colegiado do Curso de Geografia Bacharelado

7.4.2. PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIC

A Iniciação Científica, como o próprio nome expressa, é uma oportunidade que o acadêmico tem para trilhar a carreira acadêmica e o universo da pesquisa, de forma mais aprofundada que o vivenciado em sala de aula durante a graduação. O Programa é desenvolvido a partir de um projeto de pesquisa que se vincula ao projeto do orientador, com base no qual são estabelecidos objetivos e metas a serem alcançados no decorrer de um ano (período de duração da pesquisa). O graduando pode desenvolver sua pesquisa na modalidade de bolsista (com dedicação de 20 horas semanais) ou como voluntário (com dedicação de 12 horas semanais).

O curso de Geografia tem como tradição a oferta ampla e contínua de vagas para Iniciação Científica, o que tem garantido melhorias significativas na formação do graduando, uma vez que este passa a ter maior contato com o ambiente universitário, com a leitura e a redação científica, com a rotina dos docentes, com o cotidiano dos laboratórios, com o desenvolvimento de uma pesquisa, e com a publicação de seus resultados em eventos. O PIC contribui ainda com a preparação dos acadêmicos que pretendem seguir carreira acadêmica buscando cursos de pós-graduação. No momento, o Colegiado de Geografia conta com dezessete projetos aprovados e em execução no Programa de Iniciação Científica da Unespar.

7.4.3. PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JUNIOR – PICJr.

A Iniciação Científica Júnior é a modalidade que conta com a participação de alunos do Ensino Médio, interessados em desenvolver um projeto de pesquisa no período de um ano, vinculado ao projeto de um orientador. Consiste em uma oportunidade singular para que o adolescente tenha um contato prévio com a Universidade e, desta forma, seja estimulado a se engajar no Ensino Superior.

7.4.3. REVISTA GEOMAE - GEOGRAFIA, MEIO AMBIENTE E ENSINO

A Revista Geomae, organizada e editada pelo Colegiado de Geografia, foi criada com o intuito de proporcionar um espaço para a publicação de artigos completos, entrevistas, experiências pedagógicas com modelos de atividades práticas a serem seguidas por outros professores, resenhas de livros e mídias, notas sobre eventos, notas técnicas e notas sobre assuntos polêmicos e de interesse geral, que tenham relação com a ciência geográfica e a questão ambiental.

A Revista foi lançada no ano de 2010 e, desde aquele momento, vem apresentando periodicidade semestral. Contudo, eventualmente, também comporta a publicação de números especiais. No ano de 2011, passou pela primeira avaliação do sistema Qualis CAPES, obtendo conceito B4. Os sete números já publicados abrangem, em termos gerais, trabalhos resultantes de pesquisas desenvolvidas por profissionais do ensino e pesquisa, abordando temáticas regionais, bem como, resultados de trabalhos realizados por pesquisadores de outras instituições de ensino superior do Paraná e de outros estados brasileiros.

7.4.4. GRUPOS DE PESQUISA DE PARTICIPAÇÃO/COORDENAÇÃO DOS PROFESSORES DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Outro aspecto relevante, associado à pesquisa, consiste na participação dos professores do Colegiado do Curso de Geografia, como pesquisadores ou coordenadores, em grupos de pesquisa vinculados a Unespar ou a outras IES. Além da participação de professores, os grupos contam também com a participação de estudantes, propiciando o debate relacionado à temática central de cada grupo, bem como o desenvolvimento de atividades planejadas e a organização de eventos.

Atualmente, cinco grupos de pesquisa estão em funcionamento no Colegiado do Curso de Geografia:

- Grupo de Estudos Urbanos da Fecilcam – Geurf;
- Análise Integrada em Bacias Hidrográficas;
- Estudos de Geografia Agrária – Egea;
- Estudos Regionais: Geo-histórico, Sócio-cultural, Econômico, Educacional e Ambiental – Gera;
- Movimento e Espacialidade.

7.4.5. PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, MEIO AMBIENTE E ENSINO

O curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Geografia, Meio Ambiente e Ensino é ofertado pelo Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. O Curso tem por objetivo contribuir com a formação do profissional de Geografia e de áreas afins, fornecendo subsídios teóricos e práticos alusivos à ciência geográfica. O Curso encontra-se estruturado em quatro linhas de pesquisa: Paisagem; Unidade de Análise Ambiental; Produção do Espaço Regional; Estudos Teóricos Aplicados ao Ensino de Geografia; e Epistemologia da Educação Ambiental. Conta com regulamento próprio e informações disponibilizadas no site da Unespar (link: <http://www.fecilcam.br/geomae>).

A Pós-Graduação, além de possibilitar aos egressos do curso de Geografia a continuidade de seus estudos, fomenta a pesquisa científica, coordenada e orientada pelos professores do Colegiado de Geografia, uma vez que a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso resulta em produção de artigos científicos que são divulgados à comunidade por meio de publicações em revistas especializadas. O Curso ainda promove uma importante aproximação com os graduandos em Geografia que, frequentemente, participam como ouvintes das bancas de defesa dos alunos da pós-graduação. Atualmente, a Pós-Graduação em Geografia possui uma turma em funcionamento.

7.5. EVENTOS ORGANIZADOS PELO COLEGIADO DE GEOGRAFIA

7.5.1. SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS – SEURB

O Simpósio Nacional de Estudos Urbanos é um evento bianual promovido pelo Grupo de Estudos Urbanos da Fecilcam (Geurf). O evento tem por objetivo: a) propiciar o debate sobre a pesquisa em Geografia Urbana e áreas afins; b) conhecer e discutir a produção científica da área de Geografia Urbana relacionada à dinâmica ambiental; c) proporcionar reflexões a partir da

produção do espaço urbano e do planejamento; d) refletir sobre a questão ambiental urbana; e) debater a produção do espaço urbano das pequenas e médias cidades; f) discutir e refletir sobre propostas para o desenvolvimento regional das pequenas e médias cidades. O evento é destinado a pesquisadores da área de Geografia e ciências afins, aos acadêmicos do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Geografia e áreas afins, aos professores da Educação Básica, e aos docentes vinculados ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

7.5.2. CICLO DE PALESTRAS EM GEOGRAFIA

O Ciclo de Palestras em Geografia tem como objetivo promover o debate sobre temas relacionados à Geografia e áreas afins. Constitui-se em um importante espaço para atualização dos acadêmicos do Curso, bem como para mantê-los em contato com projetos de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidos por professores de diferentes instituições do Brasil.

No ano de 2017, teve início o terceiro ciclo com duração de um ano, no decorrer do qual as palestras são pré-agendadas, totalizando uma carga horária entre 20 a 30 horas (média de seis palestras).

7.5.3. ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO - ENIEDUC

Para viabilizar as atividades de pesquisa, ensino e extensão, os cursos de Licenciatura da Unespar, Campus de Campo Mourão (Geografia, História, Matemática, Letras e Pedagogia), realizam um encontro multi/interdisciplinar para apresentação de trabalhos científicos/culturais, com mesas coordenadas por acadêmicos e professores, bem como palestras ministradas por pesquisadores renomados.

Embora o objetivo do evento seja discutir a formação do educador em sua estrutura são organizados simpósios temáticos que contribuem para novas formas de compreensão e apreensão da realidade, bem como promover a interação entre professores e estudantes. O Encontro busca ainda propiciar reflexões e discussões sobre os cursos envolvidos e sobre a formação acadêmica, almejando, sobremaneira, alcançar o equacionamento entre o conhecimento adquirido na universidade e a realidade tal como ela se apresenta.

7.5.4. ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA GERA – ENDER/SEMAGE

O evento se constitui em uma ação do Grupo de Pesquisa Gera para pensar e discutir caminhos da investigação que contribuam para o desenvolvimento regional, bem como discutir as formas de planejamento e de gestão dos territórios. No evento são discutidos os seguintes eixos temáticos: Planejamento e Gestão do Território; Políticas Públicas; e Desenvolvimento Regional e Territorial.

7.5.5. REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA PALEO PR/SC.

A PALEO PR/SC é uma reunião anual realizada pela Sociedade Brasileira de Paleontologia em parceria com a universidade que sedia o evento. O encontro tem como objetivo reunir pesquisadores, estudantes e interessados na área de Paleontologia dos estados do Paraná e Santa Catarina. A reunião é itinerante e a cada ano é escolhido um local que possua algum tipo de laço com a Paleontologia. Nesse sentido, por conta do Laboratório de Estudos Paleoambientais da Fecilcam (Lepafe), em 2013, a reunião ocorreu na Unespar, Campus de Campo Mourão. Em 2017 e 2018, a Universidade vai se candidatar, novamente, para a realização do evento.

8. CORPO DOCENTE

COORDENADORA DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA				
Nome do Docente	Graduação	Titulações	C.h. semanal (coordenação do Colegiado)	Regime de Trabalho
Sandra Terezinha Malysz	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (1994) Graduação: Bacharelado em Geografia – UEM (1998)	Mestrado em Geografia – UEM (2005)	12 Horas	TIDE
PROFESSORES EFETIVOS DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA				
Nome do Docente	Graduação	Titulação	Regime de Trabalho	
Ana Paula Colavite	Graduação: Tecnologia Ambiental- UTFPR (2004)	Mestre em Geografia – UEL (2006) Doutora em Geografia – UEM (2013)	40 Horas TIDE	
Áurea Andrade Viana Andrade	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (1997)	Mestrado em Geografia – UEM (2005) Doutorado em Geografia – UEM (2013)	40 Horas TIDE	
Cláudia Chies	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (2004)	Mestrado em Geografia – UEM (2007) Doutorado em Geografia – UEM (2017)	40 Horas TIDE	
Edson Noriyuki Yokoo	Graduação: Licenciatura em Geografia – UEM (1982)	Mestrado em Geografia – UEM (2002) Doutorado em Geografia – UEM (2013)	40 Horas TIDE	
Eloisa Silva de Paula Parolin	Graduação: Licenciatura em História – UEM (1991)	Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2001) Doutorado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2007)	40 Horas TIDE	
Fábio Rodrigues da Costa	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (2002)	Mestrado em Geografia – UEM (2005) Doutorado em Geografia – UEM (2013)	40 Horas TIDE	
Gisele Ramos Onofre	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (2001)	Mestrado em Geografia – UEM (2005) Doutorado em Geografia – USP (2011)	40 Horas TIDE	
Jefferson Queiroz Crispim	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (1995)	Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2001) Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento – UFPR (2007)	40 Horas TIDE	
José Antônio da Rocha	Graduação: Licenciatura em Geografia – UEM (1986)	Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2001)	40 Horas TIDE	
Marcos Clair Bovo	Graduação: Licenciatura em Geografia – UEM (1993)	Mestrado em Geografia – UEM (2002) Doutorado em Geografia – UNESP (2009)	40 Horas TIDE	
Mauro Parolin	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (1989)	Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2001) Doutorado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2006) Pós - Doutorado no Instituto de Geologia de Costas Y del Cuaternaria – Universidade Nacional de Mar del Plata	40 Horas TIDE	

		(2017)	
Nair Gloria Massoquim	Graduação: Licenciatura em Geografia – UEM (1987)	Mestrado em Engenharia de Produção – UFSCAR (1999) Mestrado em Geografia – UNESP (2001) Doutorado em Geografia – USP (2010)	40 Horas TIDE
Oséias Cardoso	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (1999)	Mestrado em Geografia – UEM (2004) Doutorado em Geografia – UEM (2016)	40 Horas TIDE
Sandra Terezinha Malysz	Graduação: Licenciatura em Geografia – FECILCAM (1994) Graduação: Bacharelado em Geografia – UEM (1998)	Mestrado em Geografia – UEM (2005)	40 Horas TIDE
Victor da Assunção Borsato	Graduação: Licenciatura em Geografia – UEM (1987)	Mestrado em Geografia – UEM (2001) Doutorado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2006) Pós-Doutorado em Geografia – UFPR (2013)	40 Horas TIDE
Zilda Ferreira Leandro	Graduação: Psicologia – UEM (1990)	Mestrado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – UEM (2001)	40 Horas TIDE
Professor a Contratar – Vaga anuída Prof. Virgílio Manuel Pereira Bernardino, relatado no Campus de Paranavaí.			40 Horas
PROFESSORES TEMPORÁRIOS – OUTROS COLEGIADOS			
Nome do Docente	Graduação	Titulação	Regime de Trabalho no Colegiado de Geografia
Rodrigo Barbosa Nogueira	Graduação em Letras – Libras –UFSC (2014)	Especialização em Tradução e Interpretação de LIBRAS – CENSUPEG (2014)	4 Horas

Resumo da quantidade de docentes por titulação:

Pós-doutores: 2

Doutores: 12

Mestres: 3

Especialistas: 1

9. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Ana Paula Colavite
Áurea Andrade Viana Andrade
Cláudia Chies
Edson Noriyuki Yokoo
Eloisa Silva de Paula Parolin
Fábio Rodrigues da Costa
José Antônio da Rocha
Marcos Clair Bovo
Mauro Parolin
Oséias Cardoso
Sandra Terezinha Malysz
Victor da Assunção Borsato

10. INFRAESTRUTURA DE APOIO DISPONÍVEL

10.1. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM COORDENADOS PELO COLEGIADO DE GEOGRAFIA - ESTRUTURA FÍSICA E EQUIPAMENTOS

O Curso de Geografia conta com diversos espaços de aprendizagem que se constituem em laboratórios e salas específicas que possibilitam a aplicação do conhecimento geográfico. Esses espaços ajudam a capacitar os acadêmicos do Bacharelado, propiciando ação pedagógica dinâmica, o desenvolvimento de atividades científicas, educacionais e de extensão.

Os espaços de aprendizagem que os acadêmicos têm a sua disposição na estrutura da Unespar podem ser elencados em: a) 6 (seis) salas de aula; b) Laboratório de Cartografia e Aerofotogrametria (Geocarto); c) Museu e Laboratório de Geologia; d) Laboratório de Sedimentologia/Pedologia; e) Laboratório de Pesquisa Geoambiental (Lapege); f) Laboratório de Estudos Paleoambientais da Fecilcam (Lepafe); g) Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto (Lagser); h) Laboratório de Estudos Urbanos (Labeur); i) Estação Ecológica do Cerrado Profª. Diva Aparecida Camargo; j) Laboratório de Climatologia Geográfica (Campoclima); k) Laboratório de Geografia Humana (Lageoh); l) Cinespar - Cinema Itinerante.

Todos os espaços específicos do curso de Geografia contam com um professor coordenador que possui carga horária distribuída nas atividades docentes de ensino destinada ao atendimento de alunos, organização e monitoramento. Também merece nota a sala do Colegiado do Curso situada no Bloco E, a qual oferece estrutura de atendimento para alunos e professores (Figura 1).

10.1.1. LABORATÓRIO DE CARTOGRAFIA E AEROFOTOGRAFIA - GEOCARTO

O Laboratório de Cartografia e Aerofotogrametria constitui-se em sala exclusiva para o Curso situada no Bloco E (Figura 1). Está equipado e projetado para a realização de trabalhos ligados ao Curso de Geografia. Nessa sala, os acadêmicos têm espaço para realizar atividades de leitura de mapas, cartas, confecção de maquetes, entre outros materiais.

O Laboratório possui acervo amplo e diversificado constituído por: a) aproximadamente 900 (novecentas) fotografias aéreas de grande formato; b) 150 (cento e cinquenta) fotografias aéreas de pequeno formato; c) 8 (oito) mosaicos aerofotogramétricos; d) 6 (seis) fotoíndices; e) aproximadamente 500 (quinhentas) fotografias aéreas impressas em papel vegetal; f) restituições aerofotogramétricas; g) aproximadamente 250 (duzentas e cinquenta) cartas topográficas provenientes do mapeamento sistematizado do Brasil nas escalas de 1:25.000, 1:50.000, 1:100.000, 1:250.000, 1:500.000, 1:1000.000; h) aproximadamente 150 (cento e cinquenta) mapas temáticos nacionais e internacionais; i) séries cartográficas nacionais e internacionais; j) cartas geológicas.

O Laboratório propicia o contato dos acadêmicos com equipamentos como receptor GPS, bússolas e estereoscópio de lente, curvímetro, e outros materiais para desenho cartográfico.



Figura 1. Localização e fotografia de visão parcial dos espaços exclusivos para o Curso de Geografia no Bloco E da Universidade Estadual do Paraná/Campus de Campo Mourão.

10.1.2. MUSEU E LABORATÓRIO DE GEOLOGIA

O Museu e Laboratório de Geologia é equipado com duas salas exclusivas no Bloco B (Figura 2). O espaço possui escritório e depósito com amostras em duplicatas, acervo aproximado de 1.000 amostras entre minerais, rochas e fósseis, além de objetos líticos indígenas.

O Museu realiza a identificação e a descrição macroscópica de minerais e rochas. As amostras estão classificadas e identificadas com fichas que contêm informações básicas.

Além do atendimento aos acadêmicos do curso de Geografia, o Museu recebe e atende anualmente cerca de 1.000 alunos provenientes da rede de ensino público e particular, o que permite a conexão entre o conteúdo teórico/prático dado em sala de aula com a visualização prática do mostuário, no qual é possível verificar a diversidade dos recursos minerais existentes. Os acadêmicos do Curso têm participação ativa no atendimento aos alunos da Educação Básica. Nesse sentido, além da junção entre teoria e prática, o Museu e Laboratório proporciona ao acadêmico não só o aprender geológico, mas a experiência de ensinar conteúdos de Geologia às séries com as quais terá contato quando tornar-se um profissional da Geografia.

O Museu realiza ainda constante intercâmbio por meio da permuta de amostras com os congêneres do Brasil e do exterior. Com essa medida, a coleção mineralógica se amplia constantemente. A Coordenação do Museu e Laboratório vem, nos últimos anos, participando de editais e colocando alunos bolsistas de Iniciação à Extensão para auxiliar em atividades desenvolvidas nesse espaço institucional.

10.1.3. LABORATÓRIO DE SEDIMENTOLOGIA/PEDOLOGIA

A sala exclusiva para o Curso no Bloco B (Figura 2) conta com aparato laboratorial específico para o trabalho com solos e sedimentos (peneiras, vidraria, estufa, agitador, entre outros). Nesse espaço, além das atividades pedagógicas curriculares, são realizados levantamentos de dados que embasam pesquisas acadêmicas.

10.1.4. LABORATÓRIO DE PESQUISA GEOAMBIENTAL - LAPEGE

O Laboratório possui sala exclusiva no Bloco B (Figura 2) e equipamentos para a realização de pesquisas limnológicas na região, servindo de apoio para as aulas práticas do Curso de Geografia, para outros cursos da Instituição, além de firmar parcerias científicas com outras universidades.

No Lapege, realizam-se pesquisas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação Araucária, Fundo Paraná (Universidade Sem Fronteiras), bem como junto à iniciativa privada. Nesse espaço, são executados e desenvolvidos trabalhos socioambientais, de saneamento e monitoramento de rios na Comunidade de Municípios da Região de Campo Mourão (COMCAM).

O Lapege mantém informações de pesquisas, artigos, produção bibliográfica e trabalhos de campo realizados com acadêmicos do Curso de Geografia e outros. Vale destacar a participação de estagiários, bolsistas de iniciação científica e de extensão nas suas atividades.

10.1.5. LABORATÓRIO DE ESTUDOS PALEOAMBIENTAIS DA FECILCAM – LEPAFE

O Lepafe tem como enfoque pesquisas ligadas à micropaleontologia, mais especificamente, os estudos de reconstituição paleoambiental com base em dados *proxy* (palinomorfos, fitólitos, e espículas de esponjas de água doce). Com duas salas exclusivas no Bloco B (Figura 2), o Lepafe é fiel depositário de material polínico (primeiro no Paraná), fitolítico (primeiro no Brasil) e de espículas de esponjas (segundo no Brasil).

No Laboratório, são realizadas pesquisas financiadas por agência de fomento (CNPq, Fundação Araucária e Fundo Paraná). O Lepafe possui toda a estrutura laboratorial necessária para o trato de material micropaleontológico (mufla, capela de exaustão, bancada, vidrarias, centrífugas, microscópios biológicos e petrográfico, balanças, estufas, entre outros), e contém uma biblioteca composta por 750 títulos relacionados às geociências.

O Lepafe agrega atualmente: a) bolsistas de apoio técnico e iniciação científica; b) estagiários do Curso de Geografia; c) alunos que utilizam sua estrutura para a execução de trabalhos de conclusão de curso de graduação, bem como alunos de pós-graduação (Especialização, Mestrado e Doutorado) em Geografia e áreas afins.

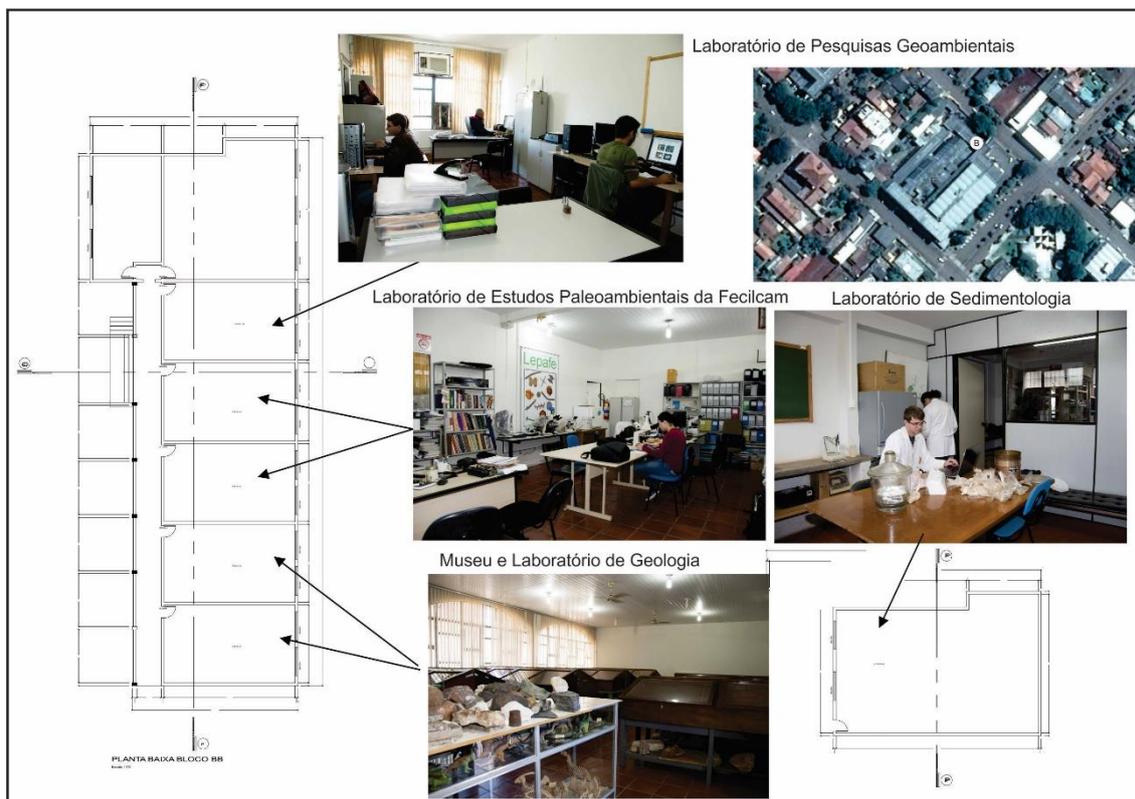


Figura 2. Planta dos Blocos B com destaque para a localização dos espaços exclusivos do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná/Campus de Campo Mourão.

10.1.6. LABORATÓRIO DE GEOPROCESSAMENTO E SENSORIAMENTO REMOTO - LAGSER

O Laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto (Lagser), com sala exclusiva no Bloco A (Figura 3), possui finalidade didática e de aplicação, atendendo as necessidades do Curso nas seguintes dimensões: graduação; pós-graduação; atividades de ensino, pesquisa e extensão. Embora específico para o Curso de Geografia, o Laboratório atende outros cursos de graduação e de pós-graduação da Unespar e outras instituições de ensino.

O Lagser dispõe de 32 computadores equipados com softwares gratuitos, entre os quais se destacam: SPRING® (Sistema de Processamento de Informações Georreferenciadas); Terra View®; Google Earth®; gvSIG®; Grass Livre®; Quantum GIS® e Inkscape®.

Os softwares são utilizados, principalmente, nas atividades de geoprocessamento, cartografia temática e digital, análise e interpretação de fotos aéreas e imagens orbitais nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

10.1.7. LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS - LABEUR

O Laboratório de Estudos Urbanos, com sala exclusiva no Bloco A (Figura 3), é um órgão de apoio com finalidade didática e de aplicação. Foi criado com o objetivo de atender às necessidades do curso de Geografia na área de estudos urbanos, abrangendo as dimensões de: graduação; pós-graduação; e projetos de ensino, pesquisa e extensão.

O Labeur possui os seguintes equipamentos instalados: 6 (seis) computadores; 2 (duas) impressoras; 6 (seis) GPS; 2 (dois) Hds externos; 2 (duas) câmeras fotográficas; 1(uma) filmadora; e acervo bibliográfico específico da área (400 títulos).

Entre as atividades desenvolvidas, o Laboratório oferece suporte a projetos de pesquisa e extensão ligados à área de Geografia Urbana e Planejamento Urbano e organiza eventos de disseminação do conhecimento à comunidade. Promove grupos de estudo com professores, pesquisadores e estudantes da Unespar, e de outras instituições do país, destacando-se que o Grupo de Estudos Urbanos da Fecilcam (Geurf) é ligado ao Laboratório.

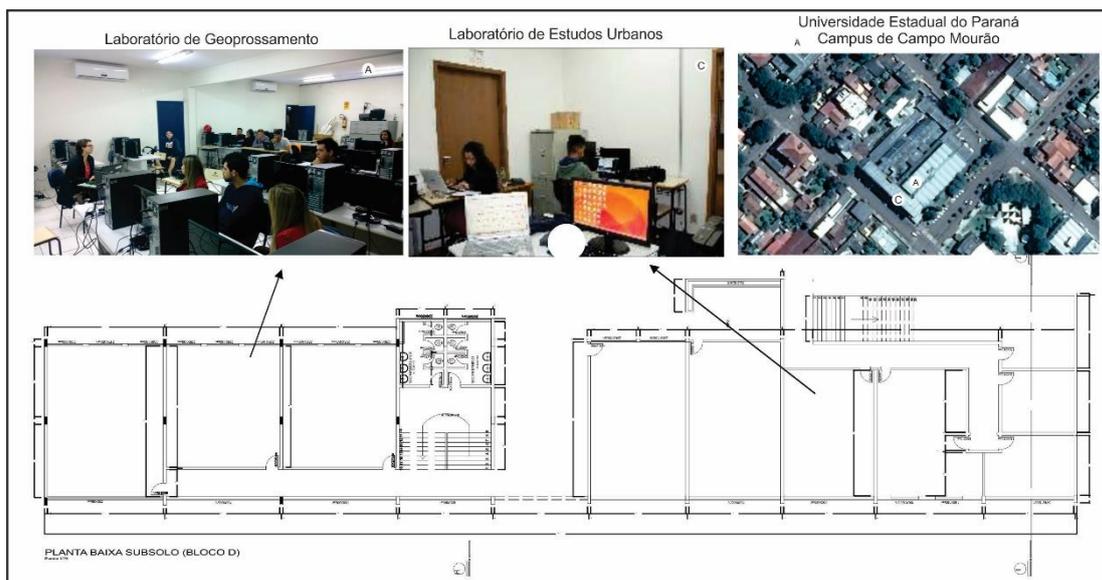


Figura 3. Planta dos Blocos A e C com destaque para a localização dos espaços exclusivos do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná/Campus de Campo Mourão.

10.1.8. ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO CERRADO PROFESSORA DIVA APARECIDA CAMARGO

Em Campo Mourão, a vegetação de Cerrado constitui-se em um relictos do Quaternário Antigo, atualmente restrito a pequenos remanescentes no entorno da cidade. A Estação Ecológica do Cerrado tem 13.318m² (Figura 4) e está localizada no Jardim Nossa Senhora

Aparecida. Por meio do Decreto nº 191, de 25 de abril de 1990, da Prefeitura Municipal de Campo Mourão, a área foi declarada como patrimônio público para fins de desapropriação. E, a sua criação se deu pelo Decreto Municipal nº 596, de 02 de junho de 1993, passando a ficar sob a responsabilidade do Colegiado de Geografia do Campus de Campo Mourão. Em 21 de dezembro de 2011, a Lei Municipal nº 2.851 denominou a Estação como Estação Ecológica do Cerrado Profª Diva Aparecida Camargo.

Atualmente, o Curso de Geografia realiza na Estação as seguintes atividades: a) palinológicas, com vistas à reconstituição paleoambiental (apoio CNPq/Fundação Araucária); b) estágios supervisionados e trabalhos de conclusão de curso em Geografia; c) pesquisas científicas sobre a distribuição espacial, regeneração e condições de fitossanidade de espécimes da vegetação do Cerrado no Município; d) atividades de extensão em Educação Ambiental por meio de visitas agendadas com alunos da Educação Básica, Superior e pesquisadores (~800 alunos/ano); e) orientações a outros cursos da Unespar e de outras instituições quanto à realização de estágios e trabalhos de conclusão de curso.

A Estação funciona de segunda a sexta em dois períodos, manhã e tarde, contando com uma sala para atendimento aos visitantes (Figura 4 - A), um escritório, cozinha e uma sala laboratorial (Figura 4 - B). A Unespar disponibiliza um agente universitário para o atendimento ao público e monitoramento dos acadêmicos que realizam atividades de estágio/extensão.



Figura 4. Imagem de satélite da Estação Ecológica Diva Aparecida Camargo (Google Earth®): (A) – Visão parcial da sala de atendimento e (B) espaço laboratorial.

10.1.9. LABORATÓRIO DE CLIMATOLOGIA DE CAMPO MOURÃO - CAMPOCLIMA

O Campoclima possui sala exclusiva no Campus 2, da Universidade Estadual do Paraná, situado na Rodovia BR 369, km 3, em Campo Mourão. Abrange o conjunto de atividades de pesquisa, ensino e extensão, centradas na compreensão da dinâmica da sociedade/natureza na análise geográfica, com enfoque na Climatologia. O Laboratório reúne professores,

pesquisadores, e interessados na área de Climatologia Geográfica, com vistas ao desenvolvimento de atividades de pesquisa, ensino e extensão.

Vinculada ao Campoclima tem-se a Estação Climatológica Automática (Figura 5), equipada com todos os sensores meteorológicos. A Estação faz parte de um convênio entre o Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar) e a Unespar, e também está instalada no Campus 2 da Universidade. Os dados coletados são mensurados, transmitidos via satélite para Curitiba e divulgados aos interessados.

A Estação tem servido como instrumento didático para o Curso, pois propicia ao acadêmico o entendimento dos processos envolvidos na aquisição e monitoramento de dados climatológicos. A Estação é importante para a região, pois atende a demanda de informações necessárias para diversas atividades, entre elas a agricultura, a construção civil, a defesa civil e as seguradoras.

Importante acrescentar que a Estação serve de espaço para a realização de estágios do curso de Geografia, contando, atualmente, com dois estagiários remunerados para monitoramento, registro e análise de dados.



Figura 5. Estação Climatológica automática instalada na Universidade Estadual do Paraná/Campus 2 – Campo Mourão.

10.1.10. LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA HUMANA - LAGEOH

O Lageoh, com sala exclusiva no Campus 2, da Universidade Estadual do Paraná (Figura 6), desenvolve e oferece suporte a pesquisas, estudos, debates, seminários, colóquios e outras atividades realizadas pelos professores da área de Geografia Humana. As atividades vinculadas ao Laboratório estão centradas no fomento e na ampliação de pesquisas que tenham como temática principal as relações entre a sociedade e a natureza, discutidas a partir da conceituação de espaço geográfico. Possui acervo bibliográfico relacionado à área (200 títulos), 3 (três) computadores e espaço para reuniões.

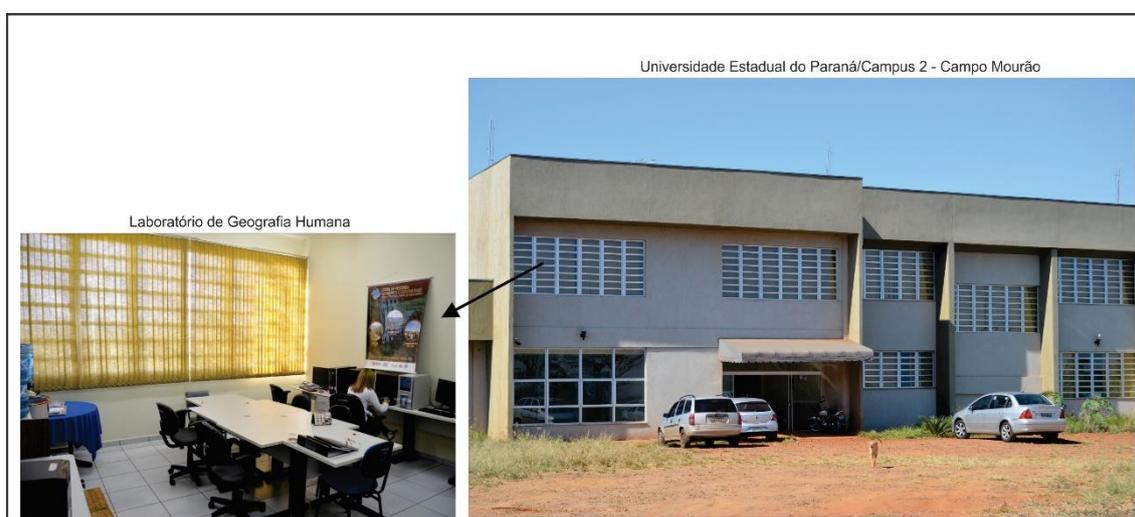


Figura 6. Vista parcial das instalações do Lageoh e do Campus 2 da Universidade Estadual do Paraná.

10.1.11. CINESPAR

O Cinespar (Cinema Itinerante) é um projeto contínuo de extensão universitária ligado ao Colegiado de Geografia. Criado em 2010, originalmente com o nome de Cine Fecilcam, o Cinespar é uma ação que permite ampliar a participação da Universidade com ações culturais nos municípios mais periféricos do estado do Paraná, por meio da exibição de filmes de longa e curta metragem e documentários latino-americanos.

O projeto também visa: a) ampliar a participação e o diálogo da universidade com a sociedade; b) colocar em evidência, em ação, a potência do movimento e o encantamento do cinema para despertar a sensibilidade intelectual da população; c) exhibir filmes, longas e curtas-metragens, para propagar a cultura nacional; d) difundir os filmes e documentários latino-americanos, visando contribuir para a identidade regional e nacional; e) oportunizar o contato

sistemático com a prática de leitura cinematográfica em lugares onde não há cinema, especialmente nas áreas rurais; f) ampliar a leitura de mundo da população por meio do diálogo com a Sétima Arte (cinema).

Além de sala específica situada no Campus 2, da Unespar (Figura 7), possui uma estrutura para atendimento de alunos e professores. Para percorrer os municípios paranaenses, o Cinespar conta com veículo próprio, telão, equipamentos de som, projeção e cadeiras que foram adquiridos com recursos da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), Fundação Araucária e Fundo Paraná. O projeto possui várias parcerias que lhe dão os direitos de uso das imagens de mais de mil e quinhentos títulos de filmes, entre longas e curtas metragens, e documentários, sendo: a) com as Produtoras de Cinema Nacional, 288 títulos; b) com a Programadora Brasil do Ministério da Cultura (Mic), 825 títulos; c) e com a Kinoforum, 500 títulos.



Figura 7 – Vista parcial das instalações do Cinespar e do Campus 2 da Universidade Estadual do Paraná.

10.2. ACESSO ÀS BIBLIOTECAS E BANCO DE DADOS

A Biblioteca do Campus de Campo Mourão possui uma área de 470 m², sendo 310 m² destinados ao acervo e 160 m² equipados com mesas/cadeiras para atendimento aos usuários. Recebe em média 10.300 alunos por mês e conta com 6 (seis) computadores para consulta ao acervo.

As bibliotecas da Unespar estão integradas pelo sistema de busca e empréstimo interbibliotecas. Encontra-se em estágio de implantação um sistema de integração via programa Apolo que pretende disponibilizar todo acervo na homepage da Instituição. Os dados abaixo se referem à composição do acervo da Universidade que os alunos têm à sua disposição:

- 1) 47.636 exemplares. Desse total, têm-se para a Geografia e áreas afins a seguinte quantificação: Antropologia - 285; Biologia - 123; Ciência Política - 4.125; Direito - 1.610; Ecologia - 434; Economia - 3.630; Educação - 6.032; Estatística - 213; Filosofia - 1.120;

Geografia/Geociências - 6.050; História - 2.934; Metodologia Científica - 848; e Sociologia - 2.325;

- 2) Acesso ao Portal de Periódicos CAPES;
- 3) A Biblioteca do Laboratório de Estudos Paleoambientais da Fecilcam com 750 títulos.
- 4) A Biblioteca do Laboratório de Estudos Urbanos que contém 400 títulos;
- 5) A Biblioteca do Laboratório de Geografia Humana com 200 títulos.

10.3. OUTROS ÓRGÃOS DE APOIO AO CURSO

10.3.1. CENTRO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DA UNESPAR - CEDH

O Centro de Educação em Direitos Humanos da UNESPAR tem como objetivo articular e organizar ações de apoio a necessidades de grupos vulneráveis e/ou socialmente excluídos para o acesso, inclusão e permanência desses grupos no ensino superior; promovendo o desenvolvimento de perspectivas educacionais e sociais inclusivas e uma cultura de valorização da diversidade e defesa dos direitos humanos. Este Centro é composto por três núcleos: Núcleo de Educação para Relações Étnico-Raciais – NERA; Núcleo de Educação para Relações de Gênero – NERG e Núcleo de Educação Especial Inclusiva – NESPI.

O CEDH, ainda e novo na Unespar. O curso de Geografia tem participado de algumas ações do NESPI a fim de diagnosticar situações de educação inclusiva no curso e discutir alternativas para o ensino aprendizagem e permanência dos estudantes.

10.3.2. CENTRO DE LINGUAS – CELIN

O Centro de Línguas tem por objetivo oferecer à comunidade acadêmica e à sociedade geral cursos de idiomas, especialmente planejados dentro de uma nova abordagem de ensino-aprendizagem que busca alcançar a formação integral dos participantes, enquanto promove, simultaneamente, a competência linguístico-comunicativa na língua desejada. O Celin oferece cursos de Inglês, Francês, Espanhol e Italiano. Atualmente acadêmicos e professores do colegiado de geografia estão matriculados em cursos deste centro.

10.3.3. COLÉGIO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DO CREA-PR

O Conselho Regional de Agronomia e Engenharia do Paraná - Crea-PR é o órgão de classe responsável pelo registro profissional do Geógrafo. O Colégio de Instituições de Ensino - CIE faz parte da estrutura básica da Governança Cooperativa do Crea-PR. A Governança Cooperativa descentraliza os assuntos do Crea-PR para o interior do Paraná e tem como objetivo a integração dos profissionais com a diretoria da entidade.

O Colégio de Instituições de Ensino - CIE corresponde a um sistema congregacional que objetiva a aproximação e a inter-relação entre inspetores, conselheiros e administração do Crea-PR, e destes com as entidades de classe, instituições de ensino, profissionais, empresas, órgãos públicos e sociedade, através de uma estrutura formal e sistematizada de encontros regionais. Possui como finalidade principal a aproximação e a inter-relação entre os coordenadores de cursos afetos ao Sistema Confea/Crea e a administração do Crea-PR, proporcionando a discussão e a harmonização de entendimentos acerca do processo de formação profissional, registro profissional e concessão de atribuições.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. A questão do território no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1995.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. In: Caderno de Ciências da Terra, São Paulo, v.13, p.1-27, 1972.

BORGES, Vilmar José. Mapeando a geografia escolar: identidades, saberes e práticas. 130f. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

BRASIL/MEC. I Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão de Universidades Públicas. Brasília, 1987.

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 009/2001, de 08 de maio de 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Ensino Fundamental. Referenciais para a Formação de Professores. Brasília, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTRO, Ina Elias de, et al (Orgs.). Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Fábio Rodrigues da. Condições periféricas: Desenvolvimento geográfico desigual no Paraná. Campo Mourão: Fecilcam, 2016.

IPARDES. Perfil da região geográfica centro ocidental paranaense. 2017. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=702&btOk=ok> Acesso em: 27 de março de 2017.

IPARDES. Os vários paranás: identificação de espacialidades socioeconômico-institucionais como subsídio a políticas de desenvolvimento regional. Curitiba: IPARDES, 2006.

LENCIONI, Sandra. Região e geografia. São Paulo: Edusp, 1999.

LOPES, Claudivan Sanches; e PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Mobilização e construção de saberes na prática pedagógica do professor de Geografia. Geosaberes [online], 2011, vol. 2, n. 3, p. 89-104. Disponível em : <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/89/pdf38>> Acesso 2013-01-16.

MASSOQUIM, Nair Glória. **Clima e paisagem da mesorregião centro ocidental paranaense**. 2010. 399f. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELLO, Suely Amaral. **A educação das crianças de zero a três anos**. Marília: texto produzido para a disciplina Metodologia da Educação Infantil FFC/ Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Geografia**. Secretaria de Estado da Educação. Curitiba: SEED-PR, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**, fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec; Annablumme, 2002.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CÔRREA, R. L.. **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Armando Corrêa da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, jan./fev./mar./abr. 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia dialética em sala de aula. In: **Revista de Educação AEC**. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

_____. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1998.

ANEXOS:

ANEXO A

REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO E DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO PROFISSIONAL SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA DO CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR, CAMPUS DE CAMPO MOURÃO

CAPÍTULO I

Da Finalidade

Art. 1º. Em consonância com a Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, a Resolução CNE/CES nº 14, de 13 de março de 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para o Curso de Geografia-Bacharelado, e a Resolução CNE/CES nº 02/2007 que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, o Regulamento tem por finalidade normatizar as atividades de Estágio Curricular Supervisionado e a disciplina de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia.

CAPÍTULO II

Da Caracterização do Estágio

Art. 2º. Para os fins do disposto neste Regulamento, consideram-se estágios as atividades programadas, orientadas e avaliadas, que proporcionam ao acadêmico matriculado na disciplina de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia, a aprendizagem social e profissional, por meio da participação em atividades de trabalho compatíveis com a formação acadêmico-profissional do Bacharel em Geografia.

Art. 3º. O estágio poderá ser realizado em empresas/órgãos públicos e privados, cuja área de atuação seja compatível com as atribuições dos profissionais de Geografia.

Parágrafo Único. Para a seleção de áreas de atuação e atividades do Estágio Profissional Supervisionado em Geografia, de que trata o Caput deste artigo, considerar-se-á os seguintes objetivos:

- a) implantar uma estratégia de profissionalização, direcionada no sentido de alcançar o desenvolvimento técnico-científico e o compromisso social a serem adquiridos pelo estudante;
- b) desenvolver o aspecto integrador do ensino, visando a consolidação do caráter interdisciplinar, através da realização de atividades práticas integradas e supervisionadas;

- c) implementar a integração entre as empresas/órgãos públicos e privados e a Unespar, Campus de Campo Mourão, tendo em vista permitir a realização de trabalhos conjuntos, e a consequente troca de conhecimentos e experiências entre os agentes envolvidos;
- d) buscar a instrumentalização prática, com o propósito de alcançar a complementaridade do conteúdo teórico das disciplinas do Curso.

CAPÍTULO III

Das Condições para a Realização do Estágio

Art. 4º. O Estágio Curricular Supervisionado do Bacharelado será orientado pelo Plano de Atividades do Estágio (PAE) elaborado na disciplina de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia.

§ 1º. A duração mínima do Estágio será de 200 horas (240 horas aula).

§ 2º. As horas de estágio serão distribuídas em 60 horas (72 horas aula) para a disciplina de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia em sala de aula e 140 horas (168 horas aula) para o desenvolvimento do Plano de Atividades do Estágio (PAE), realização do estágio, elaboração, entrega e defesa do Relatório Final do Estágio.

Art. 5º. Para a realização do Estágio Profissional Supervisionado em Geografia, o acadêmico regularmente matriculado deverá contar com a orientação de um professor do Curso de Geografia.

Parágrafo Único. Além da orientação executada pelo professor do Curso, conforme indicado no Caput deste Artigo, o acadêmico deverá contar com a supervisão prestada por um profissional designado pela empresa/órgão concedente do estágio.

Art. 6º. No prazo de até 30 (trinta) dias anterior ao início do estágio, o acadêmico candidato a essa atividade deverá encaminhar à Coordenação do Estágio os seguintes documentos:

- a) uma cópia do Termo de Compromisso de Estágio;
- b) uma cópia do Plano de Atividades do Estágio (PAE), devidamente aprovado pelo professor orientador do estágio;
- c) aceite do Plano de Atividades do Estágio (PAE), aposto pelo responsável da empresa/órgão concedente da vaga para o estágio.

CAPÍTULO IV

Da Coordenação do Estágio – Bacharelado

Art. 7º. A coordenação das atividades relacionadas ao estágio, previstas neste Regulamento, ficará sob a responsabilidade do professor da disciplina de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia.

§ 1º. Compete à Coordenação de Estágio:

- a) coordenar a elaboração da proposta de Estágio adequada à Matriz Curricular do Curso e submetê-la à aprovação do Colegiado do Curso;
- b) tratar dos assuntos relacionados ao estágio junto ao Colegiado do Curso;

- c) encaminhar, juntamente com o professor orientador de estágio, as soluções para os problemas que possam impedir o início, o andamento ou a conclusão do estágio;
- d) manter um cadastro atualizado de vagas e acadêmicos candidatos para a realização de estágios;
- e) realizar contatos com possíveis empresas/órgãos concedentes de estágio;
- f) manter os arquivos de documentos gerais e pessoais relacionados com a realização de estágios por parte de acadêmicos do Curso;
- g) analisar e conferir a documentação indicada no Caput do Artigo 6º do presente Regulamento;
- h) encaminhar à Coordenação de Curso o nome dos professores orientadores de estágio e dos seus respectivos estagiários;
- i) definir, juntamente com o professor orientador, a data para a entrega e defesa do Relatório Final do Estágio;
- j) remeter à Coordenação do Curso o resultado final da avaliação de estágio concluído pelo acadêmico.

Art. 8º. Caberá ao Coordenador de Estágio a indicação (convite) do professor orientador, entre os docentes em atividade no Curso.

§ 1º. Ao assinar o Plano de Atividades do Estágio (PAE) e o Termo de Compromisso, o professor indicado estará aceitando a orientação do estágio.

§ 2º. Cada professor do Curso poderá orientar, no máximo, 4 (quatro) estagiários.

§ 3º. A qualquer tempo, desde que devidamente justificado por escrito, tanto o professor orientador quanto o acadêmico poderão desfazer o vínculo de orientação, devendo o acadêmico providenciar, de imediato, a indicação de outro professor para dar continuidade ao seu estágio.

CAPÍTULO V

Da Orientação e Supervisão do Estágio

Art. 9º. Compete ao professor orientador de estágio:

- a) acompanhar e orientar o acadêmico estagiário na execução das atividades programadas para a realização do estágio;
- b) avaliar o Plano de Atividades do Estágio (PAE) apresentado pelo candidato ao estágio;
- c) Visitar, periodicamente, durante a realização do estágio, o local onde o mesmo se realiza, no sentido de verificar as condições de execução das suas atividades;
- d) programar encontros periódicos com o acadêmico, visando monitorar o desenvolvimento dos trabalhos e o aproveitamento do acadêmico;
- e) articular-se com o supervisor designado pela empresa/órgão, visando a orientação e a avaliação dos trabalhos realizados pelo estagiário;
- f) definir, juntamente com o Coordenador de Estágio, a data e o local para a defesa do Relatório Final;
- g) encaminhar à Coordenação de Estágio, dentro dos prazos regimentais, a avaliação final do estágio realizado pelos acadêmicos sob sua orientação;

h) enviar à Coordenação de Estágio, em tempo hábil, as solicitações de substituição ou cancelamento de orientação de estágio, bem como a notificação e a justificativa quando interrompido ou abandonado o estágio por parte do acadêmico.

Art. 10. Compete ao supervisor designado pela empresa/órgão concedente do Estágio acompanhar e supervisionar as atividades desenvolvidas pelo estagiário.

CAPÍTULO VI

Das Obrigações do Acadêmico

Art. 11. Compete ao acadêmico:

- a)** elaborar o Plano de Atividades do Estágio (PAE) a ser cumprido durante o estágio;
- b)** submeter o seu Plano de Atividades do Estágio (PAE) para aprovação do professor orientador;
- c)** contatar a empresa/órgão onde pretende realizar o estágio, no sentido de obter a reserva da vaga e o conhecimento das medidas administrativas a serem implementadas pelas partes interessadas;
- d)** obter o aceite da empresa/órgão quanto ao Plano de Atividades do Estágio (PAE) aprovado pelo professor orientador, e/ou adequá-lo, juntamente com seu supervisor, às possíveis limitações apresentadas pela concedente do estágio;
- e)** encaminhar à Coordenação de Estágio, dentro do prazo regimental, a documentação indicada no Artigo 6º deste Regulamento;
- f)** executar as atividades previstas no Plano de Atividades do Estágio (PAE), procurando zelar pelo renome do Curso e da Instituição de Ensino à qual está vinculado;
- g)** cumprir a legislação e as normas administrativas que regulamentam e disciplinam a sua relação com a concedente do estágio;
- h)** comunicar ao professor orientador os problemas ou dificuldades encontradas para o bom exercício de suas atividades;
- i)** elaborar e apresentar, quando solicitado pelo professor orientador, os relatórios parciais e o Relatório Final do Estágio;
- j)** informar ao professor orientador, em tempo hábil, o seu impedimento ou desistência para continuar o estágio, e apresentar justificativa quando impossibilitado, temporariamente, de concluir as atividades do estágio;
- k)** providenciar o seguro e o termo de compromisso junto ao Setor de Estágio da Unespar, Campus de Campo Mourão.

CAPÍTULO VII

Da Execução do Estágio

Art. 12. A realização do estágio curricular em empresas/órgãos não gera vínculo empregatício entre o estagiário e a concedente do estágio.

§ 1º. Os acadêmicos estagiários nas empresas/órgãos citados no Caput deste Artigo deverão atender às normas administrativas definidas pela concedente do estágio, particularmente, no que concerne à conduta social e disciplinar no ambiente de trabalho.

§ 2º. Os horários para execução das atividades do estágio por parte do acadêmico deverão ser ajustados ao horário de funcionamento da concedente do estágio, não podendo coincidir com os horários programados pelo Curso de Geografia para as atividades de classe.

CAPÍTULO VIII

Da Avaliação do Estágio

Art. 13. A avaliação será contínua e cumulativa.

- I- serão mencionadas notas de 0 (zero) a 10 (dez) em cada bimestre;
- II- a nota final é o resultado da média aritmética dos valores atribuídos pelo professor da disciplina de Estágio Profissional Supervisionado em Geografia e pelo orientador na avaliação de cada etapa do estágio;
- III- a nota mínima para aprovação no Estágio é 7,0 (sete);
- IV- por tratar-se de atividades práticas expostas em Relatório Final, o acadêmico que não atingir a média final 7,0 (sete) terá um prazo de no máximo 15 dias para refazer o Relatório Final;
- V- no caso de reprovação, após a segunda chance, ficará o acadêmico obrigado a cursar novamente a disciplina de Estágio.

Art. 14. Fazem parte das etapas de Estágio:

- a) elaboração do Plano de Atividades do Estágio (PAE);
- b) realização das atividades planejadas para o estágio;
- c) elaboração, entrega e defesa do Relatório Final do Estágio.

Art. 15. Para ser aprovado, o acadêmico terá que cumprir todas as etapas estabelecidas no Regulamento.

Art. 16. A defesa do Relatório Final será feita em sessão pública, perante uma Banca composta por 2 (dois) membros.

CAPÍTULO IX

Das Disposições Gerais

Art. 17. Após a aprovação do Relatório Final, o acadêmico deverá encaminhar à Coordenação do Estágio, em até cinco dias úteis, 1 (uma) cópia impressa do Relatório Final com as correções sugeridas pela banca.

Art. 18. Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado do Curso, a partir da manifestação do interessado, via protocolo.

Art. 19. Este regulamento entrará em vigor a partir da data de sua aprovação.

ANEXO B

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC, DO CURSO DE GEOGRAFIA BACHARELADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR, CAMPUS DE CAMPO MOURÃO

CAPÍTULO I

Da Finalidade

Art. 1º. O presente Regulamento tem por finalidade normatizar a disciplina curricular Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Geografia - Bacharelado.

CAPÍTULO II

Da Caracterização do Trabalho de Conclusão de Curso

Art. 2º. Para os fins do disposto neste Regulamento, consideram-se como Trabalho de Conclusão de Curso as atividades direcionadas para a elaboração da monografia, as quais proporcionam ao acadêmico, oficialmente matriculado, a aprendizagem técnico-científica compatível com a formação acadêmico-profissional do curso de Geografia- Bacharelado.

Parágrafo Único. A disciplina possui o seguinte objetivo:

a) estimular o desenvolvimento técnico-científico dos acadêmicos por meio de atividades que lhes permitam relacionar teoria e prática na elaboração de trabalho científico.

CAPÍTULO III

Das Condições para a Realização

Art. 3º. A monografia será elaborada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, com carga horária de 72 horas, no quarto ano do Curso de Geografia Bacharelado.

Art. 4º. Para elaboração da monografia o acadêmico deverá contar com a orientação de um professor do Curso de Geografia.

CAPÍTULO IV

Da Coordenação

Art. 5º. As atividades previstas neste Regulamento terão como coordenador o professor da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

§ 1º. Compete à Coordenação:

- a) coordenar a elaboração da proposta de Trabalho de Conclusão de Curso adequada à Matriz Curricular do Curso de Geografia Bacharelado;
- b) tratar dos assuntos relacionados ao Trabalho de Conclusão de Curso junto ao Colegiado do Curso;
- c) encaminhar, juntamente com o professor orientador, as soluções para os problemas que possam impedir o início, o andamento ou a conclusão do ~~mesmo~~ TCC;
- d) encaminhar à Coodenação do Curso o nome dos professores orientadores;
- e) definir a data e o local para entrega e defesa da monografia.

CAPÍTULO V

Da Orientação

Art. 6º. Compete ao professor orientador:

- a) acompanhar e orientar o acadêmico na execução das atividades programadas para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso;
- b) programar encontros periódicos com o acadêmico, visando monitorar o desenvolvimento dos trabalhos;
- c) definir, juntamente com o professor da disciplina, a data e o local para a defesa da monografia;
- d) enviar ao professor da disciplina, em tempo hábil, as solicitações de substituição ou cancelamento de orientação, bem como a notificação e a justificativa quando as atividades inerentes à elaboração da monografia forem interrompidas ou abandonadas por parte do acadêmico.

Art. 7º. Cada professor do Curso poderá orientar, no máximo, 4 (quatro) acadêmicos.

CAPÍTULO VI

Das Obrigações do Acadêmico

Art. 8º. Compete ao acadêmico:

- a) executar as atividades previstas, procurando zelar pelo renome do Curso e da Instituição de Ensino à qual está vinculado;
- b) cumprir as normas administrativas que regulamentam a disciplina;
- c) elaborar o projeto de pesquisa e apresentá-lo no Colóquio;
- d) elaborar a monografia e defendê-la perante a Banca Examinadora;
- e) comunicar ao professor orientador os problemas ou dificuldades encontradas para o bom exercício de suas atividades;

f) informar ao professor orientador, em tempo hábil, o seu impedimento ou desistência para continuar a disciplina.

CAPÍTULO VII

Da Avaliação

Art. 9º. A avaliação será contínua e cumulativa.

- I.** serão mencionadas notas de 0 (zero) a 10 (dez) em cada bimestre;
- II.** a nota final é o resultado da média aritmética dos valores atribuídos pelo professor da disciplina e pelo orientador em cada etapa de avaliação;
- III.** a nota mínima para aprovação é 7,0 (sete);
- IV.** por tratar-se de atividades teóricas e práticas, o acadêmico que não atingir a média final 7,0 (sete) terá um prazo de, no máximo, 15 dias para refazer a monografia;
- V.** no caso de reprovação ficará o acadêmico obrigado a cursar novamente a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 10. Fazem parte das etapas da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso:

- a) elaboração e entrega do projeto;
- b) apresentação do projeto no colóquio;
- c) elaboração e entrega da monografia;
- d) defesa da monografia.

Art. 11. O acadêmico deverá entregar 1 (uma) via encadernada da monografia para cada membro da Banca, observando as demais normatizações publicadas em edital (data e prazo).

Art. 12. A defesa da monografia será feita em sessão pública, perante uma banca composta por 3 (três) membros.

CAPÍTULO VIII

Das Disposições Gerais

Art. 13. Após a aprovação da monografia, o acadêmico deverá encaminhar à Coordenação do Curso, em até dez dias úteis, 1 (uma) cópia impressa com as correções sugeridas pela Banca.

Art. 14. Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado do Curso, a partir da manifestação do interessado, via protocolo.

Art. 15. Este regulamento entrará em vigor a partir da data de sua aprovação.

ANEXO C

REGULAMENTO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES DO CURSO DE GEOGRAFIA

CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Este Regulamento normatiza as Atividades Acadêmicas Complementares como parte integrante e obrigatória do currículo do Curso de Geografia Licenciatura e do Curso de Geografia Bacharelado.

Art. 2º As Atividades Acadêmicas Complementares decorrem da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e do Parecer CNE nº 2, de 19 de fevereiro de 2002.

Art. 3º As Atividades Acadêmicas Complementares têm por objetivo flexibilizar e vitalizar o currículo, de modo a propiciar maior dinamicidade à formação discente, com possibilidade de desenvolver experiências e dinamismo da área de estudo, por meio de:

- I - oportunidade de reconhecimento de habilidades, competências, e reconhecimento adquiridos fora das atividades e disciplinas estabelecidas no currículo do Curso;
- II - efetividade no preparo dos acadêmicos para enfrentar os desafios e transformações da sociedade, do mercado de trabalho, e das próprias condições de exercício profissional;
- III - incremento da interdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento científico;
- IV - fortalecimento da articulação entre a teoria e prática na consecução curricular;
- V - estímulo às atividades de extensão e cultura articuladas ao ensino e à pesquisa.

Art. 4º As Atividades Acadêmicas Complementares devem ser cumpridas a partir do primeiro ano do Curso e se apresentam como condição básica para sua conclusão.

Art. 5º O aluno deve comprovar o cumprimento de um total de 240 horas aulas (200 horas relógio) de atividades até a data de encerramento das atividades do quarto bimestre do ano de conclusão do Curso.

CAPÍTULO II DA COMPROVAÇÃO DAS ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES

Art. 6º As Atividades Acadêmicas Complementares podem ser comprovadas por:

- I – participação em eventos acadêmicos e científicos (monitoria, semanas acadêmicas, congressos, simpósios, seminários, conferências, encontros, palestras, saraus);
- II - participação em programas de monitoria desenvolvidos na Unespar, Campus de Campo Mourão;
- III - participação em cursos de extensão, aperfeiçoamento, atualização e complementação de conteúdos curriculares (incluindo cursos de formação de professores ou atualização oferecidos pelas universidades);

IV – participação em cursos on-line, desde que certificados e ofertados por entidades reconhecidas; quanto a cursos análogos realizados no exterior, a validação será feita mediante apreciação do Colegiado do Curso;

V - participação em ações sociais, projetos ou atividades de extensão universitária promovidos pela Unespar, Campus de Campo Mourão, ou por entidades reconhecidas, tais como prefeituras, ONG's, entre outras, desde que as atividades vinculem-se à área do Curso;

VI - participação em estágios não obrigatórios, mediante a devida comprovação e parecer do profissional supervisor;

VII - participação em projetos de pesquisa desenvolvidos na Unespar, Campus de Campo Mourão, ou em outras atividades de iniciação científica equivalentes, com a devida comprovação, mediante a apresentação de relatórios de acompanhamento dos órgãos de fomento e do professor, orientador ou pesquisador;

VIII - apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos e científicos (palestras, semanas acadêmicas, congressos, simpósios, seminários, conferências, encontros, entre outros);

IX - publicação de trabalhos (artigos em jornais, periódicos científicos, anais de eventos, livros e capítulos de livros, áudios-visuais, entre outros, impressos ou divulgados pela mídia eletrônica);

X - participação em programas de intercâmbio acadêmico validados pela Unespar, Campus de Campo Mourão;

XI - atuação em eventos acadêmicos na qualidade de autor e palestrante;

XII - outras atividades que atendam aos objetivos pretendidos com a realização das Atividades Acadêmicas Complementares, e, desde que sejam submetidas ao Colegiado de Geografia para análise e validação.

Parágrafo único. A carga horária cumprida em cada uma das modalidades está limitada no máximo a 50% da carga horária total prevista para o conjunto das Atividades Complementares.

CAPÍTULO III DA CARGA HORÁRIA

Art. 7º A carga horária das Atividades Acadêmicas Complementares se distribui por modalidade, cuja pontuação máxima consta na Tabela 1, observando-se o seguinte:

I - a Produção Acadêmica, somando-se todas as atividades, se limita a 100 horas - item 1.1;

II - a Produção Bibliográfica, somando-se todas as atividades, se limita a 100 horas - item 1.2;

III - a Produção Técnica, somando-se todas as atividades, se limita a 100 horas - item 1.3;

IV - a Produção em Eventos, somando-se todas as atividades, se limita a 100 horas - item 1.4;

V - a Participação em Atividades Acadêmicas (Científica, Cultural e/ou Social), somando-se todas as atividades, se limita a 100 horas - item 1.5.

CAPÍTULO IV DA NATUREZA DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 8º As Atividades Complementares são assim computadas:

I - Atividade cuja duração é especificada em horas: o mesmo número de horas quando forem realizadas na área e 50% da carga horária quando for em áreas afins. Até o limite de 50% de carga horária prevista para o conjunto de Atividades Complementares;

II - Semestre de participação em projeto de pesquisa: máximo de 25 horas por semestre, até o limite de 50% de carga horária prevista para o conjunto de atividades complementares;

III - Trabalho apresentado em eventos científicos, culturais e acadêmicos: conforme estabelecido na Tabela 1;

IV - Artigo científico publicado em jornais e revistas de circulação geral: conforme estabelecido na Tabela 1;

V - Artigo publicado em periódicos científicos indexados, em anais de eventos, ou como capítulo de livro: conforme estabelecido na Tabela 1;

VI - Participação em programas de intercâmbio acadêmico validados pela Unespar, Campus de Campo Mourão: o mesmo número de horas, até o limite de 50% de carga horária prevista para o conjunto de Atividades Complementares;

VII - Monitoria em eventos: o mesmo número de horas, até o limite de 50% de carga horária prevista para o conjunto de Atividades Complementares;

VIII - Bancas acadêmicas: serão atribuídas horas aos acadêmicos na condição de ouvintes em bancas de Mestrado, Doutorado, Pós-graduação em nível de Especialização, e em bancas de conclusão de curso e de estágio (Bacharelado e Licenciatura), conforme estabelecido na Tabela 1.

Art. 9º À Comissão das Atividades Acadêmicas Complementares, especialmente nomeada pelo Colegiado de Geografia e com distribuição de carga horária para este fim, competirá à análise e validação das solicitações encaminhadas pelos alunos.

Parágrafo único. No início de cada ano letivo, dois professores do Colegiado de Curso serão nomeados para compor a Comissão das Atividades Complementares. Aos professores integrantes da Comissão será atribuída 1 (uma) hora de atividade docente.

Art. 10. No início do terceiro ano o acadêmico deverá apresentar 50% do total das Atividades Acadêmicas Complementares previstas para conclusão do Curso.

Art. 11. Para o aluno que ingressar por transferência, as disciplinas já cursadas e não aproveitadas, poderão ser consideradas para o cumprimento da carga horária das Atividades Acadêmicas Complementares, até o máximo de 50 horas.

Art. 12. Do total de horas que compõem as Atividades Acadêmicas Complementares 80 (oitenta) horas aula devem compreender atividades de extensão para o Curso de Geografia Licenciatura, e 100 (cem) horas aula devem compreender atividades de extensão para o Curso de Geografia Bacharelado.

CAPÍTULO V DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 13. Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Geografia.

Art. 14. Este Regulamento entrará em vigor a partir da aprovação do Projeto Pedagógico do Curso.

Código	1.1. Produção Acadêmica	Máximo: 100h
	Descrição das Atividades	Valor/Pontuação
1PA	Monitoria de Ensino	1 por hora
2PA	Apoio técnico na área (não curricular)	1 por hora
3PA	Estágio não obrigatório	1 por hora
4PA	Curso ministrado/coordenado (não curricular).	1 por hora
5PA	Oficina ministrada/coordenada (não curricular).	1 por hora
6PA	Palestra ministrada (não curricular)	1 por hora
6PA	Palestra ministrada (não curricular)	1 por hora
7PA	Apoio técnico em Projeto de Ensino.	1 por hora
8PA	Publicação em Websites, Blogs, Redes Sociais, com orientação e supervisão de professor do Colegiado.	10 por atividade
Código	1.2. Produção Bibliográfica	Máximo: 100h
	Descrição das Atividades	Valor/Pontuação
1PB	Iniciação Científica.	25 por semestre
2PB	Artigo completo publicado em periódicos.	25 por artigo
3PB	Outras modalidades de publicação em periódicos (entrevistas, resenhas, oficinas, notas).	10 por trabalho
4PB	Resumo publicado em Anais de Evento.	05 por resumo
5PB	Resumo Expandido publicado em Anais de Evento.	10 por resumo
6PB	Artigo completo publicado em Anais de evento.	20 por artigo
7PB	Artigo aceito para publicação em periódicos.	20 por artigo
8PB	Autor de livro publicado.	50 por livro
9PB	Capítulo de livro publicado.	25 por capítulo
10PB	Organizador de livro publicado.	20 por livro
11PB	Apoio técnico em publicação de livro/revista.	20 por livro/ revista
12PB	Tradução.	10 por obra
Código	1.3. Produção Técnica	Máximo: 100h
	Descrição das Atividades	Valor/pontuação
1PT	Trabalho técnico: Assessoria, Consultoria, Parecer, Elaboração de Projeto, Auxiliar de Pesquisa.	1 por hora
2PT	Desenvolvimento de material didático ou instrucional (não curricular).	20 por obra
3PT	Editores: Livro, Anais, Catálogo, Coletânea, Enciclopédia, Periódico.	30 por obra

3PT	Editoração: Livro, Anais, Catálogo, Coletânea, Enciclopédia, Periódico.	30 por obra
3PT	Editoração: Livro, Anais, Catálogo, Coletânea, Enciclopédia, Periódico.	30 por obra
4PT	Programa de Rádio ou TV: Entrevista.	5 por entrevista
5PT	Colaboração em espaço de aprendizagem do Colegiado de Geografia.	1 por hora
Código	1.4. Produção em Evento	Máximo: 100h
	Descrição das Atividades	Valor/Pontuação
1PE	Apresentação de Trabalho em evento.	15 por apresentação
3PE	Monitor em evento científico.	1 por hora
4PE	Prêmio por mérito científico.	20 por prêmio
Código	1.5. Participação em Atividade Acadêmica (Científica, Cultural e/ou Social)	Máximo: 100h
	Descrição das Atividades	Valor/Pontuação
1AA	Participação em Eventos (em Geografia).	01 por hora
2AA	Participação em Eventos (áreas afins).	01 por hora
3AA	Participação em Curso e Minicurso.	01 por hora
4AA	Participação em Oficina.	01 por hora
5AA	Participação em Palestra.	01 por hora
6AA	Participação em Projeto de Pesquisa e Extensão.	01 por hora
7AA	Participação em Projeto de Ensino.	01 por hora
8AA	Participação em Grupo de Estudo organizado por professor da Unespar.	10 por ano
9AA	Participação em Grupo de Pesquisa.	10 por ano
10AA	Ouvinte em banca de Doutorado.	04 por banca
11AA	Ouvinte em banca de Mestrado.	02 por banca
12AA	Ouvinte em banca de Conclusão de Curso de Graduação, de Pós Graduação e de Estágio de Curso de Graduação.	01 por banca
13AA	Participação em Evento Cultural relacionado à Geografia e áreas afins.	01 por hora
14AA	Apresentação cultural realizada em evento relacionado à Geografia (peças teatrais, participação em coral, apresentação musical, declamação de poemas, dança, entre outras).	05 por apresentação
15AA	Participação em curso de língua estrangeira.	05 por semestre

Quadro 1 – Atividades complementares do curso de Geografia